

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA.
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE MAX. SORRE

Januário Francisco Megale

Orientador: Prof. Dr. José Ribeiro de Araújo Filho

São Paulo

- 1979 -

Tese de Doutorado apresentada na
FFLCH-USP - Departamento de Geogra-
fia, na área de Geografia Humana
- Sob a orientação do Prof. Dr.
José Ribeiro de Araújo Filho

A

meus pais,

minha esposa

e minha filha

AGRADECIMENTOS:

Aos professores dos Departamentos de Ciências Sociais e de Geografia da FFLCH/USP.

Em especial ao Orientador, Prof. Dr. José Ribeiro de Araújo Filho; ao Prof. Dr. Ruy Galvão de Andrada Coelho, e ao Prof. Dr. Ary França, pela atenção dispensada através de suas gestões e pelo estímulo permanente.

Aos professores: Pasquale Petrone,
Maria Cecília França,
Armando Corrêa da Silva,
Juarez Rubens Brandão Lopes,
Roberto Brás Mattos Macedo,
pelos cursos de pós-graduação e pelo apoio à pesquisa teórica desenvolvida nesta tese.

Ao professor Tupã Gomes Corrêa, pelo serviço de gráfica deste trabalho.

Aos colegas de pós-graduação, pela discussão conjunta em seminários e colóquios semestrais com o Orientador.

A todos devo gratidão, ressaltando porém, que as deficiências do trabalho são exclusivamente minhas.

GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE MAX. SORRE.

Introdução.

Objetivo do estudo.....	1
Metodologia.....	2
1. <u>A vida e a obra de Max. Sorre.</u>	
1.1. Esboço biográfico de Max. Sorre.....	7
1.2. A obra.....	11
2. <u>A ciência geográfica na época de Max. Sorre.</u>	
2.1. Visão geral da geografia no fim do século XIX...	21
2.2. Geografia humana e determinismo geográfico.....	28
3. <u>Ecologia e geografia na obra de Max. Sorre.....</u>	36
3.1. Geografia, sociologia e morfologia social.....	47
3.2. A ecologia enquanto domínio da geografia.....	52
3.3. A ecologia como posição metodológica.....	60
4. <u>Espaço e realidade social em Max. Sorre.....</u>	73
4.1. Mobilidade geográfica e mobilidade social.....	78
4.2. O espaço social.....	85
4.3. A geografia como ciência social.....	94
5. <u>Max. Sorre e o ensino da geografia.....</u>	103
<u>Resumo.....</u>	112
<u>Conclusão.....</u>	114
<u>Bibliografia geral.....</u>	120

INTRODUÇÃO

Objetivo do estudo

Procuramos neste trabalho analisar a obra do geógrafo contemporâneo Maximilien Sorre (1880-1962), destacando o aspecto sociológico na geografia deste autor. Dentre as diversas posições ou caminhos para tal empreendimento, apresentamos as seguintes: 1) determinar como o autor conceituou e praticou a geografia em seu contexto de ciência social; 2) determinar como Max. Sorre percebeu os aspectos sociológicos na realidade geográfica; 3) fi xar na obra sorreana os pontos de vista da sociologia em seu contexto geográfico. Estas três posições são, a rigor, complementares e, para um perfeito entendimento de uma, torna-se necessário penetrar nas demais. Entretanto, há diferenças e particularidades em cada uma destas abordagens. Assim, a primeira visa a destacar a posição do autor face a uma ciência social: a geografia, cujo objetivo precípuo de investigação é a distribuição espacial e as relações entre homem e meio físico. A segunda posição já procura detalhar pontos de vista da sociologia na vasta obra de Sorre. Não se detém na visão geográfica em si, procurando ressal tar nesta os aspectos sociológicos, conscientemente delineados pelo autor. A terceira posição, bem próxima da anterior, já é me ramente um levantamento, uma listagem de aspectos sociológicos no contexto geográfico de Sorre, sem se preocupar em integrá-los sis tematicamente. É a mais preliminar das três perspectivas apresentadas, sendo mesmo uma etapa para as anteriores. Temos, praticamente, apenas duas posições para se levar a cabo o trabalho pro-

posto.

Optamos pela primeira por ser esta a mais completa visão da obra científica do autor. De fato, Max. Sorre foi antes de tudo um geógrafo. O seu mérito em focar aspectos sociológicos na geografia não o afasta de sua formação geográfica, pelo contrário, completa e enriquece a sua visão da realidade geográfica, como parte ou elemento de um sistema social mais amplo.

Admitimos as dificuldades para tal empresa, dificuldades provenientes do conhecimento da fundamentação das ciências geográfica e sociológica, ambas ciências sociais. Esperamos contudo, com a assistência do Orientador e demais professores nos mais diversos cursos de pós-graduação feitos, ter conseguido, em parte, levar a cabo esta árdua tarefa. As falhas são exclusivamente nossas, e desejamos que novos estudos venham a superar esta tese, cujo objetivo secundário é incentivar uma aproximação interdisciplinar nas ciências humanas.

Metodologia

Entendemos aqui por metodologia a orientação, a interpretação inicial ou a posição teórica face ao problema proposto. Distinguimos entre metodologia ou método e técnicas. Estas são instrumentos, recursos, que dentro de um método vão propiciar resultados finais da pesquisa. Assim, com as mesmas técnicas: entrevistas, questionários, levantamentos aerofotogramétricos e outras, com os mesmos dados coletados através destas técnicas, podemos chegar a conclusões diferentes quanto a interpretação e resultado final da pesquisa. Um problema social estudado por um funcionalista e um marxista, dentro da mesma realidade social e no mesmo tempo, com os mesmos dados disponíveis, vai necessariamente

apresentar conclusões diferentes, até apostas, e muitas vezes complementares. Na economia temos também semelhante posição: o subdesenvolvimento visto numa perspectiva estruturalista ou monetarista apresentará resultados e políticas de ação diferentes. Também na geografia, a interpretação de dados e a conclusão de uma pesquisa de campo, com a coleta do mesmo material sobre a mesma realidade empírica, divergirão segundo a postura metodológica do pesquisador.

Por método entendemos, segundo Arbousse-Bastide, a posição teórica frente ao problema em foco, o ângulo de visão ou interpretação do problema; e por técnicas, os instrumentos de coleta, processamento e interpretação dos dados da pesquisa (Arbousse-Bastide, 1940: 306; Castro, 1972: 99 e segs. e Schaeffer, 1977: 5).

Seguimos o método histórico-estrutural, que consiste em considerar a realidade social como um todo, onde as relações entre as partes são vinculadas pelo econômico, político e cultural, todos envolvidos pelo histórico. As relações sociais são vistas num processo dinâmico, em busca de um equilíbrio funcional, sempre em mudança. Onde se situa o geográfico em nossa posição metodológica? Este é a base de nosso sistema, de nossa realidade. O espaço, o meio físico, sua delimitação e suas interações com os elementos biológico e humano são o alicerce de nossa pesquisa. O homem, ser social, vivendo em grupos, comunidades e sociedades, está num determinado meio físico e interagindo com este. Eis aí o geográfico em nosso método.

A obra de Sorre será vista dentro desta perspectiva: até que ponto ele considerou a realidade social como um sistema de instituições ou partes interligadas, até que ponto, Sorre, ao fazer geografia, considerou o elemento social e os aspectos socio

lógicos deste, incorporando-os em sua visão geográfica.

Em se tratando de um trabalho puramente teórico, nossas técnicas de pesquisa serão restritas. A leitura, fichamento e análise de conteúdo das obras do autor, seguidos pela leitura, fichamento e interpretação de trabalhos sobre os temas tratados por Sorre, e a comparação criteriosa destes: eis nossas técnicas ou instrumentos práticos de nossa pesquisa de gabinete. Não teremos nenhuma pesquisa de campo propriamente dita. Alguns cursos de pós-graduação, discussões em seminários e colóquios, supervisão permanente de professores e particularmente do Orientador contribuíram para o encaminhamento de nosso contato com a obra sorreana.

Resumidamente, deixamos a seguir nosso roteiro de trabalho: 1) conhecimento da obra de Sorre - análise de conteúdo e comparação dos enfoques sociológicos das diversas obras e temas tratados; 2) conhecimento de parte da produção geográfica sobre os temas estudados por Sorre - análise de conteúdo e sistematização dos dados colhidos dentro destes temas tratados por Sorre; 3) estudo crítico-comparativo da produção científica de Sorre do ponto de vista da geografia enquanto ciência social, ou melhor, dos aspectos sociológicos da visão geográfica de Sorre; 4) observações finais sobre a geografia e a sociologia enquanto ciências sociais, segundo Sorre.

GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA, INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE MAX. SORRE

OBRAS DE MAX. SORRE

1. Principais

- 43 - Les Fondements Biologiques de la géographie humaine. Essai d'une écologie de l'homme. Paris, A. Colin. 440 p.
- 47 - 2^e éd. revue et augmentée. Les fondements de la géographie humaine. Tome I - Les fondements biologiques. Essai d'une écologie de l'homme. Paris, A. Colin, 447 p.
- 48 - Les Fondements de la géographie humaine. Tome II - Les fondements techniques. Les techniques de la vie sociale, les techniques et la géographie de l'énergie, la conquête de l'espace. Paris. A. Colin. 608p.
- 52 - Les Fondements de la géographie humaine. Tome III - L'Habitat. Conclusion Générale. Paris, A. Colin. 499 p.
- 55 - Les migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique. Paris, Flammarion. 265 p. (Bibl. Philos. scient.).
- 57 - Rencontres de la géographie et de la sociologie. Paris, Lib. Marcel Rivière. 213p.
- 61 - Traité de géographie humaine. L'homme sur la terre. Paris, Hachette. 366 p. Trad. Española:
- 67 - El hombre en la tierra. (trad. de Francisco Payrols) Barcelona, Ed. Labor. 317p.

2. Secundárias

1. 1913 - Les Pyrénées méditerranéennes. Essai de géographie biologique. Paris, A. Colin. 1913, illustr. 508p.
2. 1938 - L'enseignement de la géographie. (org.) Paris, Cahiers de pédagogie moderne.
3. 1948 - Fondements de la géographie humaine. "Cahiers internationaux de Sociologie" Vol.V - 3^e série - 1948:21 - 37.
4. 1948 - La notion de genre de vie et sa valeur actuelle. "Annales de Géographie" LVII, (306):97-108: LVI (307): 193-204.
5. 1949 - Initiation aux recherches sur la géographie humaine. Centre d'Études Sociologiques. Paris, Centre de Documentation Universitaire. 57 p.
6. 1951 - "Année Sociologique" 3^e série - 1948-1949. Paris Presses Universitaires de France 1951: 213-220
Troisième section - Morphologie sociale
I - les bases géographiques
II- Sociologie Urbaine. Géographie et sociologie urbaine - 231-234.
- 6a. 1953 - "Année Sociologique" 3^e série - 1951 Paris. PU 1953 - Troisième Section. Morphologie sociale.
I - Les bases géographiques 189-194
II- Démographie 195-202
III- Sociologie Urbaine 203-213
IV- Sociologie rurale 214-219
- 6b. 1955 - "Année Sociologique" 3^e série - 1952 Paris. PU 1955 - Troisième section. Morphologie sociale.
I - Les bases géographiques. Études régionales
II- Démographie 310-316
III- Sociologie urbaine 317-324
IV- Sociologie rurale 325-330
7. 1954 - Géographie psychologique. L'adaptation au milieu climatique et biosocial. Paris, PUF. 52 p. (Traité de Psychologie appliquée. Tome VI Chap. III - 1343-1393. Paris PUF. 1958)
8. 1955 - Géographie des activités religieuses. "Rythmes Monde" Nouvelle série. 2^o Tome III n^o 2: 85-9

Bibliografia

- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul - 1940 - Os métodos, os processos e técnicas da pesquisa sociológica: aplicação às relações entre história e sociologia. "Sociologia", vol. II (4), 305-327.
- CASTRO, Claudio de Moura - 1972 - A ortodoxia metodológica nas ciências sociais. "Boletim Geográfico" 31 (231), nov-dez, 99-108.
- SCHAEFFER, F.K. - 1977 - O excepcionalismo na geografia, um estudo metodológico. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 7, nº 13, 1977, 5-37.

Cap. 1 - A vida e a obra de Max. Sorre.

1.1 - Esboço biográfico de Max. Sorre

O trabalho do Prof. Sorre tem sobretudo valor de método e orientação sendo pura Geografia, isto é, conservando-se fiel aos princípios gerais da ciência geográfica, que são os da extensão, generalidade e causalidade.

(Prof. Ary França)
1950

Maximilien Sorre, ou Max. Sorre (como sempre assinava e se tornou conhecido) nasceu em 1880 na cidade de Rennes, na Bretanha. Formou-se professor ali mesmo, lecionando até a Primeira Guerra Mundial, de 1901 a 1914, nas Escolas de Roche-sur-Yon onde conheceu Emmanuel de Martonne. Passou a lecionar depois em Montpellier, onde estudou com Charles Flahaut, defendendo a sua tese, em 1913: "Les Pyrénées méditerranéennes. Essai de géographie biologique". Sua tese complementar tinha por título: "Étude critique des sources de l'histoire de la viticulture et du commerce de vins et eau-de-vie en bas-Languedoc au XVIII e. siècle".

O jovem e brilhante doutor teve sua carreira bruscamente interrompida pela Guerra. Convocado em agosto de 1914, foi gravemente ferido no outono de 1915, recebendo no Hospital a Cruz de Guerra e a Legião de Honra. Desmobilizado das forças armadas, entrou Sorre para o ensino superior em Bordeaux, e depois em Strasbourg, onde colaborou na organização do ensino com os mestres Henri Baulig (1877-1962), Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch. Assumiu, em 1925, a Cátedra de Geografia Regional em Lille. Espírito de uma permanente curiosidade, começou a se interessar pelo Norte do mesmo modo que se dedicara ao estudo do sul da França.

Em 1929 tornou-se Reitor da Universidade de Lille, dedicando-se à administração. Foi nomeado Reitor em Clermont-Ferrand em 1931, e em Aix-Marseille em agosto de 1934. Exerceu esta função administrativa até que um decreto do governo de Vichy, em julho de 1940, recolocou-o no quadro da Universidade. Eleito em outubro de 1940 para a Sorbonne, na Cátedra vaga com o desaparecimento do Prof. Albert Demangeon, decidiu não mais se afastar do magistério e pesquisa, recusando ofertas de sua reintegração na Alta Administração em 1945.

Foi no decorrer deste período que publicou a sua "verdadeira enciclopédia" consagrada aos "Fondements de la Geographie Humaine", cujo primeiro volume saiu em 1943, dedicado aos aspectos biológicos, seguindo do segundo, em 1948, sobre os fundamentos técnicos, e do último, em 1952 sobre o habitat e conclusão geral (Beaujeu-Garnier, 1936: 38).

Na Sorbonne, aceitou na verdade, vários cargos de caráter administrativo, mas no próprio campo da geografia: Presidente do Comitê Nacional de Geografia; Vice-Presidente da União de Geografia Internacional; Membro de várias Sociedades Estrangeiras de Geografia; Vice-Presidente da Associação de Geógrafos Franceses; Membro do Comitê de Trabalhos Históricos e Geográficos; Membro da Direção dos "Annales de Géographie"; Membro do Centro de Estudos Sociológicos, onde teve frutuosa colaboração com Georges Gurvitch (1894-1965) e Henri Lefebvre e Presidente da Comissão Internacional de Geografia Médica.

Oficialmente aposentado, Max. Sorre continuou sua atividade como professor do Instituto de Urbanismo e Diretor do Instituto de Sociologia, publicando em 1955: "Les migrations des peuples: essai sur la mobilité géographique", e em 1957: "Rencontres

de la Géographie et de la Sociologie", seguidos de seu último livro: "L'homme sur la terre" publicado em 1961, ainda antes de sua morte. Participou também de alguns Congressos Internacionais de Geografia, em Washington, 1925; Rio de Janeiro, 1956 e Estocolmo em 1960.

A obra de Sorre "é ao mesmo tempo una e diversificada" (George, 1962: 450). De fato, Sorre teve a constante preocupação em descrever e compreender a vida dos homens sobre a terra. Neste intuito entrou em contato com biólogos, médicos, sociólogos. Incentivou os primeiros estudos de geografia médica na França, bem como a criação da Sociedade de Biogeografia, presidindo também por longos anos o Centro de Estudos Sociológicos do Centro Nacional de Pesquisas Científicas. Atestam esta preocupação interdisciplinar os seus trabalhos geográficos relacionados com estas três áreas da Ciência: "L'organisme humain et le milieu naturel", artigo de 1926; "L'organisme humain et le milieu géographique" série de considerações em 1928 e 1929; "L'écologie de l'homme, comunicação em 1930; "Complexes pathogènes et géographie médicale", artigo de 1933 e em 1943: "La géographie et les maladies infectieuses dans le cadre de l'écologie de l'homme". Sua preocupação com os aspectos biológicos da geografia já remonta a sua tese já mencionada de 1913, cujo subtítulo é: "Essai de géographie biologique". No campo da sociologia, Sorre teve missão importante no Centre d'études sociologiques do CNRS (Centre National de Recherches Scientifiques), missão esta coroada em 1957 pelo seu "Rencontres de la géographie et de la sociologie".

A diversidade da obra de Sorre provém do esforço para compreender tão complexo e dinâmico tema, impondo-lhe a solicitação de "resultados de pesquisas e experiências procedentes de outros métodos de trabalho" (George, 1962: 450).

Sorre quis ser, e de fato foi, em toda a sua vida exclusivamente geógrafo. Discípulo de La Blache, adquiriu uma erudição excepcional na leitura de todos os tratados, teses e revistas estrangeiras. Conhecia bem e gostava de recomendar a obra de Humboldt (1769-1859) e Ritter (1777-1859) ao lado de Elisée Reclus (1830-1905) e La Blache (1845-1918).

Sua vocação geográfica foi definida pelo ensino dos professores Vidal de La Blache e Emmanuel de Martonne e pela sua estada em Languedoc e Rousillon. Seu interesse pela geografia botânica foi estimulado pela presença em Montpellier de seu colega de magistério, Charles Flahault, surgindo daí a sua primeira tese. Sua motivação pela geografia médica foi consequência desta constante preocupação em atingir a realidade da condição humana, pois a geografia tem como objetivo compreender, descrever e tentar explicar a presença humana na superfície da terra. Daí o conceito de ecúmeno estar ligado ao seu nome. Neste sentido, redigiu parte importante do tratado de Piery: "Traité de climatologie biologique et médicale", de 1934, onde tratou da climatologia física, da climatologia química, clima local, microclima, climas e sociedades humanas, fisioclimatologia normal e patológica e clima urbano. O aspecto sociológico da obra de Sorre é decorrência lógica de seu pensamento, onde o elemento humano só se manifesta em grupos sociais no ecúmeno. Esta área foi a última das fronteiras da geografia humana onde Sorre se deteve. Inúmeras são suas referências à sociologia, não só no "Rencontres", mas em artigos, cursos e outros livros. É exatamente esta preocupação com o campo de incidência, com os limites destas ciências - geografia e sociologia - que constitui o escopo desta tese.

Foi a preocupação constante para com a geografia, com a fundamentação desta ciência, com as relações desta com outras geociências e ciências humanas que levou o Professor Sorre a diversificar a sua obra, diversificação, entretanto que mantém uma unidade sistêmica, pois a visão geográfica se faz presente em toda ela, seja nos primeiros trabalhos onde a botânica e a biologia surgem em estreita interdependência com o elemento humano, seja nos últimos, onde o aspecto social se faz marcadamente presente, numa / singular aproximação com a sociologia.

1.2. - Obra.

Veremos aqui apenas as características principais da obra de Max. Sorre, uma vez que os capítulos 3 e 4 tratarão a seguir de aspectos importantes da produção científica deste geógrafo.

Indiscutivelmente Max. Sorre pertence à Escola Francesa de Geografia. Neste sentido é um discípulo de Vidal de la Blache, tendo uma visão essencialmente social da geografia. Como geógrafo desta Escola, dá ênfase especial ao gênero de vida, ao habitat, à paisagem em si, e à paisagem humana, como denominou em seu último livro.

Sorre apresenta porém, uma originalidade em sua geografia. Originalidade esta que o caracteriza nitidamente como geógrafo, muito embora se tenha aproximado da sociologia e tenha buscado em outras ciências subsídios para a sua disciplina. Esta originalidade acentua a sua profissão de geógrafo, profissão de que Sorre se orgulhava e que praticou toda a sua vida, como pesquisador, como professor e como escritor.

Entre as características próprias de Max. Sorre, podemos destacar as seguintes: 1) o dinamismo dos fatos geográficos ou o seu processo em permanente atividade;

2) a ecologia como orientação ou método na

pesquisa geográfica;

3) a criação e a explicitação do conceito de complexo patogênico;

4) a aproximação com a sociologia no sentido de fixar mais ainda o caráter social da geografia humana;

5) a unidade da ciência geográfica, embora compartimentada em vários ramos para fins de pesquisa acadêmica e investigação empírica;

6) a previsão de ocorrência de fenômenos com base em seus estudos e observações do ponto de vista geográfico, e

7) o desejo de continuidade de suas pesquisas e o incentivo aos demais geógrafos, que encontram em suas obras sugestões e mesmo roteiros para esta tarefa.

A segunda e a quarta destas características serão objeto de estudo à parte em capítulos posteriores neste trabalho. Vejamos então como podemos captar na obra sorreana, sobretudo em sua obra básica que se constitui um tratado, ou uma verdadeira enciclopédia: nos três tomos de "Les fondements de la géographie humaine".

Para Sorre - e ele insiste muito nisto - o fato geográfico é essencialmente dinâmico. Não só o fato geográfico em si, mas também o fato social como um todo. Este dinamismo decorre das próprias condições do universo. A evolução é una, embora manifestada em três diferentes aspectos, como dizia o professor Dobzansky: evolução cósmica, evolução biológica e evolução cultural.

Decorrência lógica desta compreensão dinâmica da ciência geográfica é o tratamento que Sorre dá ao clima. Contra a idéia generalizada de médias, Sorre defende uma visão de clima como algo dinâmico, definindo o clima como a sucessão habitual da série de es

tados atmosféricos acima de um lugar. O professor Figueiredo Monteiro acentua esta originalidade de Sorre. (Monteiro, 1976: 22). A visão do clima como algo em movimento é sempre assinalada por Sorre. Tanto nos "Fondements", tomo primeiro onde trata especificamente do assunto, como no "Migrations" e no "Géographie Psychologique" onde o clima é visto como ponto de interferência no comportamento humano, em todas estas obras encontramos o dinamismo do clima. Cremos que esta visão sobre o clima surge em decorrência de seu ponto de vista biológico, diria melhor, de seu ponto de vista ecológico nas relações homem versus espaço.

Considerando o homem como um organismo vivo submetido, por sua vez, a determinadas condições de existência num meio natural dinâmico, Sorre insiste sempre no dinamismo do fato geográfico e do fato social como um todo. "Chegou a hora de levar em consideração o conjunto de relações complexas e dinâmicas." ... "Quando falarmos de ciclo em geografia, será sempre por aproximação e mesmo por analogia, pois não há ciclo fechado em geografia humana, como aliás nas demais ciências." (Sorre, 1952 : 9)..

Esta primeira característica de Sorre o tipifica como geógrafo da ação dinâmica tanto do meio natural como do ecúmeno em sua ação humana sobre o espaço.

A posição de orientação ou de método da ecologia é outra particularidade de Sorre. Para este autor a ecologia é o ângulo, ou melhor, o guia ou o cicerone da pesquisa geográfica. Tanto insiste nesta perspectiva ecológica que chega a dar como subtítulo de seu primeiro tomo de "Les fondements de la géographie humaine" o nome de "Essai d'une écologie de l'homme". "O exame dos fundamentos da geografia humana coloca em evidência o seu aspecto ecológico." (Sorre, 1955 : 5). O capítulo quatro nos mostrará no terceiro item: A ecologia como posição metodológica - mais detalhadamente este tra

ço essencial da geografia sorreana.

A criação e a explicitação do conceito de complexo patogênico são até hoje atribuídos e denominados como de autoria de Max. Sorre na ciência médica e nos estudos de higiene: "Complexo patogênico de Max. Sorre". De fato, este autor dedicou todo o livro III de seu primeiro tomo ao estudo: 1) dos complexos patogênicos; 2) da vida dos complexos patogênicos, e 3) dos princípios gerais da geografia médica, e da geografia médica e do ecúmeno. (Sorre, 1947 : 291-406). Também no "Migrations" o tema é tratado como processo transportado pelo migrante de uma região à outra. A importância do complexo patogênico se prende ao seu conteúdo de modificador do ecúmeno a curto e médio, ou mesmo longo prazo, através da mortalidade, da diminuição da expectativa de vida e da expansão das moléstias contagiosas em consequência da migração. O termo de complexo patogênico é apropriado devido ao ciclo vital do vetor ou do parasita que infesta o indivíduo. A diversidade e as etapas da infecção contagiosa justificam o termo criado por Sorre: complexo patogênico, designando exatamente a teia de relações entre o meio natural, o elemento biológico e o homem vivendo lado a lado com o portador da doença, seja inseto, seja protozoário, seja ovos de vermes, seja o próprio alimento ou a água.

A aproximação com a sociologia se explica como uma consequência lógica de seu pensamento e de sua investigação de cunho multidisciplinar para a compreensão da ciência geográfica. Ciência das relações humanas em referência ao espaço habitado, a geografia tem cunho marcadamente social, uma vez que a ação sobre o espaço se dá, não por um indivíduo isolado, mas pelo grupo social, pela sociedade primitiva ou ágrafa, pela sociedade agrária e pela sociedade urbano-industrial. O capítulo 4 tratará com mais detalhes desta preocupação sorreana em conceituar a geografia humana como uma ciência eminentemente social.

A unidade da ciência geográfica foi defendida ardorosamente por Max. Sorre, que criticava os inúmeros adjetivos dados à sua ciência: ".../...on a accolé beaucoup trop d'adjectifs au nom d'une science qui est une." (Sorre, 1947 : 414). Aliás, Sorre percebia não só a unidade da geografia, mas também uma unidade mais ampla, ou seja, a unidade da ciência social como um todo, do qual a geografia é uma parte: "Defendo, no que me diz respeito, o princípio geral da unicidade das ciências humanas naquilo que elas expressam a unidade do homem indivisível em cada um de seus atos." (Sorre, 1957 : 51). É bem verdade que o próprio Sorre denominou de geografia psicológica, de geografia das religiões, de geografia da circulação a alguns estudos geográficos específicos. Ele mesmo admitia o fracionamento didático e acadêmico de sua ciência. Isto porém, só com o objetivo instrumental de aprendizagem, como bem pondera no "Fondements": " Por isto, a geografia humana é una e não sofre desmembramento arbitrário. O resto é questão de comodidade de linguagem (Sorre, 1948 : 8). De fato, a unidade da ciência geográfica é consequência da unidade do homem, inteiro e não divisível em cada uma de suas ações. Sorre designa de abstrações ou fantasmas a estas criações teóricas ou a estes tipos ideais como "homo oeconomicus", "homo religiosus". Tais abstrações valem unicamente em quanto recursos de análise para fins de compreensão da realidade social em cada um de seus ângulos ou perspectivas. Esta é a posição sorreana a este respeito.

Todas estas cinco características - dinamismo do fato geográfico, ecologia como método, formulação do conceito de complexo patogênico, aproximação com a sociologia e defesa da unidade da ciência geográfica - surgem em Sorre como um conjunto harmônico, em decorrência de sua compreensão do objetivo da geografia humana:

"A primeira tarefa da geografia humana consiste no estudo do homem considerado como um organismo vivo submetido a determinadas condições de existência e reagindo às excitações recebidas do meio natural." (Sorre, 1947 : 6). Homem e meio ambiente são os dois termos-chaves da geografia humana. Ora, o homem não surge nem sobrevive isoladamente. Falar em homem significa falar em grupo social, em comunidade, em sociedade. Daí o conceito de origem grega tão usado e difundido por Sorre: ecúmeno. Meio natural designa o habitat, num primeiro momento representando a natureza sem a presença humana; e, num segundo momento, esta mesma natureza modelada pela ação antrópica. Ora, a ação humana sobre a natureza se dá através da técnica. Por outro lado, o grupo social só pode subsistir se imbuído de valores e aspirações que criarão e manterão as instituições sociais. Temos então os três termos clássicos da geografia sorreana: ecúmeno, técnica e habitat. Ora estes conceitos são os da própria ecologia humana. Daí a identificação feita por Sorre entre geografia humana e ecologia do homem.

Creemos que no ápice da geografia sorreana está a profunda compreensão do universo como um todo, como um sistema único e dinâmico. Isto esclarece a sequência adotada pelo autor na sua obra fundamental -"Les fondements de la géographie humaine" -; sequência esta que é feita "suivant les besoins de l'argumentation" e não segundo a didática pura e simples de um tratado de geografia humana. Aliás, no último tomo o autor deixa o roteiro próprio de um tratado com as indicações dos diversos volumes e capítulos com as respectivas páginas.

As duas outras características da geografia de Sorre não se referem tão estreitamente entre si ou com as anteriores. Nem por isto porém, são de menos importância. A previsão de ocorrência de fatos, com base em estudos e investigações do ponto de vista geográ

fico é uma nova característica de Sorre como geógrafo. Esta posição ímpar de Sorre é assegurada pela sua visão de conjunto do sistema formado pelo ecúmeno, técnica e recursos naturais. O "Rencontres" nos traz em seu último capítulo com o título de "A geografia e a sociologia diante da revolução técnica" uma impressionante descrição da situação atual dos recursos energéticos no mundo. Estas páginas foram escritas em janeiro de 1957, com duas décadas de antecedência da crise do petróleo e da violenta quebra do equilíbrio ecológico pela poluição ambiental e pela devastação da natureza.

Outra previsão de Sorre se refere a formação dos grandes grupos econômicos internacionais, hoje denominados de empresas multinacionais, descrita tanto no "Fondements" - tomo II, sob o título de "A geografia do capitalismo e outras formas de organização social" como no "Rencontres" ao se tratar do espaço econômico. (sorre: 1948: 148 e segs. e 1957: 109).

O desperdício e o consumismo são antevistos no "Rencontres". A humanidade encerrou-se no ciclo produção e consumo com uma espécie de delírio. Caminha para o esgotamento dos recursos energéticos e minerais, dirige-se para o limite de extensão das terras cultiváveis, sem cessar de deteriorar os solos que, por esgotamento ou pela ação de agentes naturais, tornam-se inutilizáveis. "Os defensores do progresso técnico não se dão conta disto e a noção de limite desapareceu de seu espírito." (Sorre, 1959: 196). A dominação do espaço pela astronáutica também é outro ponto em que Sorre nos deixa antever em seus escritos.

Este poder de previsão de acontecimentos é fruto da capacidade de compreender as condições então presentes para Sorre, condições estas historicamente determinadas pelo progresso técnico e equacionadas dentro do ecúmeno por diversas variáveis, entre as quais, a migração, o domínio da tecnologia avançada, a sociedade de

consumo etc..

A "consciência planetária" é outra previsão sorreana. Por esta expressão o nosso autor designa o mesmo que o antropólogo canadense Mc Luhan denomina de "aldeia global", isto é, a sociedade contemporânea que apresenta os mesmos valores e tende a homogeneizar seus padrões de comportamento, por mais distantes que estejam no espaço e por mais diversas que sejam suas culturas; isto tudo em decorrência dos meios de comunicação. Neste sentido Sorre lamenta que o ecúmeno perca assim a sua variedade pitoresca e a sua riqueza profunda. A intervenção crescente do Estado na economia foi também um outro tema tratado e previsto por Sorre. Em bora não coloquemos este tema diretamente na previsão do autor, devido a sua observação pessoal nas duas Grandes Guerras em seu país natal, Sorre descreve-nos o aumento desta intervenção nos dias atuais. A circulação, que hoje se mede em tempo e não mais pela distância é destacada na obra sorreana como uma conquista da técnica sobre o espaço.

Uma última característica de Sorre é o seu desejo ardente de que suas pesquisas fossem seguidas, ampliadas, superadas mesmo. Neste sentido, o nosso autor deixa manifesto este pedido, ao lado de sugestões para o prosseguimento de suas investigações. Certo do avanço da ciência e do dinamismo do universo que estudava, observava: "Algumas páginas deste livro envelhecerão antes de serem publicadas. Aceito desta desgraça sem ser muito atingido por ela, se o leitor procurar aqui sobretudo uma orientação e um método." (Sorre, 1947 : 5). A modéstia do autor era fruto de sua ciência e sobretudo da consciência de que a ciência caminha a longos passos, fugindo sempre de dogmas e reformulando constantemente as teorias anteriormente apresentadas.

Max. Sorre legou aos geógrafos e aos cientistas soci-

ciais em geral uma obra clássica, uma obra fundamental no que se refere ao primeiro aspecto da vida social, à primeira relação do grupo social, ou seja, a sua própria relação com o lugar onde sobrevive, onde se reproduz socialmente. Herdando de Vidal de la Blache a visão genuína de uma geografia humana possibilista e social, Sorre explicitou estas duas qualidades da Escola Francesa de Geografia, enriquecendo-as com a posição metodológica de enfoque ecológico e do caráter eminentemente social da geografia humana. O conceito de paisagem humana é o coroamento da longa caminhada de nosso autor buscando explicar o ecúmeno interagindo com o meio físico através de uma técnica sempre perfectível. Este ecúmeno é diverso em sua localização espacial e em seus traços culturais historicamente determinados, mas adquire uma consciência planetária, fazendo de todos os povos do universo uma grande aldeia, com as mesmas aspirações e os mesmos interesses sociais. É importante frizar que a geografia explica grande parte desta transformação social ocorrida no espaço geográfico.

Bibliografia.

- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline - 1963 - Entre nous - Maximilien Sorre - 1880-1962. "L'Information Géographique" Année 27e. (1) janv.-févr.: 38-39
- GEORGE, Pierre - 1962 - La vie et l'oeuvre de Max. Sorre. "Annales de Géographie" Ano LXXI (387) set.-out.: 449-459. Há tradução portuguesa desta memória em "Boletim Geográfico" ano 26 (201º dez.- 1967: 15-22
- MONTEIRO; Carlos Augusto de F. - 1976 - Teoria e clima urbano. São Paulo: USP/Instituto de Geografia 1976, ilustr. 181p (Série Teses e Monografias nº 25).
- SORRE, Max.- 1947 - Les fondements de la géographie humaine. Tome premier. Les fondements biologiques. Essai d'une écologie de l'homme. 2e. éd. revue et augmentée. Paris: A. Colin. 447p
- SORRE, Max. - 1948 - Les fondements de la géographie humaine. Tome II. Les fondements techniques. Paris: A. Colin. 608p.
- SORRE, Max. - 1952 - Les fondements de la géographie humaine. Tome III. L'Habitat. Conclusion générale. Paris: A. Colin. 499p.
- SORRE, Max. - 1954 - Géographie psychologique, in Henri Piéron - Traité de psychologie appliquée. Livre VI - Conditions et règles de vie. Chap. III - L'adaptation au milieu climatique et bio-social. Paris: Presses Universitaires de France. 1954. 52p.
- SORRE, Max. - 1955 - Les migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique. Paris: Flammarion. 265p (Bibliothèque de Philosophie Scientifique)
- SORRE, Max. - 1957 - Rencontres de la géographie et de la sociologie. Paris: Marcel Rivière. 213p (Petite Bibliothèque Sociologique Internationale)

Cap. 2 - A ciência geográfica na época de Max. Sorre

"A ciência que hesita em esquecer os seus fundadores está perdida" (A.N. Whitehead)

"Para se esquecer algo é preciso primeiro tê-lo conhecido. Uma ciência que ignora seus fundadores é incapaz de saber quanto caminhou e em que direção Ela também está perdida" (A.N. Gouldner)

2.1. Visão geral da geografia no fim do século XIX

Embora não seja nosso objetivo aprofundar aqui o aspecto histórico da geografia, enquanto ciência em formação na segunda metade do século XIX, trazemos algumas observações de ordem histórica para melhor situar o pensamento e a obra de Max. Sorre.

Pouco antes da derrota francesa - Guerra Franco-Prússia na, 1870 -1871 - Vivien de Saint-Martin escrevia no "Année Géographique" de 1863: "A educação geográfica é muito negligenciada, muito fraca... Estamos reduzidos a nomenclaturas áridas, próprias unicamente a embotar o espírito e a memória... Não há livro aceitável, para o primeiro grau, e menos ainda para o superior... Graças a organização bastante liberal de sua educação pública, a Alemanha sabe difundir e popularizar a ciência, ela possui tudo o que nos falta. As ciências geográficas ocupam neste país um lugar considerável no ensino secundário e no ensino superior... Possui bons manuais, excelentes atlas... Que a Alemanha nos sirva de exemplo e de modelo" (Broc, 1977: 71).

De fato, era lastimável a situação do conhecimento e ensino da geografia na França. A própria vitória alemã era considerada como fruto da superioridade intelectual, que através das Uni

versidades, contribuiu para o desenvolvimento do poder econômico, político e militar alemão. Em 1882, o jovem Ferdinand de Lesseps deixou de se bacharelar por não saber responder ao Mestre Barbie du Bocage, professor na Sorbonne, o que eram os pontos cardiais (Broc, 1974: 546). Ritter, de passagem por Paris, em 1845, escrevia a respeito de Guigniault, sucessor de Barbie du Bocage na Sorbonne: "Assisti a algumas de suas aulas e estou convencido de que é um sábio, mas não entende grande coisa de geografia" (Ibid, 546). Nesta mesma viagem, Ritter constatou que suas obras figuravam em bom lugar nas bibliotecas parisienses, mas geralmente não estavam cortadas. A definição pejorativa dos franceses dada por Goethe, em 1808 - "um povo que usa bigodes e ignora a geografia" - era ainda válida em 1870 (Ibid: 547). O próprio professor Levasseur, declara em 1872: "Na França não se sabe nem a geografia nem as línguas vivas" (Ibid: 547).

Era ao ensino que a Alemanha devia a sua vitória; eis o resultado do exame de consciência dos franceses após a derrota. Assim, nunca se falou tanto de geografia na França como entre 1870 e 1890. A derrota despertou a consciência nacional. Sociedades de Geografia, congressos nacionais e internacionais, homens políticos, militares, diplomatas, negociantes e pedagogos jamais estiveram tão convencidos da utilidade da ciência geográfica e da necessidade de difundir-la entre a população e não só nos bancos escolares. A efervescência criadora destes 20 anos trouxe consigo, entretanto, o paradoxo, segundo A. Meynier, da indigência do pensamento geográfico no mesmo período.

Só depois de 1890, com Vidal de la Blache e com a escola dos "Annales de Géographie" teve a França verdadeiramente o impulso decisivo na ciência geográfica.

A França via na Alemanha o seu modelo. De fato, em 1870 a Alemanha já tinha a geografia ensinada nas Universidades. Professores famosos como Kiepert em Berlim, Wapaeus e Neumann em Göttingen e Breslau respectivamente. A partir de 1871 novas cadeiras de geografia são criadas: Leipzig em 1871 e Halle em 1873. Em 1874, em todas as Universidades passa-se a ensinar a geografia; assim, Gerland e Ratzel são nomeados respectivamente para Strasbourg e Munique em 1875 e Richthofen para Bonn em 1877.

Não só nas Universidades se concentra o conhecimento e ensino da geografia, de suma importância foi o Instituto Justus Perthes, de Gotha, sem similar na Europa toda. A geografia alemã é amplamente difundida graças às notáveis coleções de manuais de nível superior. A "Bibliothek geographischer Handbücher," fundada por Ratzel, cujo primeiro volume é a célebre "Morphologie" de Penck (1894) era o que de melhor e mais completo havia para a geografia geral. Na geografia regional as coleções "Allgemeine Landerkunde," de W. Sievers (1893-1913) são os textos lidos e difundidos na Alemanha e fora do país. A coleção "Forschungen zur deutschen Landes und Volkskunde", série de monografias consagradas a Alemanha, prosseguem até a Segunda Guerra Mundial numa brilhante carreira. Vários manuais de nível menos elevado tornam-se verdadeiros best-sellers com o Handbuch der Geographie, de von Seidlitz e o Lehrbuch der Geographie de H. Wagner, com mais de dez edições até 1920.

A Alemanha é a terra abençoada de congressos científicos. Os geógrafos alemães são organizados e se encontram periodicamente em Jornadas Geográficas (Geographentag) organizadas a partir de 1881, por H. Wagner. No Congresso Internacional de Berlim, em 1899, os estrangeiros são unânimes em reconhecer a perfeição da organização e a louvável preocupação de objetividade dos geó-

grafos alemães: "Mais do que nunca, a geografia é cultivada como um fim em si mesmo, como uma ciência desinteressada. Há uma tendência, em nossa época, em se considerar a geografia como devendo ser antes de tudo prática... (A Alemanha) permanece firmemente vinculada à verdadeira tradição geográfica, ao estudo do globo... simplesmente para melhor conhecê-lo e melhor compreendê-lo"(Gallois, 1900: 65).

Nenhum país europeu tem uma infra-estrutura semelhante à da Alemanha, antes de 1914 no campo da pesquisa, do ensino, das publicações. O prestígio de geografia alemã é considerável entre os franceses, que tem os olhos fixos em seu vizinho do Além-Reno. Uma só ambição reina na intelectualidade francesa: fazer igual a Alemanha, pois melhor não é possível.

Numa Broc cita duas afirmações sobre a situação de liderança, ou melhor, de exclusiva organização intelectual da Alemanha: "Não se evocava impunemente a ciência alemã há sessenta anos", de Raoul Blanchard e "Infelizes dos que não sabiam o alemão" de Jules Isaac (Broc, 1977: 71).

O verdadeiro exame de consciência coletivo feito pelos franceses, os caminhos da Reforma Intelectual e Moral, mostrados por Renan, tudo isto motivou o dinamismo da geografia francesa depois da Guerra de 1870. Consciente deste vício nacional - ignorância da geografia - Jules Simon, Ministro da Instrução Pública, indica dois professores da Sorbonne para a reforma completa do ensino da geografia. Não só novos textos surgem nas escolas, mas também o público é incentivado a se aproximar da geografia. As editoras se rivalizam nesta renovação da geografia. São deste período a "Histoire de la Géographie", 1873, de Vivien de Saint-Martin e "La Terre" de Elisée Reclus (5 edições de 1869 a 1883).

A Editora Hachette cria o Bureau Cartographique, de onde surge o famoso Atlas Universel, equivalente francês do Stieler Handatlas alemão, até então único no mundo. De 1884 a 1911 os fascículos do Atlas Universel são difundidos na França, e em 1877 é criada a "Revue de Géographie", seguida em 1891 por outra famosa, a revista "Annales de Géographie", hoje no octogésimo sexto ano com mais de 470 números.

A Sociêté de Géographie de Paris, fundada em 1821, até então entidade um tanto de diletantismo, é tomada de novo entusiasmo, contando com novos membros (37 sócios em 1832; 100 em 1850; 200 em 1869; 645 em 1870) e inaugurando em 1873 a seção de Geografia Comercial, mais tarde Sociêté de Géographie Commerciale, autônoma. Em 1873 é criada a Sociêté de Géographie de Lyon; 1874, a Sociêté de Géographie Commerciale de Bordeaux; em 1876, a Sociêté de Géographie de Marseille; em 1878, as Sociêtés de Montpellier, Rochefort, Oran; e em 1879 as de Nancy e Rouen, seguidas pelas de Alger, Bourg, Dijon, Bouai, Lille, Lorient, Nantes, Toulouse e Tours. Ao todo a França tem nesta época 23 sociedades de Geografia com 20.000 membros. O objetivo destas sociedades é encorajar os estudos geográficos e difundir conhecimentos geográficos em conferências, cursos, viagens e turismo. A conquista da Tunísia em 1881 é unanimemente aplaudida pelas Sociedades de Geografia. O impulso pela pesquisa geográfica se prende, de um lado, ao surto dos estudos geográficos na Alemanha e, de outro, à expansão colonial dos países europeus, sobretudo na África (Dechesne, 1918: 25 e segs.).

Multiplicadas no país, as Sociedades de Geografia constituem uma verdadeira força, um grupo de pressão, como se diria hoje, um "hobby" da geografia. A falta de pesquisadores e docentes preparados para tantas Sociedades fez com que estas fossem

reagrupadas mais tarde para não perderem o dinamismo inicial. Assim, Bordeaux organiza o Groupe Géographique de Sud-Ouest: em 1880, treze Sociedades são agrupadas na Union Géographique du Nord. Na ausência do ensino superior, as Sociedades desempenhariam a pesquisa e docência, segundo o plano de P. Foncin, o mais ativo organizador de Sociedades de Geografia. Congressos nacionais são promovidos pelas Sociedades, e é na tribuna dos congressos nacionais e internacionais que Ludovic Drapeyron lança o "combate geográfico". De grande êxito foi o Congresso organizado em 1875 pela Sociedade de Geografia de Paris. Cabia à França a seção pedagógica, cujo título exato era "Ensino e difusão da Geografia". Contra o ensino de uma ladainha de nomes, contra a cartografia fácil e a mnemotecnica, insurgem-se Hennequin e Drapeyron, forjando axiomas destinados a certo sucesso: "A topografia é a alma da geografia", "Sem geografia não há história séria" e "Sem topografia não há geografia".

O que de mais importante há neste período de atividade febril da geografia na França é a gestação da geografia francesa. Vidal de la Blache, aos 27 anos em 1872, preparando-se para o magistério, viaja para a Alemanha onde se encontra com Peschel em Leipzig e com Richthofen em Berlim. Por estes ilustres professores, Vidal de la Blache é introduzido em diferentes círculos científicos e políticos. Só um pouco mais tarde é que virá a conhecer Ratzel com quem travará relações amigáveis e permanentes.

Em 1885, aos 25 anos, Emmanuel de Margerie percorre a Alemanha e visita as instituições científicas de Berlim, para onde é chamado mais tarde, em 1893, pela Sociedade de Geografia desta capital.

Em 1887, Camena d'Almeida faz a tournée clássica das Universidades alemãs, onde encontra Fischer, Kiepert, Ratzel e

"Ruge. Assiste a cursos públicos e privados, seminários e "colloquia".

De Martonne, bolsista em 1895, segue os cursos de Richthofen em Berlim e os de Penck e Hann em Viena.

Cumpra assinalar aqui os intermediários entre a geografia alemã e a geografia francesa, através do domínio do idioma alemão. Vidal de la Blache, Jean Brunhes, Emmanuel de Martonne, e mais tarde Baulig, Vallaux, Blanchard e Sorre dominavam o idioma alemão e trouxeram para a França o pensamento geográfico do Alé-reno.

Importante também é observar o conhecimento sobre Ratzel na França: "Friedrich Ratzel é certamente, com W.N. Davis, o sábio estrangeiro que mais profunda influência exerceu sobre a nova geografia francesa no fim do século XIX" (Broc, 1977: 86). Foi a Antropogeografia de Ratzel que deu origem à geografia humana na França. Entre os intermediários de Ratzel na Geografia francesa, citamos Raveneau, La Blache e Brunhes.

O problema do determinismo é o ponto principal da atenção de la Blanche. Segundo este autor, o principal mérito de Ratzel é "procurar agrupar fatos e tirar leis, afim de colocar à disposição da geografia política um fundo de idéias sobre a qual ela possa viver". Tanto Ratzel como la Blache trataram deste fundamento, deste corpus teórico da geografia política ou geografia humana em suas origens.

Jean Brunhes foi entre os franceses o que mais contato teve com Ratzel, aprofundando o pensamento do mestre alemão. La Blache vê em Brunhes "um dos últimos geógrafos franceses a procurar sua inspiração nas publicações alemãs" (Broc, 1977: 91). Embora não tenha sido aluno direto de Ratzel, Sorre também buscou

as origens da geografia humana no pensamento de autores germânicos, como vimos anteriormente.

2.2. Geografia humana e determinismo geográfico

A geografia humana teve sua origem neste período acima descrito. Desenvolveu-se na França e na Alemanha, onde as duas décadas do século passado desempenharam papel preponderante em sua formação, sem desprezar o pensamento dos precursores da primeira metade do século XIX, muito embora "a filosofia profunda na qual se desenvolveu a nossa disciplina seja de origem mais recente" (Claval, 1976: 25). Segundo George Tatham, foi durante este período - segunda metade do século XIX - que os expositores da geografia (Kant, Humboldt, Ritter, Peschel e Ratzel) definiram o âmbito e o conteúdo, bem como as técnicas de coleta, organização e apresentação do material referente a esta nova ciência. "Nenhuma ciência pode reivindicar uma genealogia maior do que a geografia" (Tatham, 1956: 198).

Todos os historiadores da geografia são unânimes quanto a situação cronológica da fundamentação desta ciência no que se refere ao seu campo de estudo, nas últimas décadas do século passado (Broc, 1970, 1974, 1977; Tatham, 1959; Walkenburg, 1960; Sodré 1976; Clozier, 1942; Le Lannou, 1949; Baulig, 1948; Claval, 1976; Demangeon, 1947 e Brunhes, 1947).

A geografia nasceu do prodigioso desenvolvimento das ciências naturais na segunda metade do século passado. É posterior ao racionalismo do fim do século XVIII quando se desenvolveram as grandes filosofias da história no início do século XIX. É posterior à publicação de "A origem das espécies" de Darwin, contemporânea da explosão das filosofias evolucionistas. Nasceu

a geografia moderna com esta característica de disciplina científica que marca a vida intelectual dos países ocidentais nas últimas décadas do século passado.

Neste período a geografia é objeto de uma verdadeira fé. Todos os domínios da natureza são tomados por um espírito científico, consubstanciado na explicação do mundo, cujo resultado, através do método experimental, foi o avanço das ciências físicas.

Ratzel (1844-1904) encontra o evolucionismo já difundido por Darwin e por seu mestre Haeckel, propagador das idéias de Darwin na Alemanha. O ambiente ou o meio desempenha papel preponderante na filosofia de Darwin, sendo o agente principal, o motor da evolução. Haeckel desenvolveu o pensamento de Darwin, criando ao mesmo tempo o nome e a disciplina da ecologia. No sentido original, a ecologia representava o estudo da influência do meio sobre os homens, noção esta ampliada progressivamente. Hoje a ecologia significa a "ciência das condições da existência e das interações entre os seres vivos e o ambiente" (Claval, 1976: 44).

Ao lado do pai da ecologia, a figura de Ritter é também importante na origem da geografia: "Se Oxford tivesse tido um Ritter há 50 anos atrás, ocupando uma de suas cátedras e acolhendo estudantes de todo o mundo... seria este país e não a Alemanha que estaria agora na liderança da educação geográfica" (Freeman, 1965: 69).

A geografia, ciência ainda em formação, apresentava-se confusa em seu domínio ou campo de estudo. Como observa Tatham, se cada ciência se caracteriza pelo domínio que estuda não há mais geografia, mas tantas geografias quantos domínios existirem. Nesta hipótese, não há relação entre a geografia do mundo físico e a geografia humana, do mesmo modo que não há relação entre a fí

sica e a biologia ou a zoologia. Não existe então originalidade para a geografia, pois a originalidade de cada ciência está no objeto próprio de estudo. Em resposta a esta dúvida o determinismo geográfico representa algo de oportuno. De fato, o determinismo de Ratzel significou para a geografia a "restauração da unidade, unidade esta comprometida pelo desenvolvimento das ciências" (Claval, 1976: 45).

Na óptica do determinismo não se trata de contestar a unidade ou utilidade da geografia, na posição de Ratzel o importante é a influência do meio sobre o homem. Esta posição tem sua relevância e eficiência na medida em que se encontra no limite, no campo de incidência das ciências naturais e das ciências humanas.

Daí a preocupação dos geógrafos, tanto por problemas puramente físicos, como por problemas puramente sociais, ou melhor, pela interação dos fenômenos sociais em relação ao meio físico. O motivo desta preocupação é colocar em evidência forças ou elementos cujo conhecimento é necessário para a compreensão das interações que constituem o domínio ou campo de estudo original da geografia. Esta é a explicação para o sucesso do determinismo e é a única explicação para a aceitação desta abordagem metodológica nas origens da geografia humana ou geografia política, como era então conhecida em sua origem (Claval, 1976: 45).

Consideramos dois aspectos no determinismo geográfico: o científico e o ideológico. O primeiro teve o seu tempo e o seu mérito relativo na origem da geografia humana, e o segundo teve na geopolítica a "culminância da trilha ideológica" (Sodrê, 1976: 37).

O determinismo foi assim uma fase transitória e útil à

geografia, como de fato, os geógrafos prontamente reconheceram tanto na França como na Alemanha, conforme afirma o Prof. Waibel: "Entendemos por determinismo geográfico o conceito de que os elementos da geografia humana sejam determinados pelos fatores materiais, ou melhor, físicos". Este conceito foi introduzido na geografia por Friedrich Ratzel. Em contraste com esta filosofia materialista, Vidal de la Blache na França e Alfred Hettner na Alemanha, afirmaram que os fatores físicos não exercem influência de terminativa e que a consideração de tais fatores pode chegar somente à "possibilidade" (Waibel, 1961: 613).

Cabe acrescentar aqui um detalhe importante. Antes de Ratzel, autores franceses divulgaram o determinismo. Sodrê cita desde Jean Bodin (1530-1596) até Hypolite Taine (1828-1873), passando por Montesquieu (1679-1755), Tocqueville (1805-1859), Michelet (1798-1874), Victor Cousin (1792-1867), Victor Duruy, Edmond Demolins e Henri de Tourville (Sodrê, 1976: 37 e segs.). Todos estes autores aceitam o determinismo como posição de causa e efeito entre meio natural e comportamento, costumes, tipos de personalidade. É verdade que ao tratarem do determinismo geográfico, fizeram-no dentro de uma obra cujo tema era outro, político, jurídico, nada tendo de geográfico em si. O determinismo era apenas uma menção, uma crença, uma posição ou um postulado dentro do tema tratado por estes pensadores.

"Bodin tem o sentimento nítido daquilo que um determinismo geográfico rigoroso teria de insuficiente e de arbitrário" menciona L. Febvre na Introdução de "La Terre et l'evolution humaine" 1938. O que cabe ressaltar aqui é a vinculação exclusiva do determinismo à geografia alemã, quando na realidade isto não ocorreu. Ratzel exerceu o magistério e divulgou o determinismo na Alemanha, mas foi igualmente na Alemanha que Hettner combateu

violentemente as idéias de Ratzel. Vidal de la Blache fez o mesmo na França, seguido por uma plêiade de geógrafos, mas foi igualmente na França que os pensadores já citados acima apregoaram as idéias de Ratzel, bem antes deste autor escrever a sua Antropogeografia, em 1891.

Parece-nos que a França se dava por vitoriosa no campo da ciência geográfica sobre a Alemanha que a vencera na guerra de 1870-1871, vitória esta, como já vimos, atribuída a superioridade intelectual de ciência germânica. A vitória francesa significava então a vitória do possibilismo como visão genuinamente francesa sobre o determinismo como visão exclusivamente germânica. Tanto a França como a Alemanha tiveram os seus defensores, seja do determinismo como do possibilismo. Ultrapassado o determinismo, podemos nos perguntar: a geografia humana vai então se dirigir ao estudo das ciências humanas, uma vez que o meio físico nada influi sobre o elemento humano? Não mais existindo o postulado da influência do meio sobre o homem, mas sim a possibilidade deste homem sobre o meio natural, terá a geografia humana o homem como ponto de partida em seu relacionamento com o espaço? Vidal de la Blache nos responde: "É pelos estabelecimentos que ele (o homem) cria na superfície da terra, pela ação que ele exerce sobre os rios, sobre as formas de relevo, sobre a fauna, sobre a flora e sobre todo o equilíbrio do mundo vivo, que ele pertence à geografia... A geografia é a ciência dos lugares, não dos homens" (La Blache, 1913: 298). A originalidade da geografia é ser uma ciência do espaço, das relações sociais enquanto vinculadas ao espaço: "O geógrafo parte do solo e não da sociedade". "O solo, não o Estado: eis o que deve reter o geógrafo" (Febvre, 1938: 47).

Uma vez fundamentada em seu campo de estudo, livre do determinismo geográfico, a geografia caminhou mais segura na tri-

lha das ciências. Entretanto, só depois de meio século de suas origens foi que surgiu a "primeira síntese completa sobre os problemas e originalidade da geografia humana", publicada por Max. Sorre entre 1943 e 1952. Ninguém, sem dúvida, estava melhor situado do que ele para resumir os ensinamentos da geografia clássica. Sua vida, bastante diferente daquela da maioria de seus contemporâneos, o designou especialmente para tentar esta síntese: ele percorrera pessoalmente o caminho da geografia humana desde os anos de 1870 (Claval, 1976: 74).

Como observa Gottman, Sorre se distingue da maioria dos franceses de sua geração pelo fato de ter vindo tardiamente para a Geografia. Aluno de uma escola normal, professor ele próprio, só se tornou geógrafo durante a longa permanência em Montpellier, tinha então a idade na qual se colocam os problemas metodológicos, idade em que já se tem o talento e a originalidade dos autodidatas. É o que veremos a seguir.

Bibliografia

- BAULIG, Henri - 1948 - La géographie est-elle une science?
"Annales de Géographie" vol. LVII
(305), jan-mar, 1-11.
- BROC, Numa - 1970 - Histoire de la géographie et nationalisme
en France sous la IIIe. Républi-
que (1871-1914). "L'Information
Géographique" (1), 21-26.
- BROC, Numa - 1974 - L'établissement de la géographie en France.
Diffusion, institutions, projets
(1870-1890). "Annales de Géogra-
phie" vol. LXXXIII (459), sept-
-oct, 545-568.
- BROC, Numa - 1977 - La géographie française face à la science al-
lemande. "Annales de Géographie"
86e. (473), 71-94.
- BRUNHES, Jean - 1947 - La géographie humaine. 2e. éd. Paris, Pres-
ses Universitaires de France, 365
p. (ed. abreviada org. p. J.B. De
lamarre e P. Deffontaines).
- CLAVAL, Paul - 1976 - Essai sur l'évolution de la géographie hu-
maine. 2e. éd. Paris, Les Belles
Lettres, 201 p. (Cahiers de Géog-
raphie de Besançon n° 25).
- CLOZIER, René - 1942 - Les étapes de la géographie. Paris. Pres-
ses Universitaires de France (Que
sais-je?).
- DECHESNE, Laurent - 1918 - Économie coloniale. Liège, Joseph Wy-
kers, 237 p.
- DEMANGEON, Albert - 1947 - Problèmes de géographie humaine. 3e.
éd. Paris. Armand Colin, 407 p.
- FEBVRE, Lucien - 1938 - La terre et l'évolution humaine. Intro-
duction géographie à l'histoire.
Paris. Ed. Albert Michel, 471
(L'évolution de l'humanité).
- FREEMAN, W. - 1965 - A hundred years of geography. 2d. ed. Lon-
don, University Press Papers, 335
p.
- GALLOIS, Lucien - 1900 - Le Congrès de Berlin. "Annales de Géo-
graphie" Ano 9 (43), 1900: 65-71.
- LA BLACHE, Paul Vidal de - 1913 - Des caractères distinctifs de
la géographie. "Annales de Géo-
graphie" vol. 22 (124), 289-299.

- LE LANNOU, Maurice - 1949 - La géographie humaine. Paris. Flammarion, 252 p. (Bibliothèque de Philosophie scientifique).
- TATHAM, George - 1959 - A geografia no século dezenove. "Boletim Geográfico" XVII (150), maio-jun 186-226.
- VALKENBURG, Samuel van - 1960 - Escola germânica de geografia. "Boletim Geográfico" XVIII (159) nov-dez, 973-990.
- WAIBEL, Leo - 1961 - Determinismo geográfico e geopolítica. "Boletim Geográfico" XIX (164), set-out, 612-617.

Cap. 3 - Ecologia e geografia na obra de Max. Sorre

"O exame dos fundamentos da Geografia Humana coloca em evidência seu aspecto ecológico"

(Max. Sorre)

A produção científica de Max. Sorre é extensa, compondo no dizer de muitos geógrafos, "uma verdadeira enciclopédia" (Beaujeu-Garnier, 1963: 38 e 39). De fato, Sorre buscou nas ciências humanas e nas ciências biológicas novos caminhos e novos instrumentos de trabalho para a geografia. Sua visão geográfica é completa no sentido de abranger, no dizer de Cholley, as combinações entre as condições naturais e o elemento humano (Cholley, 1946: 86). Uma característica marcante em todas as suas obras é esta visão de conjunto, visão sistêmica onde as relações entre homem e meio ambiente formam o núcleo de seu pensamento. A ecologia foi a preocupação central de Sorre. Tendo vivido na época da evolução da ciência geográfica, conhecendo a fundo as obras de Ritter, Humboldt e Ratzel, convivendo com os problemas do domínio e dos métodos da Geografia, Sorre trouxe para esta nova ciência uma contribuição imprescindível, qual seja, a da perspectiva ecológica. Não sem razão o subtítulo de sua mais conhecida obra traz em seu primeiro tomo o nome de Ensaio de uma ecologia do homem: "Les fondements de la géographie humaine - Tome premier - Les fondements biologiques. Essai d'une écologie de l'homme" (Sorre, 1947). A ecologia foi na geografia de Sorre o ponto de apoio de toda uma visão, de toda uma preocupação em conceituar e praticar a geografia. A aproximação deste Autor com a biologia num primeiro momento, e com a sociologia, num segundo momento, foi uma consequência desta preocupação ecológica, desta investigação

teórica e prática - suas obras ó atestam fartamente - na busca de uma ciência geográfica bem definida, numa época de disputas e reivindicações entre geógrafos e sociólogos.

A ecologia, que no momento atual, é redescoberta como uma "ciência nova", constitui o fio condutor ou a linha mestra de toda a geografia de Max. Sorre, e isto há bem mais de quarenta anos atrás. A preocupação exagerada, ou melhor, a preocupação por "novidades" é que faz com que tantos autores - geógrafos, botânicos, biólogos e até mesmo cientistas sociais - se transformem em ecólogos. Hoje a ecologia tem um fascínio sobre diversos cientistas que, esquecendo a sua formação acadêmica original se auto-qualificam de ecólogos ou ecologistas, devido ao prestígio do nome, não se lembrando, ou mesmo desconhecendo, o nome deste pioneiro da visão ecológica na geografia. A primeira tese de Max. Sorre, já em 1912 trazia a marca da ecologia. Esta percepção de Sorre em anexar à geografia uma visão ou uma abordagem ecológica trouxe-lhe, no início, críticas por parte de geógrafos, embora elogiada por botânicos, como o mestre Charles Flahaut.

Este pioneiro na preocupação para com a ecologia é, repetimos, desconhecido pelos arautos contemporâneos desta "nova ciência". Sorre tem bem nítida a noção de ecologia, e pratica a geografia no sentido de uma ciência humana única, onde cada disciplina nada pode fazer isoladamente. Foi a ecologia enquanto método ou orientação que levou Sorre a se aproximar da sociologia. A ecologia para Sorre não é a mera preocupação com a preservação da natureza, como hoje defendem nossos "ecólogos". É isto, mas ao mesmo tempo muito mais que isto.

A verdadeira enciclopédia geográfica de Sorre tem toda ela esta visão ecológica. Iniciando pelo "Les Fondements de la géographie humaine", passando pelo seu curso dado no Centro de Es

tudos Sociológicos, e atingindo o seu último livro "L'Homme sur la terre", a ecologia está presente na interdependência e no equilíbrio das relações homem X meio ambiente. Hoje a preocupação ecológica se prende unicamente a motivos de qualidade de vida, afetada pela poluição e pela devastação da natureza. Em Max. Sorre a ecologia visa a prevenir esta degradação ambiental por uma ação humana moldada neste sentido de equilíbrio entre o ecúmeno e as condições naturais do espaço habitado.

Diante de um auditório de geógrafos e sociólogos Sorre frisa o caráter da geografia no seu curso dado no Centro de Estudos Sociológicos: "Eu disse que a geografia humana era uma disciplina corológica como todas as disciplinas geográficas, mas o que vai caracterizá-la de um modo particular é o fato de ser uma disciplina ecológica..." (Sorre, 1949: 6). Neste sentido, Sorre explica o caráter ecológico da geografia, explicitando a noção de meio, que comporta três planos: o plano físico, o plano biológico e o plano social. Não é só no meio físico e nas relações entre meio físico e meio biológico que reside o interesse ecológico, mas sobretudo nas interrelações entre os três planos: humano, biológico e físico. A perda da visão ecológica, perda esta motivada pela visão exclusiva de uma economia de mercado e de uma sociedade de consumo, é a responsável pela crise ambiental de nossos dias. A ecologia ressurgiu como a salvação de uma natureza devastada pela ambição humana, mas ela representa mais do que esta preocupação pela preservação da natureza; ela é antes de tudo uma visão conjunta da natureza e dos seres vivos que a povoam, com destaque no ser vivo, que mais recursos tem para conservá-la ou para devastá-la: no homem, ou no dizer dos geógrafos, na ação humana. Este é o sentido da ecologia enquanto abordagem geográfica em Max. Sorre.

A bela descrição deste Autor sobre os complexos patogênicos nos mostra o que se deve entender por ecologia e quais são os seus princípios metodológicos: princípio de interdependência, princípio de função-chave, princípio de diferenciação e princípio de dominância ou dominação. Pelo princípio de interdependência entende-se que as unidades de uma comunidade humana são interdependentes, seja simbiótica, seja comensalisticamente. No primeiro caso, a base desta interdependência é a diferença: no segundo caso, esta base é a semelhança de funções. O princípio da função-chave nos indica que em todo sistema de relacionamento de diversas funções, a conexão do sistema ou seu ambiente é feita, primariamente mediante uma função ou um número relativamente pequeno delas. O princípio de diferenciação das funções nos indica que a extensão desta diferenciação varia na razão direta da produtividade da função-chave. O exemplo mais comum é a grande semelhança ou homogeneidade existente numa comunidade primitiva, enquanto que uma sociedade industrial exhibe uma evidente diferenciação de funções. O último princípio, de dominação, nos diz que a função-chave exerce uma dominação, determinando ou regulando as condições essenciais para as funções ou unidades que têm relações apenas indiretas com o ambiente. O quadro teórico destes princípios foi a referência para que a Escola de Chicago, na sua conhecida ecologia humana, definisse os círculos concêntricos na área urbana como explicação da organização do espaço urbano.

O objetivo da ecologia para Sorre é a compreensão do processo de relacionamento entre os três fatores: físico, biológico e humano ou social. Enquanto a geografia se preocupa com o espaço, a ecologia dá ênfase no processo. Sorre, ciente destas perspectivas diferentes entre geografia e ecologia, denomina de ecologia do homem a esta explicação da interrelação entre a ação

humana e o ambiente, comportando este o meio físico e elemento biológico nele inserido.

A ecologia humana para Max. Sorre é o guia, a orientação ou o caminho de realização da geografia humana. Indo além das concepções da Escola de Chicago, que via na ecologia humana a explicação para o estabelecimento na cidade, Sorre admite ser a ecologia humana uma disciplina intermediária entre a biologia e a geografia de um lado, e a geografia e a sociologia de outro. Primeiro, a ecologia humana pode ser considerada como uma disciplina intermediária entre a biologia e a geografia por seu caráter de tratar dos aspectos espaciais das relações simbióticas dos seres humanos e suas instituições. Segundo, a ecologia humana pode ser considerada uma disciplina intermediária entre a geografia e a sociologia pelo aspecto ou pelo caráter nitidamente social de seu objetivo: explicar a interação social de grupos humanos sobre determinado espaço, espaço este que, simultaneamente, sofre a influência e orienta a ação do grupo social que nele vive.

Existe na ciência uma distinção entre três tipos de conhecimento, distinção esta tornada clássica na epistemologia contemporânea, segundo Callot (Callot, 1957: 2 e segs.). Assim, todo conhecimento captado por nossa inteligência, através da dupla garantia da filosofia crítica e do exercício da lógica, recebe o nome de ciência. Qualquer que seja o objeto considerado, este pode ser conhecido de três maneiras, conforme a finalidade da inteligência em apreendê-lo. Primeiro, quando se procura apreendê-lo tal qual este objeto se apresenta espontaneamente na natureza, ou seja, em sua aparência original, muitas vezes complexa, sempre situado no tempo e no espaço, observando-se antes de tudo a sua forma, suas qualidades superficiais, avaliando-se a localização e a existência temporária, distinguindo-se suas características

e analisando-se os seus elementos, enfim, procurando-se uma definição do objeto, estamos diante de uma atitude da inteligência cujo resultado se exprime numa ciência descritiva, conhecida pelo sufixo de grafia, acrescentado ao radical do objeto em questão. Segundo, quando a inteligência procura compreender o por que e o como, sendo conduzida a vincular o objeto a leis gerais de sua existência, estamos diante de uma ciência teórica, referida pelo sufixo de logia. Enfim, quando buscamos usar o objeto, enquadrando-o em nossa existência e atribuindo-lhe uma função prática na realização de um determinado fim, procurando utilizá-lo como instrumento para a satisfação de alguma necessidade, estamos diante de um conhecimento que caracteriza a ciência técnica, designada pelo sufixo tecnica.

Esta tríplice divisão parece natural, e pode mesmo se generalizar na ciência, dando-nos a impressão de se suceder nesta ordem, pois um objeto deve ser descrito antes de ser compreendido, e deve ser compreendido antes de ser utilizado, pelo menos no caso de uma técnica racional e não empírica, sendo esta a única que deriva de uma atividade científica. É exatamente isto que se exprime comumente ao se falar das três fases da ciência: descritiva, teórica e prática. Por outro lado, a história de qualquer ciência nos mostra exatamente esta sequência em sua evolução.

A descrição, a compreensão e a utilização são as três atitudes da inteligência, face a toda espécie de objetos. O que é, por que, como e que meio oferece em vista de um fim prático: eis as questões que, respondidas, nos dão plena consciência de nosso conhecimento sobre o objeto em pesquisa.

Num passo seguinte, vemos que toda ciência é ciência de alguma coisa e o modo pelo qual a inteligência se aplica sobre

esta coisa deve se adaptar ao objeto cujo conhecimento se procura. Isto nos encaminha à questão do método. Voltemos entretanto ao nosso objetivo aqui delineado: mostrar como se aproximam geografia e sociologia e como Sorre percebeu os encontros destas duas ciências ao praticar a sua geografia.

Ao aplicarmos o que foi acima definido a um objeto determinado, a uma sociedade ou a um grupo social, ou ainda à interação social, encontramos-nos diante de três situações: 1) a descrição metódica do que é uma sociedade ou um determinado grupo social, tanto em sua aparência exterior como em sua composição interna, constitui a Sociografia; 2) a elucidação completa de sua natureza, ou seja, a explicação de todas as características vinculadas a leis de todo grupo social, o que nos dará uma idéia de sua estrutura, constitui a Sociologia, e 3) o interesse pela utilização dos fatos sociais em vista de uma ação adequada a estes fatos, e por meio deles, plasmada sobre a totalidade do real nos conduz à sociotecnia. Tal distinção nos é dada por Callot ao estudar o problema sociológico da geografia e da história, em seu livro: "L'Histoire et la géographie au point de vue sociologique" (Callot, 1957: 1-19).

Na época em que Sorre escrevia a sua produção geográfica, sobretudo a partir de 1950, tanto a geografia como a sociologia já eram consideradas como disciplinas acadêmicas formadas, já eram consideradas ciências, com o sufixo logia acima descrito. Ora, é exatamente enquanto percebidas por Sorre como ciências, que a geografia e a sociologia vão motivar o nosso autor no sentido de descobrir onde se encontram os domínios destas ciências, e que relações ou subsídios tem uma para com a outra. Como poderia a geografia humana descrever somente as populações distribuídas pela superfície terrestre, ou seja, o habitat ou a paisagem humana,

sem uma visão antropocêntrica que caracteriza a sociologia? A afirmação categórica de La Blache: "A geografia é a ciência dos lugares não dos homens", tem a finalidade de caracterizar o domínio ou o campo de estudo da geografia quando da discussão acirrada entre geógrafos e sociólogos, como bem descreveu Lucien Febvre. O próprio La Blache sabia do caráter eminentemente social da geografia humana e os seus alunos o seguiram na Escola Francesa, Escola esta tão conhecida na história da ciência geográfica. De fato, a localização espacial do ecúmeno é, ao mesmo tempo, um fato geográfico e um fato social. Geográfico por seu caráter de organização de uma parte ou uma região da superfície terrestre. Social por seu caráter de grupo social, de comunidade; ecúmeno significa população organizada socialmente e sobrevivendo num espaço organizado. Cada grupo social está localizado num lugar, e cada lugar é original por sua posição no espaço, tendo as suas relações com a vida social uma característica de particularidade no que se refere ao espaço único que ocupa na superfície terrestre. Da comparação destas relações nas mais diversas organizações de espaço se depreende: 1) o estudo teórico das relações gerais da sociedade e do meio físico, uma geossociologia, que é igualmente uma ciência social; 2) o estudo teórico das formas sociais, de sua estrutura, densidade e movimento, isto é, uma morfologia social. Este segundo ponto de vista é o campo de estudo ou domínio disputado por geógrafos e sociólogos no início deste século. A base descritiva reclamada pela sociologia se encontra na geografia, de onde percebemos que a geografia é uma sociografia.

Sorre não se preocupa em escrever um tratado de sociologia, como o fez na geografia. Procura pesquisar o encontro da geografia com a sociologia. Parte então da obra de Durkheim: "Regras do método sociológico" e do livro de Maurice Halbwachs sobre

a "Morfologia Social", onde encontra idéias fecundas e permanentes sobre o campo de incidência destas duas disciplinas. Cita neste sentido o próprio Durkheim, indicando que todas as manifestações da vida social são obra "de um grupo simples ou complexo que é o substrato destas manifestações". E continua: "O estudo do substrato social pertence evidentemente à Sociologia" (Sorre, 1957: 43).

Observa Sorre que, na realidade, a composição da sociedade consiste em algumas combinações de pessoas e coisas que necessariamente têm vínculos com o espaço; sendo este espaço o substrato material de todo grupo social ou de toda comunidade. Como se define o substrato social? Em primeiro lugar pela sua forma, seu conteúdo, continua Sorre em seu estudo do encontro entre geografia e sociologia. O encontro deste substrato social com o substrato material, - repetindo os termos durkheimianos citados e aceitos por Sorre, - se dá através da geografia e da ecologia. De fato, em primeiro lugar, as relações sociais desenvolvidas no seio do grupo ou da comunidade se dão primariamente no sentido da vida material, da sobrevivência, da produção de bens e serviços necessários à reprodução material e social do grupo. Segundo, neste sentido de satisfazer as necessidades materiais, as relações com a natureza ou com o habitat se dão necessariamente em primeiro lugar, decorrendo daí a preocupação do grupo em dominar técnicas e instrumentos de utilização ou dominação da natureza, o que é expresso na ciência geográfica pelo vocábulo de ação humana. Ora a geografia é a disciplina cujo objetivo é descrever e explicar a organização do espaço e a ecologia tem a função de captar o processo de relacionamento entre o homem, o meio físico e os seres vivos. Geografia, ecologia humana e sociologia formam o tripé da obra sorreana, obra esta eminentemente geográfica mas cu

jo conteúdo é em muito enriquecido pela visão metodológica da ecologia e pela aproximação com a sociologia. É bem verdade que não é do feitio de nosso autor dedicar-se a abstrações ou a discussões teóricas, ele mesmo o diz várias vezes em seus escritos, mas temos em Max. Sorre todos os elementos para uma pesquisa exploratória neste objetivo teórico de definir qual o grau ou a intensidade de aproximação entre a geografia e a sociologia, bem como quais os elementos mediadores deste encontro ou desta aproximação. Paul Claval em seu alentado volume "Principes de la géographie sociale" indica o livro de Sorre "Rencontres de la géographie et de la sociologie" como a primeira fonte de estudo da geografia social (Claval, 1973: 16). Com razão, pois Sorre ao se aproximar da sociologia, através da ecologia humana da Escola de Chicago, traz para a geografia a sua visão genuinamente social. Por acaso não foi na obra de Max. Sorre, mais especificamente na leitura de seus "Fondements de la géographie humaine", que o sociólogo Chombart de Lauwe descobriu o interesse pelas técnicas geográficas, a análise da fisiologia da paisagem e da utilização de fotografias aéreas? Foi através de Sorre que este sociólogo se colocou as questões sobre os problemas da sociologia urbana da maneira concreta. Veremos, quando tratarmos do conceito de espaço social, a interrelação entre Sorre e Chombart de Lauwe no que se refere aos elementos definitórios e operacionais deste conceito ainda pouco explorado na geografia.

Do mesmo modo que a Escola da Ecologia Humana de Chicago teve uma influência considerável no desenvolvimento da geografia, de seus conceitos e seus métodos, sobretudo na geografia urbana, assim também a geografia trouxe para a sociologia importantes subsídios, notadamente pela obra de Sorre. O conceito operacional de espaço social adotado por Chombart de Lauwe está basea-

do na técnica cartográfica. A preocupação para com as características de solo, clima e com o relativo desenvolvimento de técnicas agrícolas a partir das mais primitivas ou rudimentares, e o relacionamento do homem com o espaço foi outro subsídio dado pela geografia à etnologia e à sociologia. A disciplina intermediária foi, ainda aqui, a ecologia humana. Daí a confusão, ou melhor, a identificação entre a geografia humana e a ecologia humana aceita por muitos cientistas. Daí a afirmação sorreana de que a geografia humana é uma verdadeira ecologia do homem.

Para Max. Sorre a ecologia humana é uma disciplina sociológica. A ecologia humana surge e se mantém essencialmente como uma preocupação sociológica, ligada ao problema central da sociologia, ou seja, o desenvolvimento e a organização da comunidade. Vivendo na época do desenvolvimento da geografia, Sorre incorporou a geografia humana às ciências sociais, tal é o sentido da geografia lablachiana, da geografia sorreana e da tradição da geografia francesa. Sorre se preocupa em conceber uma teoria geral do sistema social e de sua inserção no espaço. Neste sentido vai além do objetivo da geografia econômica. O estudo dos padrões de comportamento, das técnicas materiais e das técnicas sociais vinculadas ao substrato material ou ao espaço, dá à geografia humana o cunho de uma ciência social onde a ênfase no espaço e nas relações com o grupo social se dá em função da preocupação, não com o espaço em si, mas do grupo social que interage com o meio físico e com o elemento biológico numa nítida perspectiva ecológica e numa posição de aproximação homem X espaço. Este foi o mérito de Sorre, que, herdando de seu mestre La Blache, a visão social da geografia, soube explicitá-la deixando-nos valiosos estudos nesta área de aproximação, ou no dizer do próprio, do encontro entre a geografia e a sociologia.

Vejamos como se situa a ecologia na visão geográfica de Sorre. Vejamos antes porém, o clima existente entre estas duas ciências novas que se enriqueciam pelas pesquisas nesta seara imensa das ciências humanas cujo campo fértil foi a base ou fundamentação de muitas ciências hoje aceitas isoladamente, mas que no início do século se apresentavam num só bloco, aguardando o trabalho de seus iniciadores.

3.1. Geografia, sociologia e morfologia social

As primeiras décadas deste século foram o cenário da formação e fundamentação metodológica de várias ciências, entre as quais, a geografia, a sociologia e a ecologia humana. Destas três, a sociologia foi a primeira a se firmar como disciplina autônoma, determinando um objetivo próprio e delimitando assim seu domínio de investigação, ao lado de posições metodológicas logo aceitas como inerentes ao seu objetivo enquanto atividade acadêmica ou científica. De fato, as obras de Auguste Comte (1798-1857), Émile Durkheim (1858-1917), Hans Freyer, Georg Simmel (1858-1918) e outros, já tinham conseguido definir um campo próprio para a sociologia. Ao surgir a geografia humana, pela Escola Francesa, através de seus principais expoentes: La Blache (1845-1918), Jean Brunhes (1869-1930), A. Demangeon (1872-1940), De Martonne (1873-1955), Raoul Blanchard (1877-1958), Henri Baulig (1877-1962), Lucien Febvre (1878-1956) e Max. Sorre (1880-1962), houve uma reação imediata da sociologia, já em seus primeiros passos. Lucien Febvre resume muito bem a posição de defesa dos sociólogos perante esta nova disciplina, a geografia humana: "A primeira queixa dos sociólogos contra a Geografia Humana é clara. Pode-se traduzir numa palavra. É a queixa da ambição - Nada mais restrito, dir-se-á e ao mesmo tempo mais ambicioso que as suas concepções.

Tão logo em presença de um grupo de homens, de uma sociedade humana, eles (os geógrafos) miram o solo sobre o qual descansa este grupo, esta sociedade. Para eles, este suporte terrestre, este substrato das sociedades não é uma matéria inerte e sem ação. Trata-se de homens que o solo traz sobre si. Ele os "influencia", física e moralmente. Ele os "explica no conjunto e no detalhe. Ele os explica e os explica mesmo só. Age sobre eles. Influencia-os. Exclusivismo e preconceito normal: a deformação profissional do especialista justifica esta atitude" (Febvre, 1938: 43).

Assim, os sociólogos não viram com bons olhos esta invasão da Geografia Humana. Esta disciplina era considerada como parte da Sociologia, uma vez que seus problemas eram os mesmos da Morfologia Social. A obra clássica sobre este tema é: "Morfologia Social" do professor Maurice Halbwachs, da Sorbonne. Ora, Halbwachs conhecia bem as obras de Durkheim e dos clássicos da Geografia Francesa, bem como sentia o clima de insatisfação entre geógrafos e sociólogos. A sua obra é um convite a sociólogos e geógrafos para tomarem conhecimento do conteúdo da Morfologia Social enquanto disciplina essencialmente humana, social, como parte da sociologia mas cuja preocupação de pesquisa preenche as aspirações da Geografia Humana enquanto disciplina que procura se formar independente da Sociologia.

É exatamente este o intuito de Halbwachs ao afirmar logo no Prefácio do livro, a existência da geografia humana mencionando que Durkheim propusera chamar de Morfologia Social ao "estudo referente à forma material das sociedades, isto é, ao número e natureza de suas partes, à forma como estas aparecem sobre o solo, assim como as migrações internas e de país para país, a forma dos aglomeramentos, dos habitats, etc. (Halbwachs, 1947: 7).

A conceituada e volumosa revista "Année Sociologique" trazia em suas sessões titulares, uma sessão dedicada à Morfologia Social e o próprio Max. Sorre foi, para satisfação do Prof. Georges Gurvitch e outros sociólogos e geógrafos, o presidente desta sessão, apresentando aí diversos trabalhos.

Questão de semântica, dirão hoje em dia os estudiosos do assunto. Sim, mas por trás desta questão estava toda a garra da Geografia Humana, que pela Escola Francesa, conseguiu superar a queixa dos sociólogos, através de suas monografias regionais:

La Picardie et les régions voisines, 1905, de Demangeon;

La Flandre, 1906, de Raoul Blanchard;

La Basse Bretagne, 1907, de Camille Vallaux;

Les Paysans de la Normandie Orientale, 1909, de Jules Sion, e

Les Pyrénées Méditerranéennes, 1913, de Max. Sorre e outras posteriores (Azevedo, 1974 e Febvre, 1938).

A Geografia Humana conseguiu se firmar como disciplina independente da sociologia por várias razões: 1) os próprios sociólogos aceitaram, após as publicações acima aludidas, esta autonomia, ou melhor, este objeto próprio da Geografia Humana, consubstanciado no que Durkehim, Halbwachs e Sorre denominaram de substrato material, ou seja, o espaço e suas interrelações com o elemento humano, que cria sobre ele as instituições sociais decorrentes da vida em grupo (Sorre, 1957: 41-46); 2) a sociologia, incorporando técnicas de pesquisa das ciências exatas e biológicas, percebeu claramente que, mais do que os instrumentos de pesquisa, a posição epistemológica dos cientistas - geógrafos e sociólogos, no caso, - é que diferencia os campos de conhecimento humano. Tanto a Geografia como a Sociologia, embora apresentando singularidades enquanto ciências humanas, cada uma delas tinha o seu en-

foque específico quanto ao objeto comum: o homem. Na primeira, o homem é visto em sua relação com o espaço, na segunda, o homem é visto interagindo em grupos sociais, sobre determinada porção do espaço.

Assim, cada vez mais os geógrafos se firmaram na posição de defender o que lhes é específico, conforme as suas próprias afirmações: "Nosso objeto é a região humana, i.é, o grupo humano considerado do ponto de vista do espaço" (Le Lannou). "Captamos nas regiões humanas as realidades substanciais" (Cholley). "Em suma, é o homem que faz a unidade e a originalidade da Geografia" (Le Lannou). "Geografia Humana é ciência do homem-habitante" (Demangeon). "Todo fato de Geografia Humana contém e implica um problema social" e "Os homens ao fazer a história sobre a terra, nela fazem também a geografia" (Jean Brunhes). "O exame dos fundamentos da Geografia Humana coloca em evidência seu aspecto ecológico" (Sorre). "Todo fenômeno, da natureza ou do homem, só tem significado em Geografia na medida em que e até o ponto onde suas interrelações com fenômenos que ocorrem no mesmo lugar, ou suas interconexões com os fenômenos produzidos em outros lugares provocam variações regionais destes fenômenos, portanto da totalidade da diferenciação regional, medida em função de seu significado para o homem" (Derruau, Max., 1973: 18). "Há mesmo a posição de considerar mais o método do que o objeto: pode-se dizer que não há fato geográfico, mas uma maneira geográfica de considerar cada conjunto de fatos" (Boyé, 1974: 8).

A Morfologia Social nada mais é que parte da Sociologia, diferenciando-se da Geografia Humana na razão direta do progresso desta última, seja na Escola Francesa, seja em outras Escolas Geográficas, que, mais recentemente incorporando à geografia a teoria dos sistemas e utilizando cada vez mais as técnicas matemáti-

cas e estatísticas, criaram o que se convencionou denominar de re no va ção nesta ciência (Oliveira, 1973; Burton, 1977; Faissol, 1972).

De fato, a renovação ou a revolução na geografia tem es ta dupla característica: a discussão metodológica e a quantifica ção ou a intensa utilização de técnicas matemáticas e estatísti - cas como instrumentos de pesquisa na análise geográfica. O que o corre, entretanto, é que a quantificação tornou-se um objetivo em si, e não um meio ou um instrumental de pesquisa. A quantifica ção tornou-se moda e uma verdadeira febre pela matemática inva - diu os geógrafos apressados em esquecer o passado e em falsificar a ciência geográfica com seus cálculos matemáticos e estatísti - cos, nem sempre bem usados e muitas vezes, de resultados duvido sos, uma vez que se perdeu o objetivo e o sentido geográficos no afã dos números e no prestígio dos computadores. Felizmente o mo vimento da quantificação está se arrefecendo e, com os pés no chão, os geógrafos retomam consciência de sua profissão e retor nam às origens de sua ciência.

Max. Sorre destacou a importância da estatística como fonte de aprimoramento dos dados numéricos em qualquer pesquisa de geografia regional, sem alarde e sem exagero em usar esta técnica, bem antes da revolução quantitativa. A matemática e a esta tística têm uma função bem específica enquanto instrumentos de processar os dados colhidos na pesquisa de campo, trata-se de uma função instrumental, de um subsídio e aqui cessa esta função. A análise qualitativa é que faz a essência da geografia. Será que todos os geógrafos tão preocupados com a quantificação entendem um pouco de matemática e estatística para se arvorarem em renova dores de sua disciplina com o uso do computador?

3.2. A ecologia enquanto domínio da geografia

Ao criar o termo Ecologia em 1869, Ernst Haeckel criou para a Sociologia e para a Geografia um vocábulo que mais tarde, seguido de um adjetivo, seria uma das disciplinas de maior vulto e de numerosas investigações científicas nestas duas áreas do conhecimento. De fato, a Ecologia Humana foi para a Sociologia Urbana o fundamento da investigação homem versus espaço, investigação esta iniciada pela conhecida Escola de Chicago com Park e Burgess (Park, 1936 e 1952; Sorre, 1957: 83 e segs; Wirth, 1945). Para a Geografia, a Ecologia apresenta-se como o próprio campo de estudo segundo alguns, ou como uma metodologia fecunda segundo outros. Os primeiros veem as combinações entre os elementos físico, biológico e humano como campo ou domínio da própria Geografia Humana; os segundos veem nestas combinações mais um método, uma perspectiva ampla do que o objeto, o campo ou o domínio da Geografia (Cholley, 1946; Sorre, 1947).

Já foi mesmo afirmado que a Geografia Humana nada mais é que a Ecologia Humana. Há sem dúvida, muitos pontos comuns entre estas duas disciplinas, "mas a geografia trata do lugar; a ecologia, do processo". "A localização como conceito geográfico, significa posição sobre a superfície terrestre; localização, enquanto conceito ecológico, significa posição num grupo espacial de seres humanos interagindo entre si ou de interrelações entre instituições humanas" (Mckenzie, 1925: 167).

O ambientalismo foi a abordagem ecológica dada de modo menos sistemático e menos científico por geógrafos, historiadores e filósofos. Com Malthus foi dado novo realce ao estudo da Ecologia Humana por meio do interesse disputado no relacionamento entre população e os meios de subsistência. Já durante o século

XIX o avanço da demografia e uma mais aprimorada descrição dos estabelecimentos humanos pela geografia humana, ao lado do início dos estudos de comunidade, sobretudo na Inglaterra, fizeram com que avançasse a formulação sistemática dos problemas e dos métodos dentro dos quais os estudos ecológicos tomaram ímpeto na última geração (Wirth, 1945: 483). Os sociólogos estudaram a comunidade humana por métodos chamados de ecológicos bem antes da Ecologia Humana ser reconhecida como um campo ou domínio específico de atividade científica. A Geografia teve no Determinismo a sua visão ecológica, embora vinculada a uma noção de causalidade nem sempre sustentada cientificamente. Foi, sem dúvida, o geógrafo Max. Sorre, que, chegando à Geografia através da Biologia trouxe para esta ciência a noção exata, ou diria melhor, a visão ecológica, não tanto como domínio mas mais como método de investigação geográfica. De fato, toda a sua obra está impregnada desta perspectiva ecológica. Não só os "Fondements de la Géographie Humaine", sobretudo o tomo que traz nitidamente o subtítulo de "Essai d'une écologie de l'homme", como o último livro: "L'homme sur la terre, Traité de géographie humaine", passando pelo "Rencontres de la géographie et de la sociologie", pelo "Les Migrations des Peuples. Essai sur la mobilité géographique", bem como seus cursos, artigos e capítulos de coletâneas, toda a obra sorreana traz a visão ecológica da geografia. A geografia de Max. Sorre se afirma como tal através desta abordagem do problema homem e espaço. Para Sorre a geografia é tão ecológica quanto social. Foi ele próprio que reclamou dos inúmeros adjetivos acrescentados ao termo geografia. "On a accolé beaucoup trop d'adjectifs à une discipline qui est une". Várias são as suas afirmações sobre a unidade da ciência que ele praticava: "... o objeto de nosso estudo é o homem em si" (Sorre, 1967: XIII); "Estou convencido no que

me concerne, do princípio geral da unidade das ciências humanas no sentido que ela expressa a unidade do homem indivisível e todo inteiro em cada um de seus atos" (Sorre, 1957: 51) e finalmente, "A unidade profunda da atividade global do homem faz com que não haja oposição radical entre as definições (de espaço) dadas pelas diferentes disciplinas" (Ibid: 91).

O termo "Ecologia Humana" foi introduzido na ciência por Park e Burgess em 1921. A concepção de ecologia humana estava em grande escala baseada nos primeiros estudos de ecologia da planta e do animal. Na década de 1920 e 1930 uma parte da teoria ecológica foi desenvolvida e recebeu o nome de posição ecológica clássica. É bem verdade que a geografia humana foi também considerada como predecessora da ecologia humana, e no início como já vimos, ao falarmos de Morfologia Social, era mesmo considerada como um ramo da sociologia, até mais ou menos 1929 (Theodorson, 1958: 339). A sociedade humana é vista como organizada em dois níveis: o biótico e o cultural. O nível biótico é considerado sub-social e é baseado na organização das relações simbióticas. A luta pela existência, baseada na cooperação-competitiva, é resultante da organização do nível biótico da sociedade, e determina também a distribuição espacial dos indivíduos e grupos. A distribuição espacial é portanto vista como refletindo a organização do nível biótico da sociedade. O nível cultural da sociedade, cujo processo básico é a comunicação e o consenso, é visto como a super-estrutura descansando sobre o nível biótico. Este último foi considerado como o campo específico de investigação da Ecologia Humana, deixando assim os fatores culturais excluídos das investigações ecológicas.

Esta posição "clássica" cedeu lugar à uma posição sócio-cultural que recebeu influência do possibilismo da Escola Geográ

fica Francesa. Uma terceira posição da Ecologia Humana é a neo-ortodoxa: rejeita a cultura ou valores como conceitos primários explanatórios da teoria ecológica, mas também não aceita muitas das posições da ecologia clássica. Seus grandes expoentes são Quinn e Hawley (Theodorson, 1958: 340 e segs). O nível social envolve o conhecimento mental e a comunicação através do uso de símbolos, enquanto que o sub-social envolve a utilização de recursos limitados ou espaço limitado na distribuição das populações. Para Quinn, este nível sub-social é o objeto da Ecologia Humana (Ibid: 341).

Esta distinção feita pela Ecologia Humana encontrou apoio em geógrafos, economistas e sociólogos. Já vimos como Durkheim e Halbwachs denominaram de substrato material a base sobre a qual os homens desenvolvem sua cultura. Georges Friedman pôs em evidência os caracteres que diferenciam aquilo a que chamou de meio natural e meio técnico, observando que "o meio técnico é verdadeiramente característico da sociedade moderna: é simultaneamente a sua causa e o seu produto" (Rocher, 1971: 43). Sorre incorporou na sua geografia esta divisão entre meio natural e meio técnico, o que o levou mesmo a dividir a sua maior obra sob este ponto de vista: *Les Fondements de la Géographie Humaine*: I - Les fondements biologiques; II - Les fondements techniques e III - L'Habitat et conclusion générale (Sorre, 1947, 1948, 1952).

White e Renner entendem a geografia sob dois pontos de vista: "De um lado assume-se que o meio natural exerce um controle sobre a distribuição, caráter e atividade do homem... De outro ponto de vista, nenhuma assunção é feita, e considera-se o ajustamento do homem ao seu meio natural como o objeto da ecologia humana. A maioria dos geógrafos norte-americanos defende esse último ponto de vista" (White e Renner, 1936: 5).

A ecologia humana é considerada como "o estudo de populações e comunidades em relação com seu ambiente" segundo Boughey; como o estudo das "relações entre o homem e o meio-ambiente", segundo Quinn; como o estudo da "estrutura e do comportamento dos organismos significativamente afetados pela vida conjunta com outros organismos da mesma espécie e de outras espécies e pelo seu habitat", segundo Wirth, ou como o "processo da distribuição humana sobre a superfície da terra", segundo Mckenzie (Boughey, 1971: 1; Quinn, 1950: 3; Wirth, 1945: 483, e Mckenzie, 1925: 168). A ecologia humana apresenta-se como uma disciplina com muita afinidade com a biologia e a geografia. Ela se formou destas duas ciências, delas tirou a ecologia humana os seus fundamentos e seus métodos de investigação. Uma vez que a ecologia humana objetiva descobrir os diferentes padrões de organização do espaço pela população e organização das instituições, resultantes do intercâmbio entre os seres humanos numa contínua mudança de cultura, a sua maior preocupação é a descrição dos fatores que influenciam a localização, o tamanho, a estrutura da comunidade ou da população. O espaço entra na ecologia humana enquanto categoria de base, enquanto meio natural, enquanto região como o núcleo de inter-relações. Daí o conceito de distribuição ecológica como sendo a "distribuição espacial de seres humanos e atividades humanas resultantes da interação de forças cujo efeito é mais ou menos consciente" (Mckenzie, 1925: 168). Da Geografia, a ecologia humana extrai um de seus fundamentos: habitat ou recursos naturais, que, ao lado dos demais: população, técnica, crenças e valores formam o seu universo (Park, 1936: 4). Desta afinidade entre biologia e geografia - podemos também acrescentar com a sociologia - resultou que estas disciplinas reclamassem como própria a ecologia humana, numa disputa compreensível face ao conteúdo e aos instrumen

tos de pesquisa desta última.

Vejamos as duas grandes concepções de ecologia humana e qual a posição de Max. Sorre face a estas. Primeiro, a ecologia humana é concebida como o estudo das relações entre os homens e seu meio-ambiente. A definição de ecologia humana como o estudo das relações entre os homens e o meio-ambiente foi largamente aceita. Os biólogos aceitam esta definição como segura e muitos geógrafos estão de acordo com ela. A definição de ecologia mais usual, de dicionário é exatamente esta - parte da biologia que trata das relações entre seres vivos e seu meio-ambiente - e requer uma base tradicional para a definição correspondente de ecologia humana. Para os propósitos da ciência geográfica esta concepção de ecologia humana se apresenta inadequada. Ela se confunde com a própria geografia em parte. Foi assim que o geógrafo Barrows e o botânico Bews confundiram como uma só disciplina a geografia e a ecologia humana (Quinn, 1939: 162). White e Renner, na sua "Geography. An introduction to human ecology", limitam o campo da ecologia humana ao estudo das relações diretas entre os grupos humanos e seus respectivos meios ambientes. Neste específico campo de estudo a ecologia humana trata da relação homem-ambiente, individualmente ou em grupos, tais como: 1) efeitos do clima sobre a saúde e energia humanas; 2) as influências dos recursos naturais e da topografia sobre as ocupações, moradias, instituições e técnicas; 3) influências das vias de circulação naturais e das barreiras sobre o isolamento e o contato; 4) possíveis efeitos da região natural sobre os costumes, atitudes e crenças. Ora, tais relações não são específicas da Ecologia Humana. Vejamos uma segunda grande definição: concepção de que a geografia humana é sinônimo de estudo das distribuições espaciais dos fenômenos humanos. Este conceito é muito difundido entre os so-

ciólogos. Muitos deles colocam o rótulo de ecológico quando um estudo ou pesquisa inclui dados de distribuição espacial dos fenômenos humanos; dados puramente demográficos. Talvez o único critério usado pelos sociólogos para identificar a ecologia humana seja mesmo o da distribuição espacial. Assim, precisamos, como bem acentua Gettys: 1) definir com exatidão e finalidade quais os fenômenos que caem no campo de ecologia humana; 2) determinar se a ecologia humana é uma disciplina científica ou um apêndice da ecologia biológica; 3) tendo concluído como disciplina científica, com unidade entre teoria e fatos, entre doutrina e métodos, e entre abordagens e conclusões derivadas de análise empírica, falta ainda decidir que relação a ecologia humana tem com o campo da teoria social, no que concerne a sociologia e a geografia.

Sendo os quatro fatores: população, técnica, crenças e valores, e recursos naturais e habitat, os elementos básicos da ecologia humana, podemos agora distinguir entre geografia humana e ecologia humana ou seja, definir se a ecologia humana é campo ou domínio da própria geografia, ou se é uma disciplina autônoma, ou por outra, se é uma perspectiva ou um método para as ciências humanas. Uma vez dada como finalidade da ecologia humana a tentativa de investigar os "processos pelos quais os equilíbrios biótico e social (1) são mantidos uma vez atingidos (2) os processos pelos quais, quando perturbados, a transição é feita por uma ou outra ordem relativamente estável" (Park, 1936: 15) sabemos que a ecologia humana se presta como subsídio tanto para a sociologia e geografia, como para as outras ciências sociais. Lidando com os processos, ela nos dá uma visão dinâmica, muito embora buscando o equilíbrio. Ela se distingue da geografia, não entra no campo ou domínio desta ciência, uma vez que a sua relação espacial é decorrência do estudo ou investigação de seres vivos interagindo com o

meio em que vivem. Ora, se tudo o que ocorre no espaço, no meio ambiente é geográfico, então não existe ramo do conhecimento que não seja geográfico. A relação ser vivo-ambiente é típica da ecologia e a relação no espaço ou distribuição espacial é típica da geografia, enquanto esta se dá num meio físico, num espaço relativo e concreto. A qualificação de distinção espacial está para a geografia assim como a simbiose organismo vivo-meio ambiente está para a ecologia, e a relação elemento humano-meio ambiente está para a ecologia humana. Quanto à sociologia, a ecologia se distingue desta de modo mais perceptível. A preocupação da sociologia é para com a interação social, ou seja, relação homem-homem enquanto grupo social e a ecologia humana busca o processo da relação homem-meio ambiente.

Do exposto parece-nos que a ecologia humana é muito mais um método, uma perspectiva ou uma abordagem, do que propriamente uma ciência ou uma disciplina ao lado da sociologia e da geografia. Max. Sorre viu a ecologia humana nesta perspectiva. A ecologia humana foi para ele exatamente o núcleo de suas preocupações geográficas (França, 1950: 5 e segs).

Neste sentido, tem valor a afirmação de Llewellyn e Hawthorn: "muita gente considera a maior contribuição dos ecologistas como sendo mais a abordagem metodológica do que suas teorias" (Llewellyn e Hawthorn, 1945: 489).

Sorre trouxe para a geografia esta preocupação ecológica de anexar à relação homem-espaço, a amplitude do conceito espaço no sentido de suporte passivo e ativo dos grupos sociais que com ele e sobre ele interagem. O primeiro elemento com que inicia o seu tratado de geografia é exatamente a população, por ele estudada no primeiro capítulo sob o nome de "A consistência do e-

cúmeno" (Sorre, 1967: 1-52). É ainda com esta preocupação que, ao tratar do complexo patogênico, ele nos dá uma lição de abordagem ecológica perfeita (Sorre, 1947: 413 e segs). A sua primeira tese traz a marca desta perspectiva ecológica, e no curso dado no Centre d'Études Sociologiques, quando professor da Sorbonne, afirma: "A geografia humana é uma disciplina ecológica, isto é, ela propõe dois termos um em frente ao outro, de um lado o meio, do outro os homens e os grupos humanos".(Sorre, 1949: 44).

Vejamos mais detalhadamente como Sorre percebeu a posição da ecologia na geografia, ou seja, como praticou a ecologia humana como posição metodológica na geografia.

3.3. A ecologia como posição metodológica

A natureza eclética da ciência geográfica fez com que ela se servisse de diversos pontos de vista metodológicos. Por isso mesmo torna-se muito difícil apresentar uma síntese de todas as tendências existentes. Por outro lado, os geógrafos, raramente ousam entrar desses debates. A orientação empírica que a geografia tem seguido não leva o geógrafo a se orientar demais por este tipo de debate filosófico. Entretanto, não temos dúvida de que este tipo de discussão é hoje indispensável dentro da geografia.

Como observa Schaeffer: "A metodologia prospera evoluindo. Na medida em que progredem as pesquisas, a metodologia é melhorada ou substituída. As leis e as hipóteses são, conforme o caso, confirmadas ou abandonadas. A metodologia é a lógica do processo" (Schaeffer, 1977). Mas a metodologia se tornou complacente na geografia; caiu-se no pragmatismo. A polêmica deve reinvidicar conforme sugerem Eichenbaun e Gale (Eichenbaun e Gale,

1971: 530). O estudo de Schaeffer é uma afirmação precisa e sucinta desta idéia. No seu sumário de posições contrastantes dos períodos anteriores à publicação de seu artigo, ele acentua que os geógrafos tradicionalmente cuidaram de temas como a ordem espacial, a estrutura, a forma, ou a organização dos fenômenos físicos e sociais na superfície da terra. A metodologia era indutiva. Schaeffer acentua que, observando as inúmeras estruturas e funções dos fenômenos em foco, podemos catalogar as descrições e especular sobre a natureza das regularidades observadas. Seu sumário das posições que os geógrafos tomaram inclui temas como a unicidade versus generalidade, a descrição versus causalidade, o regional versus o sistemático. Acima de tudo, ele sintetiza tudo na moldura do ponto de vista científico totalmente funcionalista. Faremos bem em aceitar os argumentos de Schaeffer neste assunto e não debatê-los mais. O que ele nos leva a fazer é uma séria revisão da própria metodologia geográfica. Daí a importância deste artigo na atualidade geográfica.

Do mesmo modo e dentro deste debate metodológico é que nos propomos aqui, baseados num geógrafo que pode ser considerado um "clássico" da geografia, verificar a posição da ecologia como ponto de vista metodológico. Este geógrafo, clássico e contemporâneo da geografia enquanto ciência, é Max. Sorre, cuja obra, no dizer de seu ex-aluno, o Prof. Ary França "tem sobretudo valor de método e orientação, sendo pura Geografia, isto é, conservando-se fiel aos princípios gerais da ciência geográfica, que são os da extensão, generalidade e causalidade" (França, 1950: 8).

A geografia, a sociologia, e em geral, as ciências humanas sofreram nos últimos vinte anos, inúmeras transformações. A mais notável foi o desaparecimento das muralhas que as separavam no passado. Muralhas que foram construídas e fortificadas na dis

puta por um objeto ou um campo de estudo, como bem ilustra Lucien Febvre para o caso da geografia com a sociologia. A sociologia francesa sempre esteve muito ligada à etnologia, o que não ocorreu nos países anglo-saxões. A geografia francesa teve acirrada disputa, como vimos, com a sociologia. A utilização de técnicas matemáticas e estatísticas foi feita tanto pela sociologia como pela geografia, e a tendência matematizante nas ciências humanas firmou-se como uma realidade. Realidade em muitos casos problemática, pois o instrumento nunca pode chegar, nestes casos, a ser a preocupação primordial dos cientistas nas ciências humanas.

As ciências sociais, no início deste século se preocuparam sobretudo em destacar a originalidade e a especificidade dos fatos sociais, como observa Claval (Claval, 1967: 1030). Mostraram assim que a sociedade era algo mais que a soma de todos os elementos e determinaram os pontos onde esta originalidade do social se manifestava. Perguntaram-se até que ponto a sociedade era o produto dos indivíduos ou influenciava estes mesmos indivíduos. A riqueza da Escola Geográfica Francesa está exatamente neste ponto: mostrar a possibilidade da ação do homem agindo com e sobre o meio ambiente. Já vimos que esta preocupação estava também presente na obra de inúmeros geógrafos alemães. As ciências sociais, entre elas a geografia e a sociologia, dedicaram-se ao estudo das interrelações entre indivíduos e sociedade. Daí dedicarem-se as ciências sociais unicamente ao plano social, tratando os fatos sociais como coisas, conforme propusera Durkheim (Durkheim, 1963: 12 e segs). Não tardou muito a reação contra esta atitude, sobretudo na sociologia. Mesmo assim a consideração dos fatos sociais como coisas trouxe valiosas contribuições para a sociologia, tais como os conceitos de Comunidade e de Sociedade de Ferdinand Toennies. A visão direta e global dos cientistas

se volta então, mais para os grupos do que para a sociedade, como unidades imediatamente dadas à observação. O mesmo ocorre na geografia, enriquecida com os conceitos de gêneros de vida, habitat rural, habitat urbano, etc.

Max. Sorre, conhecendo de perto, tanto a disputa inicial entre geógrafos e sociólogos, como a tendência de dedicar os esforços da pesquisa científica do conhecimento em cada uma das ciências sociais, trouxe para a geografia esta preocupação, consubstanciada nas concepções genuinamente geográficas de gênero de vida, de ecúmeno, de habitat (Sorre, 1948, 1933, e 1957: 135). Esta preocupação não o afastou dos dois pontos de vista da geografia geral e regional como faz questão de frizar (Sorre, 1947: 363).

Os geógrafos em geral descreveram múltiplos exemplos de grupos. As análises recentes dedicam-se cada vez mais às atitudes, às mentalidades. As sociedades rurais foram descritas em inúmeras monografias regionais - descrição do meio onde surge a revolução agrária; novas técnicas agrícolas em sociedades de pequenos proprietários; organização do espaço agrário, etc. - o meio urbano também absorveu a atenção dos geógrafos, onde historicamente se destaca o trabalho interdisciplinar de Chombart de Lauwe (Chombart de Lauwe, 1952). Sorre deixou uma orientação neste sentido interdisciplinar tanto na sua obra enciclopédica como nas 3 obras posteriores. Nestas obras o habitat rural e o habitat urbano foram tratados como elementos componentes do complexo geográfico, numa visão sistêmica do conjunto meio físico, elemento vivo e elemento humano.

De fato, Sorre entendia que toda ciência é uma explicação do mundo. Trazido para a geografia através de sua formação

naturalista e como aluno de Charles Flahaut, Sorre incorporou o método naturalista na sua geografia, método este que desempenhara um papel predominante no nascimento da geografia cinquenta anos antes. Gottmann observa que Sorre foi um geógrafo diferente de seus colegas, por ter vindo tardiamente para a geografia. Aluno de uma Escola Normal, professor ele próprio em Escola Normal, só se tornou geógrafo quando de sua permanência em Montpellier com Flahaut. A sua primeira tese - Les Pyrénées - traz a marca do método naturalista, que mais tarde seria definitivamente incorporado na sua geografia através daquilo que ele próprio denominou de ecologia do homem. Para Max. Sorre, a conceituação de Cholley só encontra real poder explicativo na ecologia. Assim, as combinações do complexo, ou do sistema interrelacionado: meio físico, elemento biológico e elemento humano estão presentes de modo visível na ecologia. Daí ter Sorre postulado a ecologia como um método, como uma perspectiva genuinamente geográfica, no sentido da síntese, como instrumento de compreensão do fato geográfico. É geográfico todo fenômeno visto dentro desta visão ou desta perspectiva da ecologia, ou melhor, a ecologia dá à geografia um recurso, uma ferramenta indispensável no que concerne a compreensão do homem, do ecúmeno em sua relação espacial. Toda a geografia de Sorre é caracterizada por esta visão global do fenômeno humano em relação ao espaço. Herdando de La Blache esta preocupação pelas possibilidades do homem enquanto grupo social sobre o meio ambiente, destinou todo o II tomo de seu tratado de geografia humana à técnica no sentido de domínio do homem sobre o meio e também no sentido de organização do grupo social em instituições, como o Estado, a Igreja (Gottmann, 1947: 5).

Foi esta visão ecológica de Sorre que o levou a dividir as partes da ciência geográfica em: 1) descrição dos grandes fa-

tos de repartição ou distribuição; 2) uma sistemática ou classificação fundada sobre 3) uma ecologia, esboçada por Ratzel na medida em que este geógrafo sentira a necessidade de uma tipologia fundada sobre a etnologia e a sociologia (Claval, 1976: 75). Tanto os "Fondements de la Géographie Humaine", em seus três tomos, como "L'Homme sur la Terre" atendem a esta divisão compreensiva da geografia como uma ciência do espaço mas com um cunho marcadamente social, humano, dentro da ecologia como arcabouço ou estrutura da obra, uma vez que esta ecologia é compreendida como um método de enfoque ou abordagem do problema em foco.

Vejamos mais detalhadamente como Sorre chegou a esta noção da ecologia enquanto uma perspectiva metodológica na geografia, ou como ele mesmo denominou, falando dos geógrafos, que desde Vidal de la Blache, encontraram na ecologia "un mode d'explication tout à fait essentiel pour leur discipline".

No "Rencontres de la géographie et de la sociologie" o capítulo II é todo dedicado à ecologia. Sorre nos mostra aqui toda a importância e o lugar da ecologia na geografia. Partindo do noção de meio ambiente - "tudo o que é exterior aos homens, a totalidade das condições nas quais os grupos exercem sua atividade" - Sorre nos mostra que, contra o determinismo, surgiu com La Blache uma limitação das influências mesológicas, frizando "as interrelações homem ↔ meio e não somente a influência do meio → homem" (Sorre, 1957: 115 e 133 respectivamente). O meio torna-se uma criação do homem, conforme sentença: "Eis por que ousou pensar que os quatro volumes por mim publicados sob o título de "Fondements de la géographie humaine" se inscrevem na corrente da tradição vidaliana. Meu objetivo foi mostrar de maneira explícita o caráter ecológico de toda a geografia humana, considerado, seja no sentido estrito, pela pressão do ambiente físico e humano so-

bre o organismo, seja pelas transformações do meio por grupos armados de uma técnica cada vez mais eficiente, onde se descortina em definitivo os gêneros de vida, condicionados e condicionantes ao mesmo tempo do meio ambiente" (Ibid: 135).

Pierre George confirma esta idéia de Sorre e La Blache quando afirma serem os termos arrumação ou organização do espaço conceitos modernos, sendo frequentes a associação a estas palavras da "idéia de uma nova concepção das relações entre os grupos humanos e o seu quadro ecológico e histórico, a tal ponto que lhes juntamos a noção de ação voluntária, como se tratasse de uma inovação no domínio das relações geográficas" (George s/d: 7). A interrelação e simultaneidade de influências entre meio físico e elemento humano foram assinalados pela Escola Geográfica Francesa, mas coube a Max. Sorre enriquecer esta interrelação com o conceito de visão ecológica. Assim, Sorre chama a atenção para o fato do objeto da pesquisa ecológica ser multidisciplinar citando Hawley, representante da Escola de Chicago, Escola esta iniciadora dos estudos ecológicos nas áreas de sociologia e geografia humana nos Estados Unidos: "O objeto da pesquisa ecológica é a comunidade humana cuja forma e desenvolvimento são estudados com uma referência particular aos fatores de limitação e de sustentação do meio ambiente. A ecologia é, em outras palavras, o estudo da morfologia da vida coletiva ao mesmo tempo em seus aspectos dinâmicos e estáticos. Ela tenta determinar a natureza da estrutura comunitária em geral, os tipos de comunidade que aparecem nos diferentes habitats e as sequências específicas de mudança no desenvolvimento da comunidade, escreve Hawley" (Sorre, 1957: 146). Neste sentido, a ecologia, continua Sorre, implica sempre em uma investigação sociológica. Daí a menção que Sorre faz a seguir de Durkheim e Halbwachs com os seus conceitos de

substrato social e de morfologia social como vimos anteriormente. A organização do espaço não é senão um conjunto de comunidades relacionadas com o espaço em estado de equilíbrio, ou buscando sempre um novo equilíbrio. As concepções puramente estáticas ou dinâmicas, ou em outras palavras, as concepções de estrutura e de processo são para Max. Sorre muito mais recursos operacionais de investigação teórica do que aspectos ou fenômenos da realidade em si. Sorre não se perde em discussões filosóficas, como fez questão de frizar várias vezes em suas diversas obras. Quando muito remete o leitor para obras que tratam destas discussões, como para o caso da discussão entre ecologia humana, sociologia e geografia humana com Lucien Febvre - *La Terre et l'évolution humaine*" (Sorre, 1957: 140).

Do exposto podemos concluir que a ecologia humana apresenta três características que lhe são peculiares, e que lhe concedem a função metodológica na geografia. Primeiro, a ecologia humana como a ecologia geral, nunca estuda os organismos vivos salvo quando em relação com o meio natural; segundo, a ecologia humana sempre estuda as relações entre homem e homem e nunca as relações entre homem e meio; terceiro, a ecologia humana tem sempre uma conotação espacial, pois limita seu campo a certos aspectos da vida comunitária ou regional. Assim, a ecologia humana surge ao mesmo tempo como um campo especializado de investigação científica e como uma metodologia da própria ciência geográfica (Quinn, 1939: 164).

Muito mais que estudo interdisciplinar entre as ciências humanas, a ecologia está inserida na geografia como enfoque, como perspectiva, como método. Esta era a preocupação de Sorre quando criticava os inúmeros adjetivos acrescentados ao termo geografia. Postulava ele, antes de tudo, uma unidade da ciência geo

gráfica que praticava, unidade esta ligada ao vasto campo do conhecimento do homem indivisível em cada uma de suas atividades. Daí a sua ampla visão da geografia, daí a inserção da ecologia como posição de aproximação, de encaminhamento na busca das interrelações ecúmeno X espaço X técnica.

Sorre tinha clara noção da especificidade do objeto ou campo de estudo da geografia, da biologia, da ecologia e da sociologia. Não confundia o campo ou domínio de estudo de cada uma destas ciências, mas procurava determinar os campos de incidência de uma com as outras, tirando daí o aprofundamento das questões metodológicas de cada uma destas ciências.

A divisão da ciência geográfica em ramos era por ele aceita devido a inúmeras pesquisas da atividade humana, vinculada ao espaço, mas Sorre clamava com veemência contra os abusos da geografia partilhada, conforme Lütgens denunciava já em 1949 ao mencionar, segundo esta subdivisão sem fundamentos, a geografia das pontes, dos túneis, etc. (Lütgens, 1954; Megale, 1975: 6 e 7).

A unidade da geografia está consubstanciada na unidade do homem indivisível, embora com inúmeros aspectos em cada uma de suas atividades. O relacionamento homem e espaço exige da geografia uma perspectiva ecológica para a sua compreensão, daí a posição assumida por Sorre que, como geógrafo, praticava a geografia humana e nesta prática usava a ecologia como um instrumental valioso.

Bibliografia

- AZEVEDO, Aroldo de - 1976 - A geografia francesa e a geração dos anos setenta. "Boletim Paulista de Geografia" nº 50, março: 7-28.
- BEAUJEU-GARNIER, J. - 1963 - Entre nous - Maximilien Sorre. 1880-1962. "L'Information Géographique" ano 27 (1), janv-févr 38-39.
- BURTON, Ian - 1977 - A revolução quantitativa na Geografia. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 7 (13), 63-85.
- BOUGHEY, Arthur S. - 1971 - Man and the environment. An introduction to human ecology and evolution. New York. MacMillan Co. 472 p.
- BOYÉ, Marc - 1974 - É a geografia uma ciência? "Boletim Geográfico" ano 33 (242) set-out: 5-17.
- CHOLLEY, André - 1946 - Remarques sur quelques points de vue géographiques. "L'Information Géographique" ano 12 (3), mai-juin: 85-90 e ano 12 (4), sept-oct: 127-135.
- CHOMBART DE LAUWE, P.H. - 1952 - Paris et l'agglomération parisienne.
 1. L'espace social dans une grande cité, 262 p.
 2. Méthodes de recherche pour l'étude d'une grande cité (écologie, statistique, expression graphique), 111 p. Paris. Presses Universitaires de France, 1952.
- CLAVAL, Paul - 1967 - Géographie et profondeur sociale. "Annales Économies, Sociétés, Civilisations" ano 22 (5), sept-oct: 1005-1046.
- CLAVAL, Paul - 1973 - Principes de Géographie sociale. Paris. Ed. M.Th.Gênin. Ilustr. 352 p. (Collection de Géographie Économique et sociale, tome XI).
- DERRUAU, Max - 1973 - Tratado de geografia humana (trad.) 6a. ed. Barcelona, Vicens-Vives. 688 p.
- DURKHEIM, Emile - 1963 - As regras do método sociológico. (Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz), 3a. ed. S.Paulo, Nacional, 140 p. (Iniciação científica v. 15).

- EICHENBAUN, Jack e GALE, Stephen - 1971 - Form, function and process: a methodological inquiry. "Economic Geography" vol. 47 (4) october: 525-545.
- FAISSOL, Speridião - 1972 - Teorização e quantificação na Geografia. "Rev.Bras. de Geografia" 34 (1), jan-mar: 145-164.
- FEBVRE, Lucien - 1938 - La Terre et l'évolution humaine, Introduction géographique à l'histoire. Paris, Ed. Albin Michel, 471 p. (L'Évolution de l'humanité).
- FRANÇA, Ary - 1950 - Novas diretrizes em geografia humana. "Boletim Paulista de Geografia" nº 5, julho: 3-11.
- GEORGE, Pierre - s/d - A ação do homem (trad. Octavio Mendes Cajado), S.Paulo, Dif. Européia do Livro, 214 p. (Coleção Terras e Povos/6).
- GETTYS, Warner E. - 1940 - Human ecology and social theory. "Social Forces" vol. 19 (4), may: 469-476.
- GOTTMANN, Jean - 1947 - De la méthode d'analyse en géographie humaine. "Annales de Géographie" LVI (301) janv-mars: 1-12.
- HALBWACHS, Maurice - 1947 - Morfologia social (trad. de Francisco Pina), México, Ed. America III p. (Ciencias y hechos sociales,II).
- LLEWELLYN, Emma e HAWTHORN, Audrey - 1945 - Human ecology in George Gurvitch e W.E.Moore - Twentieth Century Sociology, New York, The Philosophical Lib. 754 p. (466-499).
- LUTGENS, Rudolf - 1954 - Los fundamentos geográficos y los problemas de la vida económica (trad. do original alemão de 1949); Barcelona, Ed.Omega, 312 p.
- McKENZIE, R.D. - 1925 - The scope of human ecology. In E.W. Burgess (ed.) The urban community; Chicago, University of Chicago Press, 167-182.
- MEGALE, Januário F. - 1975 - A bananicultura no litoral paulista. Um estudo de geografia econômica. Dissertação de mestrado - USP - FFLCH - Deptº de Geografia. Mimeo. Ilustr. 98 p. Edição do autor.

- OLIVEIRA, Livia de - A renovação na geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros. XXV Reunião Anual da SBPC, Rio, Simpósio Renovação da Geografia: 9-23.
- PARK, Robert Ezra - 1936 - Human Ecology. "American Journal of Sociology" XLII (1), july: 1-16.
- PARK, Robert Ezra - 1952 - Human Communities. The city and human ecology. Glencoe, Free Press; 278 p. (The Collected papers of Robert Ezra Park, v.2).
- QUINN, James A. - 1939 - The nature of human ecology. Reexamination and redefinition. "Social Forces", vol. 18 (2), December: 161-168.
- QUINN, James A. - 1950 - Human ecology. New York, Prentice Hall, 561 p.
- ROCHER, Guy - 1961 - Sociologia geral (trad. de Ana Ravara), Lisboa, Ed. Presença, 223 p. Cap. II - A sociedade tecnológica: 42-79.
- SCHAEFFER, K. - 1977 - O excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 7 (13): 5-37.
- SORRE, Max. - 1933 - Étude de l'habitat rural d'après les cartes. Questions de définition et de méthode. Espagne, in troisième rapport de la Commission d'habitat rural. Union Géographique Internationale. Paris, 1931, en vue du Congrès International de Géographie de Paris, 1933.
- SORRE, Max. - 1947 - Les fondements de la géographie humaine. Tome premier. Les fondements biologiques. Essai d'une écologie de l'homme. 2e. éd. revue et augmentée. Paris. A.Colin, 447 p.
- SORRE, Max. - 1948 - Les fondements de la géographie humaine. Tome II - Les fondements techniques. Paris, A.Colin, 608 p.
- SORRE, Max. - 1949 - Initiation aux recherches sur la géographie humaine, Centre d'Études Sociologiques, Paris, Centre de Documentation Universitaire, 57 p.
- SORRE, Max. - 1952 - Les fondements de la géographie humaine. Tome III - L'Habitat - Conclusion générale. Paris, A.Colin, 499 p.

- SORRE, Max. - 1957 - Rencontres de la géographie et de la sociologie. Paris, Marcel Rivière. 213 p. (Petite Bibliothèque Sociologique Internationale).
- SORRE, Max. - 1967 - El hombre en la tierra (trad. Francisco Payrols), Barcelona, Ed. Labor, 317 p.
- THEODORSON, George A. - 1958 - Human ecology and human geography in Joseph S. Roucek (ed.), Contemporary Sociology. New York, Philosophical Library: 339-357.
- WHITE, C. Landon e RENNER, George T. - 1936 - Geography. An introduction to human ecology. New York, Appleton-Century, 790 p.

Cap. 4 - Espaço e realidade social em Max. Sorre

A natureza social do homem, fundamento de toda sociologia, é também uma das pedras angulares da geografia humana.

(Max. Sorre)

A geografia humana é para Sorre uma ciência social. Sorre vê o relacionamento homem X espaço ou as interrelações entre ecúmeno, meio físico e elemento biológico como o campo de investigação da geografia humana. Como já vimos, a geografia apreende a realidade social através de sua visão ecológica. A distribuição do ecúmeno pela superfície da terra e a técnica como instrumento do homem para aprimoramento de sua existência em seu habitat: eis a geografia para o nosso Autor. Como captar as interrelações entre ecúmeno, espaço e técnica num processo contínuo se não pela visão ecológica?

O ponto de partida para esta compreensão do aspecto social da geografia humana está na reflexão das noções comumente aceitas sobre o objeto da geografia e o objeto da sociologia: a ação humana sobre o habitat. "A preocupação geográfica surge bem cedo nas populações em deslocamento de uma área para outra", afirma Sorre, e as aquisições individuais quanto ao espaço se transmitem ao interior do grupo, nas sociedades primitivas e nas sociedades agrárias (Sorre, 1957: 13). Também no meio urbano o espaço adquire um valor social devido a população que sobre ele ou ao lado dele repousa e se dedica a toda espécie de atividades. "O sentido do espaço, sob sua forma mais modesta, se incorpora à consciência do grupo" (Ibid: 17). O espaço é o elemento primário, vinculado ao grupo social que nele sobrevive, numa permanente busca de um equilíbrio ecológico sempre em movimento, sempre em proces-

so. Tal é a visão ecológica da geografia para Max. Sorre. A conotação de social nesta concepção está exatamente no grupo social, interagindo entre si e com os elementos físicos e biológicos do meio ambiente em que está inserido.

A organização do espaço bem como as instituições sociais são obras de grupos humanos. A luta pela sobrevivência é uma obra coletiva. Cada grupo social tem historicamente um relacionamento diferente com o espaço. A sociedade primitiva, a comunidade rural e a sociedade urbano-industrial apresentam todas um ângulo particular de enfoque da geografia e da sociologia, ângulos ou perspectivas que captam no grupo social os elementos componentes do sistema tribal, rural ou urbano. A sociologia, segundo Sorre, investiga a natureza, a estrutura e a evolução dos grupos sociais como tais, em seus objetivos e suas criações "dentro de uma característica geográfica, cuja ação sofrem e transformam" (Sorre, 1967: 179). Daí as estreitas relações entre a geografia e a sociologia, "relações de colaboração, não de competição".

"A sociabilidade e o meio geográfico" é o título que Sorre dá ao capítulo V de seu último livro - O homem sobre a terra - ao tratar da ação humana sobre o meio em que vivem os grupos sociais. No "Rencontres de la géographie et de la sociologie" nosso autor dedica ao tema o capítulo 3 com o título de "O espaço do geógrafo e sociólogo". A mobilidade geográfica é para Sorre o ponto principal da formação e evolução do ecúmeno. A mobilidade geográfica se dá dentro do conceito amplo de espaço geográfico como meio de ascensão no espaço social. Sobre este assunto Sorre tem uma obra específica: "Les migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique" (Sorre, 1955, 1957 e 1967).

O espaço é a primeira realidade com que se defronta o grupo social.

Suas necessidades primárias: habitação e alimentação - bases da sobrevivência - estão estreita e diretamente relacionadas ao espaço nos grupos primitivos. A sociedade moderna também depende do espaço, mas a satisfação destas necessidades primárias decorre mais do grau de avanço tecnológico que de seu relacionamento puro e simples com o espaço físico.

Hoje o espaço é medido em tempo, como decorrência da velocidade dos transportes e das comunicações, mas nas comunidades ágrafas, o espaço era medido basicamente pela distância espacial, não se incorporando nesta distância a noção de tempo. O que caracteriza, porém, ambas as sociedades, tanto a primitiva como a moderna ou contemporânea, tanto a de subsistência como a de mercado de consumo, é que as duas têm no espaço a sua base referencial de organização social. Este é o sentido da geografia como ciência social e este é o campo de incidência entre a geografia e a sociologia.

De fato, na sociedade primitiva ou ágrafa, todos os atos praticados pelo grupo social têm como referência o habitat. É na área circunvizinha a aldeia que se desenvolvem as ações de plantação e colheita, de caça e abrigos em pontos estratégicos nas lutas ou guerras intertribais. Como bem observa Sorre, baseado em estudos de etnologia, a noção de espaço do primitivo é a noção do espaço linear, de pura distância, decorrente talvez do alcance da flecha e da possibilidade de caminhada de um indivíduo ou de um grupo todo. O primitivo está arraigado a terra. Não só tira sua subsistência desta, mas os seres vivos que convivem no seu habitat são considerados como que irmãos ou ascendentes como nos prova o totemismo. A terra e o espaço são partes essenciais da vida tribal.

O homem moderno, que indiretamente e a primeira vista parece prescindir do espaço, está tão arraigado a este quanto o primitivo. Aqui o avanço tecnológico surgiu como decorrência do adensamento populacional e da escassez dos recursos naturais devido a própria limitação física do espaço habitado. Uma arranha-céu nada mais é que a criação de espaço habitado, ou se quiserem, é a expressão do solo criado. O grupo social procura criar novo espaço em decorrência da saturação do habitat originário. Mesmo a procura de espaço extra-terrestre, como as viagens interplanetárias nos provam, está vinculada a saturação do espaço terrestre, seja no que se refere aos recursos minerais, seja no que se refere a defesa armada em conflitos entre nações ou blocos de nações.

Vários foram os autores que se preocuparam em delimitar o campo ou domínio da ciência geográfica com as ciências afins, incluindo nestas últimas as ciências sociais. Sorre apresentou-nos uma área comum ou um campo de incidência entre a geografia e a sociologia. Estas duas disciplinas são aproximadas através da ecologia humana. O conceito de mobilidade social não prescinde do de mobilidade geográfica. A noção de espaço social também deriva deste encontro entre geografia e sociologia. O quadro seguinte nos ilustra a posição da geografia no campo das ciências afins, segundo vários autores, incluindo Max. Sorre.

Baseados nestes três trabalhos e apoiados pelas demais publicações do autor, procuraremos ver agora alguns conceitos e a relação destes no campo da geografia e da sociologia. Estes conceitos: mobilidade geográfica, mobilidade social, migração e espaço social serão vistos dentro da abordagem de Sorre, ou seja, do ponto de vista da geografia em confronto com a sociologia.

4.1. Mobilidade geográfica e mobilidade social

O ecúmeno é o ponto de partida de Sorre para a compreensão da realidade social. Toda a obra deste autor manifesta a preocupação para com o ecúmeno e a técnica no intuito de assegurar a sobrevivência daquele no habitat. Suas quatro principais obras tratam deste tema: 1) formação de ecúmeno, no "Les Fondements de la géographie humaine" primeiro tomo, 2) expansão do ecúmeno, tomo segundo, 3) a diversidade do ecúmeno, tomo terceiro; 4) migrações, formação e evolução do ecúmeno, em "Les Migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique"; 5) permanência e mobilidade, no "Rencontres de la géographie et de la sociologie"; 6) consistência do ecúmeno, no último livro "L'Homme sur la terre" (Sorre, 1947, 1948, 1952, 1955, 1957 e 1961). De fato, Sorre nunca perdeu de vista a visão ecológica da geografia em seus elementos constitutivos: população, técnica, crenças e valores, habitat e recursos naturais, pois "é na interação destes quatro fatores que se mantêm ao mesmo tempo o balanço biótico e o equilíbrio social quando e onde estes existem", no dizer do Prof. Robert Ezra Park (Park, 1936: 15).

Nunca será demais repisar na visão ecológica da geografia de Sorre, pois este autor sempre buscou os movimentos da população, as técnicas e as variações na localização e ocupação humanas no espaço, técnicas e variações estas que afetam uma existente divisão do trabalho ou a relação da população com o solo. A sociedade é formada pelo ecúmeno, isto é, a população estabelecida e limitada em seu habitat. Os vínculos que unem as suas unidades individuais são os da economia livre e natural, baseados na divisão do trabalho. Toda sociedade está organizada territorialmente e os vínculos que a mantêm coesa são tanto de ordem física

como de ordem moral. Sorre tem conhecimento desta duplicidade de valores, destes dois fatores como ressalta em suas quatro conferências no "Centre d'Études Sociologiques" do qual foi presidente: "Na realidade, o meio físico age através do ambiente biológico e este em favor do meio social..." "Por conseguinte, não são todos estes fatores agem cada um por sua conta própria, mas eles interferem uns com os outros, de maneira que estamos aqui em presença de um jogo de ação prodigiosamente complicado" (Sorre, 1949: 44).

Ao ecúmeno estão associados, segundo Sorre, dois elementos: o espaço terrestre com seus limites de ocupação pelo homem, e a fixação ou estabilidade do ecúmeno. A mobilidade geográfica está essencialmente ligada ao ecúmeno em seu caráter dinâmico de permanente processo em movimento. A mobilidade geográfica é a alteração do ecúmeno em sua formação e evolução.

A formação e evolução do ecúmeno se dão dentro desta dupla perspectiva: espaço e grupo social. No grupo social o indivíduo é tomado como unidade, mas como unidade assimiladora de todos os valores do grupo social a que pertence. Sorre continua, no mesmo curso dado no "Centre d'Études Sociologiques": "Diante do meio ambiente os homens e os grupos sociais são muito diferentes e é preciso considerar todas as suas funções. Nós consideramos o homem total, não nos contentamos em ver as coisas do exterior, em ver somente a forma, em não levar em conta o ser que deixou o seu invólucro, e não deslocamos a unidade profunda deste ser. O homem está todo inteiro em cada uma de suas ações, ele é indivisível" Sorre retoma muitas vezes este tema da unidade do ser humano e menciona aqui que esta ênfase dada neste aspecto da atividade humana não lhe é peculiar, pois "Jules Sion e Marc Bloch diziam as mesmas coisas nos mesmos termos" (Sorre, 1949: 44 e 45).

A mobilidade geográfica está no centro da geografia sorreana, uma vez que o ecúmeno é o ponto de partida desta. De facto, ecúmeno, técnica, crenças e valores, e habitat formam o universo da visão ecológica na geografia, como já vimos. O ecúmeno existe vinculado a sua característica marcante: a mobilidade geográfica. Sorre afirma ser a mobilidade "o princípio da estrutura e das mudanças dos grupos humanos". A mobilidade é, ao lado da permanência ou consistência, um dos aspectos do ecúmeno (Sorre, 1953: 201). Este se apresenta, num primeiro momento, como permanente, o que garante o processo de socialização dentro de uma estrutura social determinada. Em seguida, o ecúmeno tem a característica da mobilidade, ou seja, está sempre em movimento através das migrações, seja internas, seja para fora ou de fora para dentro de seu contingente demográfico, o que lhe garante, ao lado da permanência, uma contínua e lenta alteração.

Sorre, ao lado de Halbwachs e Durkheim, conhece bem o processo de mudança social tratado na sociologia, e tipificado por Tönnies nos conceitos de *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*. Este processo se dá na passagem do meio rural ao meio urbano e mesmo nestes dois meios internamente. A mobilidade geográfica é exatamente a qualidade ou atributo do ecúmeno em formação e evolução constante. "A estabilidade, expressão de um equilíbrio de forças precário é sempre relativa, jamais absoluta. A análise ecológica, instrumento essencial do geógrafo, deve ser esclarecida pelo conhecimento da evolução..." "A explicação científica do complexo local não se satisfaz com uma visão estática: deve-se introduzir nela o sentido da mobilidade, portanto das migrações" (Sorre, 1955: 14 e 15). A mobilidade geográfica pode ser definida pelo volume dos movimentos migratórios tomados isoladamente ou considerados no quadro das correntes internas ou internacionais. A estrutura e o

volume das migrações nos dão idéia da mensuração da mobilidade geográfica. Daí a expressão estatística da mobilidade como fator dinâmico do ecúmeno.

Sorre toma como ponto de partida da mobilidade ou do impulso migratório a raiz psicológica. De fato, os indivíduos e os grupos humanos se deslocam em movimentos migratórios por consequência de pressões externas, cataclisma natural, guerra, violência. Mas devemos sempre procurar a origem das migrações nas necessidades, no gênero de vida, nas aspirações e mesmo na imaginação dos migrantes; talvez mesmo numa disposição adquirida ou hereditária. Assim, qualquer alteração entre técnica e habitat, ou qualquer aspiração como alteração nas crenças e valores dos indivíduos pode dar origem à migração. Tanto mais instável ou em processo de mudança um grupo social, maior a mobilidade geográfica de seus elementos. A mobilidade geográfica retrata ora o dinamismo do grupo social que perde o indivíduo, ora o dinamismo do grupo social que o recebe como imigrante.

Nas sociedades modernas a mobilidade geográfica é mais perceptível, tanto em razão de dados estatísticos como em função da ascensão social buscada pela migração. De fato, a estratificação social apresenta mais segmentos, estratos ou classes sociais e há mais permeabilidade entre estes, o que faz corresponder em parte a mobilidade geográfica à mobilidade social.

Enquanto a mobilidade geográfica é a capacidade de um indivíduo ou grupo social de se deslocar de seu local de origem para outro dentro do espaço físico, a mobilidade social é a capacidade do mesmo indivíduo ou grupo em subir socialmente de estrato ou camada social mais baixa para outra de renda mais alta, com novos valores sociais vinculados a novos padrões de comportamento

no espaço social. Sorre menciona o antagonismo do instinto migratório e do instinto social da permanência, da sedentariedade. Daí a perspectiva psicológica do estudo migratório ou da mobilidade geográfica, pois esta se dá sempre em função da mobilidade social almejada. Só mudam os contingentes humanos que aspiram por melhores condições de vida, maior renda, melhor emprego, mais lazer, etc., tudo isto consubstanciado na ascensão social, na mobilidade social. Isto nos mostra o caráter dinâmico do ecúmeno vinculado a um processo mais amplo de mudança social, com novas oportunidades no mercado de mão-de-obra, decorrentes de alterações de crescimento no sistema produtivo. Todas as grandes mudanças sociais, ou melhor dizendo, as diversas etapas da evolução sócio-cultural se prendem a revoluções tecnológicas, e estas quase sempre estão vinculadas a mobilidade geográfica (Ribeiro, 1968: 34 e segs). Estas revoluções tecnológicas trazem em seu bojo alterações profundas nos modos de produção, o que vai repercutir, por sua vez, na mobilidade geográfica.

A compreensão da mobilidade geográfica, bem como o entendimento da mobilidade social exigem ambos "uma perspectiva temporal ou diacrônica, daí a importância de alguns passos analíticos para a sua compreensão na realidade empírica: a) estudo das relações entre o ponto de partida da carreira pessoal e o ponto atingido no momento da observação; b) relações entre o ponto de partida e os meios de mobilidade; c) processo de mobilidade ou interação das variáveis significativas neste processo" (Megale, 1975: 141 e Delmarle, 1973: 11 a 18).

Como Sorre afirma: "A natureza social do homem, fundamento de toda sociologia, é também uma das pedras angulares da geografia humana. Esta só se ocupa dos grupos, não dos indivíduos, dizia A. Demangeon" (Sorre, 1955: 32). É a natureza social

do homem que faz com que tanto a geografia como a sociologia tenham na investigação de seus objetos específicos um campo comum, uma área de incidência entre estas duas ciências. O mesmo relacionamento se dá entre a mobilidade geográfica e a mobilidade social. A mudança no espaço geográfico é motivada por uma mudança no espaço social, como um movimento através da mobilidade social. Repetimos: a migração tem em última instância e como motor primeiro o desejo de mobilidade social, de ascensão social. São raros os casos de migrações forçadas por acontecimentos imprevistos, e mesmo nestes casos, é a impossibilidade ou a dificuldade de resumir as atividades sociais como antes destes acontecimentos imprevistos, que força ou condiciona à migração as populações atingidas. Existe contudo uma pequena restrição quanto ao vínculo entre mobilidade geográfica e mobilidade social. Geralmente o impulso primeiro é a expectativa de melhores condições de vida. Há exemplos de migração onde tal motivo não é o motor da migração. Os refugiados políticos não têm neste motivo a razão de ser de sua mudança de país.

Sorre explica a migração dentro da estrutura dos grupos. A oposição entre as exigências do grupo étnico, social, religioso em defesa de sua coesão, de sua unidade, de sua própria existência, e as tendências centrífugas oriundas das aspirações individuais ou minoritárias se exprime por diversas manifestações, classificadas por Sorre em três tipos: 1) ação da coletividade para rejeitar os dissidentes fora de seu espaço geográfico; 2) ação desta mesma coletividade para reunir no mesmo espaço todos os membros separados, e 3) secessão dos refratários. De fato, a história nos relata exemplos destes três tipos de migração forçada ou induzida, mencionados por nosso autor em seu livro "Les Migrations des peuples" (Sorre, 1955: 35 e segs). Destas observações

tiramos dois corolários: 1) tudo o que tende a liberar as forças de expansão do indivíduo, livrando-o da coerção da estrutura social, prepara um campo propício ao impulso migratório; 2) tudo o que exalta estas possibilidades, desde motivos baixos até razões nobres, cria este impulso de migrar. Assim, tivemos na história desde a "auri sacra fames" até o altruísmo de missionários como propulsores de movimentos migratórios ou de núcleos de colonização. No caso brasileiro, os Bandeirantes na busca do Índio e à procura de pedras preciosas, representam tanto a "libido dominante" como a "auri sacra fames" mencionados por Sorre ao tentar conceituar a migração dentro da geografia (Ibid: 41).

Para nosso autor o estudo das migrações restitui ao quadro geográfico do ecúmeno todo o seu dinamismo e seu sentido dramático. A mobilidade geográfica nos mostra, desde os primórdios da humanidade, o conflito permanente entre duas tendências antagônicas: 1) a mobilidade dos indivíduos e dos grupos, de um lado, e 2) o desejo de estabilidade, da consistência do ecúmeno, de outro. Daí a descontinuidade e heterogeneidade do ecúmeno.

Sorre nos faz lembrar de um sociólogo, por ele citado várias vezes em outros livros. Durkheim, na "Divisão do trabalho social" trata da solidariedade mecânica e da solidariedade orgânica e da passagem da primeira para a segunda. Tal passagem se dá pelo adensamento populacional e em decorrência da divisão social do trabalho. Por seu lado Sorre afirma: "A vida dos homens num meio limitado faz nascer desequilíbrios incessantes, desequilíbrios no interior dos grupos sociais, desequilíbrios entre as necessidades e os recursos disponíveis. Estes despertam a antiga inquietude, a mobilidade original" (Ibid: 255). A mobilidade geográfica surge da necessidade de mudança, decorrente de desequilíbrio surgido no grupo social em consequência de alterações em um ou

mais de um elemento da vida social. Tal mobilidade não se dá no entanto de uma maneira mecânica, pois acentua Sorre "os homens são algo mais que simples unidades de trabalho" (Ibid: 257 e Durkheim, 1928).

A mobilidade geográfica é para Sorre, repetimos, o pivô do ecúmeno, pois, ele próprio nos ensina, ao encerrar o seu "Les Migrations des peuples": "A mobilidade geográfica foi a condição inicial da formação do ecúmeno com toda a sua riqueza e todos os seus contrastes. A mobilidade fez do ecúmeno algo mais que um tecido inerte lançado sobre a superfície da terra, uma substância viva. Em nossos dias as forças que modelam o mundo agem em grande escala. Ora elas exasperam a mobilidade, ora elas a contrariam ou fazem ambas as coisas ao mesmo tempo. Criam tensões e dramas. Neste aspecto, as migrações, manifestações da mobilidade geográfica, merecem a atenção de todos os que se inclinam sobre os destinos dos homens" (Sorre, 1955: 261).

4.2. O espaço social

Ao contrário da ciência econômica clássica, que se construiu fora do tempo e do espaço, pretendendo ser universal, com teorias estáticas e adimensionais, a Geografia ocupa-se do espaço como sua razão de ser. O espaço foi historicamente tratado por filósofos e especialistas nas mais diversas disciplinas. Mesmo em sua disciplina básica ou específica até hoje várias são as discussões sobre o tema. Não se trata de repassar todas as doutrinas filosóficas surgidas a propósito da noção de espaço, mas tentaremos destacar a noção de espaço social em Max. Sorre. É claro que tomaremos outros autores como pontos de referência ou comparação, entretanto, nosso objetivo precípua é fixar como Sorre conceituou o espaço social em sua ciência geográfica. A referência

a outros autores visa apenas a esclarecer o pensamento sorreano.

Para Aristóteles (384 - 322 A.C.), o espaço é a soma de todos os lugares ocupados pelo corpo. Esta definição é interessante por indicar que o espaço resulta de um somatório, mas tem inconveniente de incorporar implicitamente o tempo, pois falar de lugares ocupados pelo corpo significa evocar um processo que se desenvolve no tempo (Moran, 1967: 1 e 2). Para o senso comum, o espaço aparece como o grande receptáculo de três dimensões. Este receptáculo contém todos os corpos, e pela imaginação podemos estender indefinidamente os seus limites. Para o matemático, o espaço é uma grandeza contínua, homogênea, onde só existem pontos sem dimensão, superfícies sem espessuras, etc. Para o filósofo, o espaço real é o "lugar universal dos corpos, a relação das dimensões do universo, com tudo o que elas envolvem" (Jolivet, 1961: 110). Nesta última definição percebemos que o espaço é uma relação de dimensões. Muito tempo depois de Aristóteles, Leibniz (1646-1716) parece eliminar o tempo do conceito de espaço, ou pelo menos a reduzi-lo a sua mais simples expressão - o instante ao definir o espaço como a "ordem dos coexistentes" (Moran, 1967: 2). Spencer (1820-1903), nesta mesma perspectiva considera o espaço como "a concepção abstrata de todas as relações de coexistência" (Ibid: 2). A partir destas definições, pode-se ver, que para alguns pensadores o espaço é um conceito operatório, um conceito que permite, primeiro, a organização das sensações numa visão global do mundo; em seguida, a ação neste mesmo mundo, a partir de então melhor conhecido. O espaço torna-se então um sistema ou um conjunto de distribuição ou de repartição da existência. Percebemos agora que o espaço permite e inclui um conhecimento relacional, pois ele é o suporte dos coexistentes e isto conduz à investigação das relações entre estes coexistentes. É entretanto

em Kant (1724-1804) e a partir deste filósofo que a noção de espaço se enriquece de compreensão quanto ao seu conteúdo. Kant, de acordo com o Prof. Alain Reynaud, concebe o espaço como uma noção conjunta ao conceito de tempo. Kant define espaço e tempo, um após outro e os considera como categorias a priori do espírito humano, "associando-as as duas categorias dos domínios no conhecimento; para ele, a história é o relato dos fatos que se sucedem um após outro (nacheinander) no tempo, enquanto a geografia é a apresentação dos fenômenos que se encontram um ao lado do outro (nebeneinander) no espaço. Reunidas, estas duas disciplinas compreendem o conjunto de nossas percepções" (Reynaud, 1975: 18 e 19).

O espaço social é tratado por Sorre de modo sucinto, quando comparado ao espaço econômico e ao espaço político. Embora para estes dois últimos conceitos haja várias referências em muitas de suas obras, é no "Rencontres de la Géographie et de la Sociologie" que encontramos o conceito preciso destes três tipos de espaço. Sorre parte dos atributos do espaço, atributos estes percebidos tanto nas ciências naturais como nas ciências humanas: configuração, localização e divisão (Sorre, 1957: 87-114). A configuração indica as características, as formas que tornam o espaço sensível ou perceptível aos sentidos. A localização indica como um ponto ou uma área podem ser situados num espaço contínuo. A divisão mostra como é partilhado o espaço em frações maiores ou menores de áreas limitadas. A concepção mais simples do espaço terrestre é a da geodésia. Esta é a base de todas as outras. O espaço geográfico é antes de tudo o próprio espaço geodésico, que é compreendido em suas propriedades através do enriquecimento de sua definição, partindo da noção de área. Sorre dá exemplos da "área de extensão" de um clima, de uma espécie animal ou vegetal.

Partindo do espaço geodésico, Sorre passa a conceituar o espaço na geografia humana, chamando a atenção para não se contrapor radicalmente as definições formuladas um pouco artificialmente pelas diferentes disciplinas, dada a "unidade profunda da atividade global do homem" (Sorre, 1957: 91). Para o sociólogo, afirma Sorre, a noção de espaço é uma noção difícil de se conter numa única noção. Trata-se de separar sua especificidade, em relação ao espaço geográfico, levando-se em conta a imagem que os homens têm de seu espaço social. Neste sentido Sorre vai buscar em Chombart de Lauwe, uma dupla caracterização do espaço social: 1) espaço social objetivo como "a área na qual vive um indivíduo, um grupo ou um conjunto humano maior, cujas estruturas são comandadas por fatores ecológicos e modelos culturais"; 2) espaço social subjetivo como "espaço social percebido por um indivíduo ou pelos representantes de um mesmo grupo". Este espaço subjetivo, reflexo deformado do espaço objetivo, reage sobre este último. Daí a importância de não perdermos de vista o elemento psicológico na compreensão do social.

O conhecimento do espaço social supõe o conhecimento prévio do espaço geográfico. As áreas sociais não se sobrepõem às áreas geográficas, que são ultrapassadas por aquelas. O espaço geográfico corresponde ao que Durkheim denomina de substrato dos fatos sociais, e neste sentido, o sociólogo não pode ignorá-lo.

Feitas estas considerações, passemos à definição de espaço social para Sorre. Sorre define o espaço social por uma "rede de relações próximas ou distantes, com alguns pontos privilegiados. Relações com o grupo familiar, com o grupo maior de parentes, relações de vizinhança, relações com amigos visitados em intervalos mais ou menos afastados, relações de trabalho, relações com comunidades de diversos tipos, esportivas, religiosas,

Percebemos portanto, que o espaço social é bem mais amplo que o espaço geográfico em que se instala e onde exerce suas atividades um grupo humano. De fato, a rede de relações dos indivíduos vai além de seu domicílio do local de trabalho, estendendo-se a lugares de participação social de cunho político, religioso, de lazer. Neste ponto distinguimos entre espaço físico abrangido pelas relações sociais e espaço social propriamente dito. É verdade que há entre os dois uma relação de equidistância. O primeiro é um instrumento para se ter uma noção aproximada do segundo, conforme Chombart de Lauwe e Sorre.

Feitas estas observações, vejamos a seguir a definição de espaço social dada por Chombart de Lauwe. O espaço social "é determinado por uma rede complexa de um conjunto de pontos tomados numa série de outros espaços: espaço topográfico (determinado pelas condições físicas), espaço biológico (determinado pelas condições ecológicas), espaço antropológico (determinado pela distribuição dos tipos antropológicos), espaço tempo (determinado pela rapidez das comunicações), espaço econômico (determinado pela produção, consumo e troca), espaço geográfico (que compreende todas as modificações trazidas pelo homem ao espaço topográfico), espaço demográfico (determinado pelo volume, densidade e distribuições das

profissionais. Assim se define a área social onde se desenvolve a existência do homem, onde se exerce a atividade de um grupo localizado" (Ibid: 11).

Sorre define o espaço social dentro do campo ou domínio da geografia e da sociologia, ou melhor, no campo de incidência destas duas disciplinas. A interação social é o ponto de partida para a compreensão do espaço social. Este não coincide exatamente com o espaço geográfico, uma vez que ultrapassa os limites deste. O espaço social pode ter uma representação cartográfica como expressão ainda que imperfeita do "verdadeiro espaço social que é um horizonte humano" (Ibid: 112). Para Sorre o espaço social é o espaço onde se movem grupos vizinhos, que se interpenetram, conforme seus tipos de atividades. A soma de todos os movimentos de indivíduos e grupos sociais, movimentos estes gerados pela divisão do trabalho, por interesses individuais e grupais, por tensões internas, representa a mobilidade social.

Examinemos a noção de espaço social segundo Sorre. A linguagem das ciências sociais usa expressões como classes superior e inferior, ascensão social, mobilidade social, distância social e outras que indicam posição ou movimento dentro de um espaço social. É claro que este conceito de espaço social tem sua origem na noção de espaço físico perceptível aos sentidos. Mas é só por analogia que comparamos estes dois espaços. Fisicamente próximos, dois indivíduos podem estar socialmente distantes, observa Sorokin ao tratar de espaço e distância sociais (Sorokin, 1965: 5).

No sentido mais amplo do termo, espaço social designa um universo composto pela população humana, em comparação ao espaço comumente considerado como universo onde estão localizados os fenômenos físicos. O espaço social pressupõe porém, a existência

de seres humanos, pois s^o estes s^o autores de uma a^ço social, se ja tradicional, afetiva ou racional, conforme a tipologia de Max. Weber.

Na sociologia o conceito de espa^ço social se prende a alguns dos elementos constitutivos do sistema social, especialmente a a^ço social, rela^ço social, expectativa de comportamento, status e pap^éis. Sobretudo os dois elementos, status e pap^éis, \acute{e} que indicam a posi^ço de um indiv^íduo no grupo social, no espa^ço social. S^o podemos conceber sistema social num agrupamento humano. Da^í a semelhan^ça entre geografia humana e sociologia ao tratarem do espa^ço social. Para Sorre o ec^úmeno \acute{e} o ponto de partida da geografia. Ora ec^úmeno \acute{e} grupo social, e onde h^á ec^úmeno h^á, em primeiro lugar, o espa^ço sobre o qual este grupo desenvolve suas atividades e, em segundo lugar, h^á a teia de rela^ço^{es} entre os membros do grupo, rela^ço^{es} estas que determinam um espa^ço social.

O conceito de espa^ço social esbarra, do mesmo modo que os conceitos de espa^ço pol^ítico, demogr^áfico, cultural, religioso com dois problemas quando se trata da defini^ço destes diversos espa^ços. 1^o) Os limites nos quais se desenvolve a vida de uma coletividade humana n^o podem, como afirma Chombart de Lauwe, ser definidos de acordo com um s^o crit^ério (Chombart de Lauwe, 1952: 21). O mesmo ocorre com as divis^oes do espa^ço compreendido nestes limites da atividade humana. Trata-se, na realidade, de diversos espa^ços justapostos cujas estruturas se recobrem ou escapam a qualquer sobreposi^ço. Tanto isto \acute{e} verdadeiro que, uma t^écnic^a para se ter graficamente a delimita^ço do espa^ço social, consiste em distinguir diversos espa^ços concretos e aproxim^á-los por sobreposi^ço, por meio de cartas comparativas onde podemos assinalar os pontos de encontro ou concord^ância. Estes pontos for-

mam um desenho que corresponde à estrutura, um tanto grosseira, é verdade, de um espaço em relação ao qual, do ponto de vista social, todos os demais vão se ordenar. 29) Temos que considerar nesta representação gráfica o espaço social visto do ponto de vista da interação social num primeiro momento. Num segundo momento, consideramos o espaço social como sistema de estratificação social. Este segundo momento nem sempre é coincidente com o primeiro.

Parece-nos que Sorre tomou como base de sua definição de espaço social esta técnica cartográfica proposta por Chombart de Lauwe, uma vez que ele menciona, como vimos, as duas noções de espaço social deste sociólogo, citando as suas duas obras sobre a vida quotidiana das famílias operárias e sobre Paris e a aglomeração parisiense (Sorre, 1957: 110). Não só menciona estas obras de onde tira subsídios de seu estudo, como também dá uma definição calcada nesta técnica cartográfica: "uma rede de relações próximas ou distantes, com alguns pontos privilegiados. Relações com o grupo familiar, com o grupo maior de parentesco, relações de vizinhanças, relações com amigos visitados em intervalos mais ou menos afastados, relações de trabalho, relações com comunidades de diversos tipos, esportivas, religiosas, profissionais" (Sorre, 1957: 111). Os pontos privilegiados para Sorre são exatamente os pontos de concordância ou coincidência nas diversas cartas comparativas.

populações), espaço cultural (determinado pelas representações coletivas que têm uma expressão material no espaço concreto), etc." (Chombart de Lauwe, 1952: 24).

Dadas estas duas definições, de Sorre e de Chombart de Lauwe, percebemos claramente que o espaço social só pode ser tratado ou definido a partir de uma perspectiva interdisciplinar, para a compreensão de seu conteúdo. De fato, é na biologia e na sociologia que Sorre vai buscar os elementos constitutivos do conceito de espaço social. Na biologia através da ecologia, e na sociologia através do conceito de substrato material e social de Durkheim como já vimos, quando tratamos na ecologia na obra de Max. Sorre.

Para Max. Sorre, a vida social é uma unidade integrada, e os padrões de organização, desde a família, grupos de parentesco até os Estados Nacionais ou blocos políticos são técnicas da vida social (Sorre, 1948). Daí a posição de Sorre em considerar o espaço político e o espaço econômico como dimensões do espaço social (Sorre, 1957: 87-114). Numa escala global, Sorre enfoca o espaço social como um mosaico de áreas, cada uma homogênea em termos das percepções do espaço de seus habitantes. Dentro de cada uma destas áreas uma rede de pontos e linhas irradiando-se de certos pontos privilegiados (teatros, escolas, igrejas e outros focos de movimento social) pode ser identificada. Cada grupo tende a ter seu próprio espaço social, que reflete seus valores particulares, preferências e suas aspirações. A densidade do espaço social reflete a complementariedade, e conseqüentemente, o grau de interação social entre os grupos. Isto pareceu não ortodoxo aos geógrafos colegas de Sorre, no dizer de Anne Buttiner, mas

foi esta posição assumida por Sorre que inspirou Chombart de Lauwe na sociologia, para aplicação empírica destas idéias sorreanas no meio urbano (Buttimer, 1969: 417-426). Não sem razão Sorre advogou repetidamente a colaboração entre geógrafos e sociólogos.

Anne Buttimer nos afirma que Chombart de Lauwe baseou-se em Sorre para a aplicação do conceito de espaço social. De fato, a primeira aplicação empírica do conceito de espaço social, numa pesquisa de sociologia, partiu de Chombart de Lauwe, que tomou de Sorre os elementos necessários para a constituição de seu modelo cartográfico do espaço social. Cabe ressaltar porém, que a definição de espaço social de Sorre tem como base o modelo gráfico do sociólogo Chombart de Lauwe, como o próprio Sorre indica ao tratar do espaço social no seu "Rencontres" (Sorre, 1957:110). Nada mais expressivo da vontade de Sorre que esta mútua colaboração, entre a geografia e a sociologia, cujo campo de pesquisa é mais de colaboração que de competição entre estas duas ciências.

Sorre partiu para a definição de espaço social da síntese dos diversos espaços, síntese esta calcada no espaço geográfico. A visão de síntese da geografia foi a abordagem mais fecunda para se conceituar dentro da geografia e da sociologia uma idéia cujo âmago, cuja essência é exatamente o campo de incidência destas duas disciplinas.

4.3. A geografia como ciência social

Para Max. Sorre a geografia é essencialmente uma ciência social. A ação humana sobre o espaço se dá através do grupo social. Toda ação social sobre o espaço, tal como cultura agrícola, reflorestamento, seleção de áreas de lazer, aumento de solo útil através da habitação vertical coletiva, enfim, toda ação hu-

mana relacionada ao espaço traz consigo necessariamente duas perspectivas. Primeiro, a ação social, seja ela do tipo afetiva, tradicional ou racional, é sempre um exercício da função social do indivíduo ou do grupo social. A coesão social ou a expressão durkheimiana de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica exprimem a existência e a continuidade do grupo social. Um indivíduo não pode sobreviver isoladamente. Uma ação social se caracteriza pelo sentido mentado ou pela expectativa de comportamento de outro indivíduo ou do grupo. A ação humana sobre o espaço é decorrência da situação particular de cada grupo face ao seu estado de relacionamento com o espaço. Segundo, o espaço interage e influi na decisão humana, não de uma maneira rígida ou determinística, mas dentro das condições históricas da evolução de cada grupo social.

Com esta segunda afirmação não queremos, de modo algum, afirmar que a ação de um grupo social no espaço seja geográfica ou tenha uma perspectiva geográfica em decorrência de ser esta ação grupal realizada sobre certa porção do espaço. Assim, toda realização humana, uma vez que é concretizada sobre certa parte da superfície terrestre, teria um cunho geográfico e entraria no domínio ou no campo de estudo da geografia. Tudo seria geográfico, uma vez que a humanidade está presa à vida sobre a superfície terrestre. Não, é em decorrência da ação ser relacionada ao espaço, ou melhor, da ação humana considerar a existência de um espaço concreto em sua motivação e execução que esta ação humana adquire uma perspectiva geográfica.

Toda ação grupal que considera o espaço como variável interveniente em sua dimensão de ação social tem a característica de ser simultaneamente uma ação social e uma ação ou um fato geográfico. Social, por ser realizada dentro de um sentido intelec-

tualizado e na perspectiva do sistema social, ou seja, incorporando uma expectativa de comportamento; geográfica por ter intrinsecamente uma orientação dada pela existência e interferência ou influência do espaço, sendo diretamente a ele relacionada.

É neste sentido que Max. Sorre considera o ecúmeno como ponto inicial da geografia. Onde há ecúmeno, há um habitat ecologicamente organizado e formado de recursos naturais, compreendendo o elemento físico e o elemento biológico, seguidos socialmente de crenças e valores da população que vive neste habitat. A característica eminentemente social da geografia humana está estreita e diretamente vinculada à ecologia. Toda a obra sorreana nos testemunha este alicerce sobre o qual repousa a geografia humana: a ecologia.

Já vimos que o tripé da produção científica de Max. Sorre é formado pela geografia, pela ecologia e pela sociologia. Melhor dizendo, a geografia praticada por Max. Sorre é uma ciência social e o é na medida em que aceita e se serve da ecologia como postura metodológica.

A migração, o estabelecimento urbano, a vida rural, a religião, a atividade política, enfim, todas as instituições sociais quando relacionadas ou definidas em função do espaço apresentam duas dimensões, a social e a geográfica. A dimensão social é inerente ao grupo por pensar socialmente e agir sociologicamente, parafraseando o pensamento de Hans Freyer. A dimensão geográfica está presente por ter o grupo internalizado a presença e a interferência do espaço em seu pensar e em seu agir.

Vejamos alguns exemplos. A migração é uma mudança no espaço físico e concreto. Salvo casos de situações de calamidade, esta mudança de espaço é feita, num primeiro momento, no pensar

em referência ao grupo social local, e diante de um estímulo migratório, qualquer que seja a sua origem, aí sim, é efetivado, num segundo momento, o fato geográfico da migração. Um outro exemplo: a procura especulatória por terras nos anéis mais afastados dos centros urbanos atingidos pelo processo de inchamento, é decorrência de dois fatos: primeiro, o afã do lucro numa economia de mercado - motivação puramente econômica -; segundo, a efetivação da compra ou do ato de especulação. Ora aqui o pensar socialmente (ação e relação social weberianas) em referência ao espaço concreto tipifica o campo de incidência entre a sociologia e a geografia. Poder-se-á objetar: a ação especulativa é essencialmente econômica. Sim, mas o é em referência a um contexto social mais amplo da economia de mercado e de consumo. O mesmo se aplica à ampliação do espaço ou ao solo criado. É bem verdade que nestes casos o fator econômico pesa mais do que os outros fatores, mas isto é consequência da estrutura social e da ideologia dominante. A compreensão do espaço urbano ou rural depende desta imagem dada pela estrutura social e pela ideologia capitalista.

Deve-se tomar cuidado aqui, para não englobar nesta dupla dimensão: social e geográfica, todo fato social desde os mais corriqueiros até os mais complexos como uma colonização induzida em região pouco povoada. O Incra deu-nos o exemplo de um pensar e agir sociológicos falhos no fato geográfico da migração induzida para a Amazônia. O pensar social e o fazer ou o agir sociologicamente, embora de cunho fortemente econômico, não incorporaram todas as variáveis sociais do migrante, o que não trouxe o êxito esperado.

Sorre deixou patente aos geógrafos posteriores que a geografia é uma ciência dos lugares, mas dos lugares ocupados por homens pensando e agindo em grupos sociais organizados coletiva -

mente, dentro de um amplo sistema social. Aliás a característica antropocêntrica da geografia foi determinada antes de Sorre por Ratzel e por La Blache. Sorre apenas a explicitou, procurando os pontos de encontro ou aproximação entre a sua ciência e a sociologia.

O Quadro 1 - Esquemas teóricos da Geografia - nos mostrou que para Sorre, mesmo tendo origem tanto nas ciências da terra e nas ciências naturais como nas ciências humanas ou sociais, o que caracteriza a ciência geográfica é ser antropocêntrica. Todas as subdivisões da geografia humana são de caráter eminentemente social e este caráter advém e permanece como marca indelével da geografia por meio do método ou da perspectiva ecológica. Daí a colocação no quadro acima referido da ecologia humana como disciplina intermediária entre a geografia humana e as demais ciências que lhe deram origem. A ecologia para Max. Sorre não é meramente a visão biológica, mas esta visão biológica acrescida da visão social. Poderíamos dizer que não é a ecologia em si, como disciplina das relações entre seres vivos e meio ambiente, mas a ecologia humana, ou seja, o estudo das relações sociais relacionadas com o ambiente, que torna social a ciência geográfica.

O Quadro 2 - A geografia humana na obra de Max. Sorre - nos ilustra quais são os elementos componentes da geografia na produção científica sorreana. Observamos que estes componentes são os mesmos da ecologia humana.

De fato, ecúmeno, técnica, recursos naturais e valores sociais são os temas centrais da ecologia humana. Observamos aqui que técnica para Sorre não é constituída apenas dos instrumentos materiais, mas abrange as instituições sociais como, religião, Estado, educação, sistema jurídico, etc. No habitat, nosso autor destaca a noção de gênero de vida como o tema central ou

abrangente, tema este manifestamente vinculado à ecologia.

QUADRO 2 - A GEOGRAFIA HUMANA NA OBRA DE MAX. SORRE

ECÚMENO	<p>CLIMA MIGRAÇÕES E FORMAÇÃO DE ECÚMENO EQUILÍBRIO DO ECÚMENO COMPLEXOS PATOGÊNICOS GEOGRAFIA MÉDICA GEOGRAFIA POLÍTICA</p>	E C O L O G I A	P A I S A G E N S
TÉCNICA	<p>SOCIABILIDADE ANIMAL SOCIABILIDADE HUMANA ESTADO. GEOGRAFIA POLÍTICA LÍNGUA. GEOGRAFIA LINGUÍSTICA RELIGIÃO. GEOGRAFIA DA RELIGIÃO IMPÉRIOS ENERGIA E CONQUISTA ESPACIAL CIRCULAÇÃO: SUPERFÍCIE OCEÂNICA AÉREA DO PENSAMENTO</p>		
HABITAT	<p>GÊNERO DE VIDA HABITAT RURAL HABITAT URBANO METRÓPOLES CONURBAÇÃO DO RURAL AO URBANO</p>	H U M A N A	H U M A N A S
SOCIABILIDADE	<p>CRENÇAS E VALORES ESPAÇO SOCIAL ECOLOGIA HUMANA MOBILIDADE SOCIAL MOBILIDADE GEOGRÁFICA CAMPO DE INCIDÊNCIA ENTRE GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA</p>		

Bibliografia

- BUTTNER, Anne (Sister Mary Annette, O.P.) - 1969 - Social space in interdisciplinary perspective. "Geographical Review" vol. 59 (3) July: 417-426.
- CHOMBART DE LAUWE, P.H. - 1952 - Paris et l'agglomération parisienne.
 1. L'espace social dans une grande cité. 262 p.
 2. Méthodes de recherche pour l'étude d'une grande cité (écologie, statistique, expression graphique), 11 p.
- DELMARLE, Jean - 1973 - Classes et lutte des classes. L'avenir de l'homme, de la société. Paris, Ed., Ouvrières. 325 p. (Collection "Points d'Appui").
- DURKHEIM, Emile - 1928 - La división del trabajo social. (trad. Carlos G. Posada). Madrid, Daniel Jorro, 491 p. (Bibl. Científico-Filosofica).
- JOLIVET, Régis - 1961 - Curso de filosofia (trad. de Eduardo Prado de Mendonça), 5a. ed. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 474 p.
- MEGALE, Januário F. - 1975 - Educação, mobilidade social e distribuição de renda no Brasil: 1960-1970. "Digesto Econômico" Ano XXXII (246), nov-dez, 141-149.
- MORAN, Pierre - 1967 - L'analyse spatiale en science économique. Paris, Ed. Cujas. 294 p.
- PARK, Robert E. - 1936 - Human Ecology. "American Journal of Sociology" vol. XLII (1), July: 1-16.
- REYNAUD, Alain - 1975 - A noção de espaço em geografia. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 5 (9 e 10), 17-32.
- RIBEIRO, Darcy - 1968 - Estudos de Antropologia da civilização. I - O processo civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 265 p. (Perspectivas do homem. vol. 55 - Série Antropologia).

- SOROKIN, Pitirim A. - 1965 - Social and cultural mobility. New York. Free Press. 645 p. Cap. 1 - Social space, social distance and social position. pp. 3-10. Há tradução portuguesa: Espaço Social, distância social e posição social in Fernando H. Cardoso e Octavio Ianni - Homem e Sociedade. Leituras de sociologia geral. 2a. ed. São Paulo. Ed. Nacional. 317 p. (223-230).
- SORRE, Max. - 1947 - Les fondements de la géographie humaine. Tome premier - Les fondements biologiques. Essai d'une écologie de l'homme. 2ème éd. revue et augmentée. Paris. A.Colin. 447 p.
- SORRE, Max. - 1948 - Les fondements de la géographie humaine. Tome II - Les fondements techniques. Paris. A.Colin. 608 p.
- SORRE, Max. - 1949 - Initiation aux recherches sur la Géographie Humaine. Centre d'Études Sociologiques. Centre de Documentation Universitaire. Paris. 57 p.
- SORRE, Max. - 1952 - Les fondements de la géographie humaine. Tome III - L'Habitat. Conclusion Générale. Paris. A.Colin. 499 p.
- SORRE, Max. - 1953 - Morphologie sociale. Démographie. "Année Sociologique" 3e. série (1951) 3e. section: 195-202.
- SORRE, Max. - 1955 - Les Migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique. Paris, Flammarion. 265 p. (Bibliothèque de Philosophie Scientifique).
- SORRE, Max. - 1957 - Rencontres de la géographie et de la sociologie. Paris, Marcel Rivière. 217p.
- SORRE, Max. - 1961 - Traité de géographie humaine. L'Homme sur la terre. Paris, Hachette. 366 p.
- 1967 - Tradução espanhola: El hombre en la tierra. (trad. Francisco Payrols). Barcelona, Editora Labor. 317 p.

Cap. 5 - Max. Sorre e o ensino da geografia

Nosso objeto é a região humana, isto é, o grupo humano considerado do ponto de vista do espaço.

(M. Le Lannou)

Sorre foi Professor, Diretor de Ensino, Reitor da Universidade, Presidente de Centro de Pesquisas e dirigiu também uma coletânea sobre o ensino da Geografia. Vejamos como Sorre percebeu já no seu tempo os problemas do ensino desta ciência.

Diante dos meios de comunicação modernos e do avanço das ciências no que se refere ao planejamento e à aplicação de seus conhecimentos nos mais diferentes setores da atividade humana, "as disciplinas do espaço tornam-se cada vez mais necessárias num mundo que se modifica a um ritmo sempre mais rápido" (Claval, 1976: 14). Algumas ciências humanas entretanto, ainda estão relegadas a um segundo plano dentro do planejamento nos países em vias de desenvolvimento. Neste caso estão a sociologia e a geografia ao lado de outras. Isto decorre tanto do atraso cultural do povo como do método de ensino destas disciplinas. Sem uma visão real dos problemas atuais não se pode executar com êxito uma reformulação do ensino da geografia. Sem esta reformulação, os geógrafos, "fiéis à tradição clássica, permanecerão confinados em funções obscuras, enquanto que a geografia será praticada por economistas, urbanistas, engenheiros, que terão a formação necessária para assimilar a parte moderna de nossa disciplina" (Claval, 1976: 14).

Sorre, que ensinou e pesquisou na área da geografia humana, tem sobre o ensino uma posição firme e ainda hoje válida, e muito mais importante do que no passado, pois via a importância

crescente da profissão de geógrafo no desenvolvimento social, não só no meio urbano como no meio rural.

Dentro do espírito de renovação pedagógica geral de fins da década de 30, Sorre chama a atenção para o duplo aspecto do ensino geográfico: "ao mesmo tempo formação do espírito e bagagem de noções sem a qual o mundo atual é ininteligível" (Sorre, 1938: 4). Já nesta época as técnicas estatísticas cresciam em importância e em utilização nas ciências humanas. É bem verdade que a febre e o prurido pela quantificação e por questões teóricas da fundamentação científica da própria ciência geográfica datam de período mais recente, onde o problema principal é o da adaptação do ensino da geografia à diversificação de métodos de pesquisa.

Para Sorre esta dupla função de ensino da geografia na escola é fundamental e se prende à própria essência da geografia, enquanto ciência de observação. Eis o que escreve Sorre a respeito: "A geografia deve fornecer na escola: 1) uma bagagem de noções simples e certas, não deformadas pelo orgulho ou pelo ódio, sobre a imagem da terra, sobre as características da localização das formas da atividade humana sobre a superfície do globo, sobre a paisagem física e humana de nossa França: eis o que a geografia deve fornecer à criança e ao adolescente. Em seguida, uma formação do espírito. Tocamos aqui no lado mais delicado do problema. Para o mestre não se trata só de informação, mas de método. Tudo o que se pode dizer a este respeito decorre da própria definição de geografia. É a descrição explicativa da terra e daquilo que sobre ela existe. Descrição explicativa equivale a descrição científica" (Sorre, 1938: 5).

A visão do conhecimento geográfico como formação, como

método, como estado de espírito ou modo de encarar a realidade espacial foi sempre a posição pedagógica de Sorre, que repetia o pensamento de seu contemporâneo: "Baulig enfatizou bem a essência da geografia: é um estado de espírito, daí a dizer que é uma educação só há um passo" (Sorre, 1952: 8). Esta perspectiva de formação está presente em sua obra enciclopédica "Les Fondements de la Géographie Humaine" e nos trabalhos posteriores.

A própria visão ecológica da ciência geográfica é que determinou em Sorre esta posição pedagógica de duplo objetivo: formação e bagagem de conhecimentos. De fato, a visão ecológica é uma visão sistêmica dos elementos físico, biológico e humano. O enfoque permanente das relações entre estes três elementos através da técnica, no sentido sorreano do termo, faz com que o sentido de formação seja a razão primeira do ensino da geografia. A informação é o meio para que o mestre dê ao aluno uma formação geográfica. É neste sentido que Omer Tulippe observa em sua "Méthodologie de la Géographie. L'enseignement de la Géographie": "Por metodologia da geografia é preciso entender: 1) de um lado, o conjunto de métodos e técnicas que capacitam a fazer um estudo geográfico; 2) de outro lado, os princípios, métodos e procedimentos do ensino da geografia" (Tulippe, 1954: 5). Na geografia, mais do que nas outras ciências, o sentido de formação, de capacitação para interpretar a realidade espacial, ou melhor, a realidade social sob o ponto de vista ou enfoque do espaço, se faz sentir necessário, imprescindível. O termo paisagem tão em destaque na geografia anglo-saxônica e na geografia francesa, tem este sentido amplo de complexo da realidade social sob o ponto de vista geográfico. É nesta perspectiva que Sorre usou o termo de "paisagens humanas" em seu último livro "L'Homme sur la terre". Sim, paisagens humanas, pois como afirma Daryll: "Entre o meio ambien-

te natural e a atividade humana há sempre um meio termo, uma série de objetivos e valores específicos, um corpo de conhecimentos e crenças, em outras palavras, um padrão cultural" (Daryll, 1966: 482).

O conhecimento e a compreensão dos fatos fazem do ensino geográfico o ponto de partida para a expansão da ciência geográfica. Tal conhecimento e compreensão visam a um fim prático: o uso da terra, ou seja, uma possível intervenção racional no espaço. O guia de ensino da geografia, da Unesco, conclui e resume em quatro princípios básicos o campo da geografia e o seu âmbito de ensino: 1) a geografia trata essencialmente dos fenômenos visíveis sobre a superfície da terra em seus aspectos reais e presentes; trata também dos fenômenos invisíveis (psicológicos, políticos, religiosos) na medida em que estes modificam os fatores visíveis; 2) a geografia procura sempre localizar e delimitar os fenômenos que estuda, primeiro, porque é sua tarefa mapear o mundo, segundo, porque a análise da localização dos fenômenos revela quais os problemas que devem ser solucionados e quais os fatores que os explicam; 3) a geografia procura estudar com particular cuidado as relações entre fenômenos, mais especificamente fenômenos de diversas ordens. Não adotando nenhuma atitude pró ou contra o determinismo, ela analisa a teia de influências recíprocas exercidas pelas condições naturais e pelos grupos humanos; 4) a geografia deve ser considerada no ensino de primeiro e segundo graus, como no ensino superior ou em nível de pesquisa, como uma ciência ao mesmo tempo teórica e prática, isto é, uma ciência aplicada (Unesco, 1965: 35).

O primeiro princípio mostra uma grande diferença tanto do ponto de vista do objeto ou campo de estudo como do ponto de vista do ensino, entre geografia e sociologia. Para a geografia,

o que conta é primordialmente a paisagem, os fenômenos distribuídos no espaço concreto. Ciência de observação do real, do visível, o seu método de ensino visa a preparar o geógrafo para captar dentro da paisagem, os elementos componentes desta e explicá-la em seu estado atual. A sociologia é a ciência da interação social, e seu ensino busca fazer com que o sociólogo possa captar nas instituições sociais, no modo de produção, nas classes sociais, a estrutura social de uma comunidade, e numa perspectiva, agir sobre esta, segundo sua interpretação e compreensão dos problemas apresentados por tal comunidade. O geógrafo tem os seus elementos de análise e interpretação no espaço concreto, o sociólogo deve abstrair o espaço, num primeiro momento, e procurar os valores ou a ideologia que plasma e garante a manutenção desta ou daquela estrutura social. A geografia tem no ensino o real, o concreto; a sociologia tem no ensino o abstrato, a idéia, embora esta corporificada em instituições sociais.

O segundo princípio nos mostra uma aproximação entre a geografia e a sociologia. Ambas as disciplinas procuram quais os problemas a serem solucionados e que fatores os explicam. A distinção é mais de âmbito ou campo de estudo que de objetivo como ciências. A localização espacial e a explicação a partir desta é principal para a geografia e secundário para a sociologia. Esta busca as relações entre os grupos sociais a partir da estrutura social, aproximando-se da geografia ao constatar situações de dependência, de marginalidade, de centralidade entre diversas sociedades. Estas situações são explicadas historicamente e a investigação geográfica tem o seu poder explicativo tanto mais significativo quanto mais aquelas situações estão vinculadas ao espaço econômico ou espaço político por um lado, e quanto mais nos distanciamos do passado, por outro lado, onde as técnicas utilizadas pe

los homens eram bem mais rudimentares. Um exemplo patente desta aproximação entre geografia e sociologia é dada pela explicação da economia agrário-escravista de atendimento ao mercado externo do nosso período colonial no Brasil.

O terceiro princípio nos diz que a geografia estuda fenômenos diferentes num mesmo espaço - região - ou fenômenos idênticos em espaços diferenciados. A sociologia tem semelhante comportamento em estudos comparativos. Podemos estudar os movimentos messiânicos, por exemplo, no mundo todo, em determinado período, ou um movimento messiânico restrito a uma só região. Em ambos os casos as relações entre o sistema produtivo e as instituições sociais, entre os membros do grupo messiânico e a sociedade envolvente, entre a ideologia messiânica e a ideologia predominante no meio rural ou urbano, enfim, a interação social é buscada como objetivo da pesquisa no intuito de explicar o fenômeno em cada caso em particular.

O quarto princípio postula um cunho pragmático para a geografia. De fato, também as ciências humanas ou sociais devem ter um objetivo último - intervir na realidade racionalmente, segundo os princípios e valores que vigoram no grupo social que foi objeto de investigação. Ciências de observação, geografia e sociologia têm um vasto campo de cooperação na busca de uma compreensão para qualquer problema em foco. Sobre este último ponto Sorre criticou a especialização exagerada bem como o uso e abuso de adjetivos ao nome da ciência que ensinou e praticou. Nunca desvinculou, porém, a pesquisa em geografia de uma melhor utilização dos recursos naturais, de uma possível intervenção racional na realidade, em decorrência de soluções surgidas em laboratórios e em trabalho de campo.

Cabe lembrar novamente aqui a afirmação de Sorre sobre a unidade do homem indivisível e o recurso didático das abstrações tais como *homo oeconomicus*, *religiosus*, *politicus*. Citando o professor Libault: "Como costumava dizer o professor Max. Sorre, este apetite de qualificativos (aplicada, ativa...) mal disfarça a incapacidade de fazer 'geografia'" (Libault, 1971: 2).

Das obras de Sorre duas visavam primordialmente difundir o conhecimento geral da Geografia Humana, como texto didático. A primeira, de 1554 páginas, os "Les Fondements de la géographie humaine" nos três conhecidos livros - fundamentos biológicos, fundamentos técnicos, e habitat e conclusão geral. A segunda, o "Traité de géographie humaine. L'Homme sur la terre", de 336 páginas. Ambas têm a visão da geografia como ciência eminentemente ecológica e neste intuito seguem o método pedagógico da geografia com a função dupla de formação e de informação. Os exemplos em ambas as obras informam suficientemente o leitor sobre o conteúdo geográfico de cunho ecológico e do aspecto social desta ciência. Com a finalidade de satisfazer à necessidade didática, o próprio Sorre colocou no terceiro tomo dos Fondements, um quadro sinótico de análise da obra, formando um tratado de geografia humana, "cujos temas foram colocados dispersos no texto segundo as necessidades de argumentação" (Sorre, 1952: 493).

Sorre, professor e pesquisador de geografia, soube perceber o alcance desta ciência no que se refere ao seu aspecto social e a sua forma de ensino. O livro "Rencontres de la Géographie et de la Sociologie", de 1957, nos explica como, no dizer do Prof. Cholley: "O fato geográfico não aparece como um elemento simples que se pode isolar para estudar sua estrutura e sua gênese. É na realidade um complexo, faz sempre parte de um conjunto, ou se quiser, de uma combinação que exprime uma verdadeira conver

gência, de diferentes ordens. E é precisamente nesta convergência que reside o interesse geográfico, pois esta convergência se traduz na superfície do planeta, pelas paisagens que lhe dão aspectos diversificados" (Cholley, 1948: 3). Nesta obra percebemos a preocupação didática do autor em mostrar que o meio geográfico se apresenta sob dois aspectos: um aspecto natural e um aspecto humanizado. Destes dois aspectos se ocupa a geografia humana, com sua característica de ciência social, e com o método de visão ou enfoque ecológico, conforme Sorre preconizou em suas atividades profissionais.

Bibliografia

- CLAVAl, Paul - 1976 - Essai sur l'évolution de la géographie humaine. 2a. ed. Paris, Les Belles Lettres. 201 p. (Cahiers de Géographie de Besançon - 25).
- CHOLLEY, André - 1948 - Géographie et Sociologie. "Cahiers Internationaux de Sociologie" vol. V, 3e. série: 3-21.
- DARYLL, Forde C. - 1966 - Habitat, economía y sociedade. Introducción geográfica a la etnología. (trad. de Maria Carmen Huera Cabeza). Barcelona, Ed. Oikos-tau, ilustr. 521 p. (1a. edição na Inglaterra em 1934; tradução da 15a. ed. inglesa de 1963).
- LIBAULT, André - 1971 - Os quatro níveis da pesquisa geográfica. USP/FFLCH - Depto. de Geografia. Instituto de Geografia. Série Métodos em questão, nº 1, 14 p.
- SORRE, Max. - 1938 - (org.) L'enseignement de la géographie. Paris. Cahiers de Pédagogie moderne. Introdução de Max. Sorre.
- SORRE, Max. - 1952 - Les Fondements de la Géographie Humaine. Tome III. L'Habitat Conclusion Générale. Paris. A.Colin. ilustr. 499 p.
- UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) - 1965 - Source book for geography teaching. London, Longmans. 254 p.
- TULIPPE, Omer - 1954 - Méthodologie de la géographie. L'enseignement de la géographie. 2a. ed. Liège, Sciences et Lettres (Université de Liège - Cours de la Faculte des Sciences). 153 p.

RESUMO E CONCLUSÃO

Resumo

Procuramos neste trabalho traçar o perfil da geografia de Sorre. Baseamo-nos em seus livros, no curso que deu no Centre D'Études Sociologiques, do qual foi fundador junto com Georges Gurvitch, em seus artigos e comunicações ou comentários.

Para situar nosso autor no contexto da ciência geográfica iniciamos com o esboço biográfico do mesmo, dando em seguida, uma visão "à vol d'oiseau" da geografia no fim do século XIX, destacando a posição do determinismo como argumento de afirmação da geografia perante as demais ciências humanas.

Na área da disputa entre geografia e sociologia, descrita por Lucien Febvre, e mencionada por inúmeros geógrafos, encontramos a morfologia social. Esta surgiu como fruto das discussões entre geógrafos e sociólogos na disputa por um objeto próprio para suas respectivas disciplinas e ciências. Sorre tem consciência desta discussão inicial e sempre advoga a colaboração entre as duas disciplinas para o progresso de ambas.

Em seguida, situamos a ecologia na geografia sorreana como domínio ou campo de estudo e como posição metodológica. Temos em Sorre elementos para fixar a ecologia menos como área de investigação da geografia que como posição metodológica da mesma. É esta segunda, a visão de Sorre ao conceituar e praticar geografia. É bem verdade que em vez de oposição ou antagonismo em considerar a ecologia como campo de estudo ou como método da geografia, existe entre estes dois enfoques mais uma complementação. uma interdependência do que qualquer outra coisa. A ecologia como método na geografia apresenta os seguintes postulados: 1) a e-

ecologia humana nunca estuda os organismos vivos salvo quando em relação com o meio natural; 2) a ecologia humana sempre estuda as relações homem X homem e nunca as relações homem X meio; 3) a ecologia humana sempre tem uma conotação espacial, pois limita seu campo a certos aspectos da vida comunitária ou regional.

Destes postulados derivamos o seguinte corolário: A ecologia enquanto abrange as relações ser vivo X meio ambiente, e sendo a ação humana sempre executada por grupos sociais, existe entre geografia e sociologia uma ponte de ligação que é necessariamente a ecologia humana. Por outro lado, a geografia tem necessariamente um enfoque ou uma abordagem ecológica ao tratar das relações entre os elementos físico, biológico e humano.

Compreendida a posição metodológica de Sorre no que concerne a ecologia, passamos a ver alguns temas cuidadosamente tratados pelo Autor. Neste sentido tratamos da mobilidade geográfica como fator de formação e evolução do ecúmeno através das migrações. Este tema, caro ao professor Sorre, é uma consequência de sua visão ecológica da ciência geográfica, onde os elementos: ecúmeno, técnica, habitat e crenças e valores formam o núcleo do qual irradiam os demais conceitos.

Um outro tema tratado foi o de espaço social, conceito derivado em consequência da mobilidade geográfica e mobilidade social. Sorre foi o primeiro geógrafo a conceituar espaço social; foi o primeiro geógrafo vivamente preocupado com as relações ou com o encontro entre a geografia e a sociologia.

Professor, Diretor de Escolas e Presidente de Centro de Pesquisas, Sorre, interessou-se também pelo ensino de sua ciência. Via o ensino da geografia com uma dupla função: formação do espírito e bagagem de informações. O objetivo primordial é o

da formação, da educação do aluno na ciência geográfica: a bagagem de informações simples e certas é um instrumento, uma ferramenta para a formação. Ciência de observação, a geografia tem, mais que outras ciências humanas, esta característica e esta exigência de formação, de preparo do espírito para a interpretação da realidade social sob o ponto de vista espacial.

Concluindo este trabalho observamos que para Max. Sorre a geografia é uma ciência eminentemente social com um método tipicamente ecológico. É patente esta dupla caracterização da geografia humana nas obras de Sorre.

Conclusão

Deste estudo introdutório ao pensamento de Max. Sorre podemos consignar as seguintes observações finais. Primeiro, Sorre teve na ciência geográfica duas características marcantes.

Pertencendo à Escola Francesa de Geografia, de inspiração lablachiana, Sorre apresenta-nos uma primeira característica ao incorporar à geografia uma visão ecológica. Esta visão é assimilada pela geografia não como objeto de estudo, como campo ou domínio de observação, mas como uma orientação ao pesquisador de geografia humana. Sorre foi o primeiro geógrafo a aproximar a biologia da geografia através desta visão ecológica.

Este método ecológico se manifesta de modo típico nos temas centrais da geografia sorreana: ecúmeno, técnica, habitat e meio social. Sorre nunca desvincula os elementos do sistema. Mesmo ao analisar separadamente um ou outro elemento, sempre o faz no contexto do todo, procurando permanentemente a teia de relações homem X meio ambiente através da técnica. Este enfoque ecológico é tão inseparável da geografia humana que o próprio Sorre designa parte de sua obra como uma ecologia do homem. A ecologia é o fio con

dutor da geografia sorreana no labirinto das discussões entre geógrafos e sociólogos em busca da autonomia e de um objeto próprio de investigação para as suas respectivas disciplinas. Não sem razão afirma o Prof. Ary França: "A geografia humana torna-se uma ecologia do homem" (França, 1950: 5).

A outra característica de Sorre é a da aproximação entre geografia e sociologia. Conhecedor da disputa acirrada entre geógrafos e sociólogos por suas respectivas disciplinas e conhecedor da Escola de Chicago com a introdução da ecologia humana na explicação dos estabelecimentos urbanos, Sorre procurou fundamentar o caráter social da ciência geográfica, numa aproximação, ou conforme suas próprias palavras, num encontro entre a geografia e a sociologia. O contato frequente com sociólogos e sua posição de Presidente do Centro de Estudos Sociológicos, ao lado de Georges Gurvitch, certamente propiciaram esta aproximação. O recente interesse pela geografia social tem em Max. Sorre uma fonte perene de informações e um pioneiro, muito embora Sorre não gostasse de compartilhar a sua ciência. Para ele geografia humana e geografia social é uma só e mesma coisa. O qualificativo é que muda sem alterar nem a essência ou o campo de estudo nem o método de pesquisa. A geografia social tem seu interesse justificado unicamente em estudos e discussões acadêmicas, diferenciando-se muito pouco, para não dizer nada, da nossa conhecida geografia humana. Parece-nos que estamos aqui diante de uma questão de semântica, quando na geografia anglo-saxônica ainda é remota a diferença entre "social geography", "cultural geography" e a geografia humana de origem francesa. Sim, a geografia sorreana é uma ciência eminentemente social. Social por seu objeto: a paisagem humana ou a ação humana sobre a superfície da terra. Ora, esta ação humana é sempre exercida por grupos sociais e dentro de valores, ou motivada por uma ideologia dominante, com a utilização das técnicas que os diferen-

tes modos de produção permitem desenvolver. Social por sua semelhança com as demais ciências sociais, com as quais a geografia compõe um todo harmônico, procurando elucidar - junto com a sociologia, a antropologia, a política, a história e a economia - a unidade da ciência social, cujos ramos de saber tornaram-se disciplinas ou ciências autônomas apenas para fins acadêmicos e institucionais.

Desta dupla conclusão: a geografia é uma ciência eminentemente social e tem um método tipicamente ecológico, derivamos alguns corolários.

O primeiro corolário ressalta que Sorre enfatiza o caráter social da ciência geográfica, e ele o faz dentro de sua especialidade. Isto significa que Sorre não esconde nunca a especificidade ou a particularidade de sua ciência. Estamos diante de uma ciência social cuja essência é vincular o social ao espaço. Sorre não se esquece da afirmação de La Blache: "a geografia é a ciência dos lugares, não dos homens" e completa esta definição apresentando-nos a geografia como a ciência da interrelação entre o homem e o espaço. Para Sorre a geografia humana é a ciência da paisagem humana, ou da ação humana sobre o ambiente, comportando este o meio físico e o elemento biológico. Sorre não perde por isso sua identidade de geógrafo. Pelo contrário a sua geografia é enriquecida pela aproximação com a sociologia.

O segundo corolário ~~o~~ distingue entre domínio próprio e perspectiva ou método. Ao afirmarmos que para Max. Sorre, a ecologia se coloca na posição de método, queremos dizer que a ecologia e a geografia se completam. O campo de estudo da geografia é o espaço, ou melhor, o espaço humanizado. A ecologia entra aqui como uma orientação, como um guia a nortear a relação ou a combinação entre meio físico, meio biológico e meio humano ou social.

Um terceiro corolário é a colocação da geografia sorreana no Possibilismo de um lado e no Ambientalismo de outro. Por Ambientalismo queremos significar a posição da ecologia como método de investigação geográfica. De fato Sorre inaugurou esta visão na geografia, ou conforme alguns autores, Sorre fundou a Escola Ambientalista, oriunda esta do Possibilismo. Neste vocábulo Ambientalismo distinguimos duas coisas: primeiro o Determinismo ou Escola Determinista, mais recentemente conhecida por Ambientalismo, sobretudo nos autores anglo-saxônicos. Segundo, o Ambientalismo, a Escola Ambientalista ou de Ecologia Humana. São duas posições diferentes que o termo ambientalismo traz erroneamente como conteúdo, em decorrência do grande uso e ampla divulgação do vocábulo, sobretudo na língua inglesa. É importante esta distinção pois as duas posições são tão diferentes quanto antagônicas em parte. A geografia sorreana tem a característica do Possibilismo, uma vez que pertence, por origem, e muito mais por conteúdo, à Escola Francesa. Por outro lado, está vinculada ao Ambientalismo por sua posição metodológica tipicamente ecológica. Neste sentido Sorre foi o pioneiro nas ciências sociais a incorporar a ecologia como método de uma ciência social, embora a Escola de Chicago tenha aplicado noções de ecologia à sociologia urbana.

Se quisermos situar a geografia sorreana nas classificações já conhecidas dentro da ciência geográfica, teríamos o seguinte quadro - Quadro III - Situação da Geografia Sorreana nas Escolas Geográficas. Assim, na classificação das escolas geográficas de Haggett, Sorre situa-se no Possibilismo, mas com uma característica peculiar: a sua visão ecológica o coloca no Ambientalismo, no sentido de uma Escola que busca explicar o equilíbrio ecológico na natureza incluindo o homem. Se tomarmos agora as quatro tradições da geografia, de Pattison, sem dúvida alguma Sorre se situa na tradição de relação homem X terra. Esta terceira tradição indica em

Quadro III

SITUAÇÃO DA GEOGRAFIA SORREANA NAS ESCOLAS GEOGRÁFICAS.

Escolas Geográficas (Haggett)

Ambientalismo: = Determinismo*
 = Visão ecológica-----

Positivismo

Possibilismo-----

Probabilismo

Geografia Normativa

Geografia Fenomenológica

Tradições da Geografia (Pattison)

Espacial

Estudo de áreas

Relação Homem X Terra-----

Grandes Definições (Claval)

Diferenciação regional da superfície da terra

Análise das influências/interações Homem X Meio-----

Ciência da paisagem

GEOGRAFIA
SORREANA

Fontes:

Haggett, Peter - 1972 - Geography: a modern synthesis. 2a.ed., New York, Harper International. ilustr. 620p.

Pattison, William D. - 1977 - As quatro tradições da geografia. "Boletim de Geografia Teorética" vol.7 (13): 101-110.

Claval, Paul - 1972 - O que é a Geografia ? "Boletim Geográfico" Ano 31(228) maio -junho: 100-107.

Arranjo: Januário F. Megale

* : Diferenciação de JFM.

Sorre o cunho social da geografia assim como o seu recurso operacional de investigação: a ecologia. Finalmente, se tomarmos as grandes definições da geografia, segundo Claval, situaremos Sorre no segundo grupo. Esta definição da geografia como a análise das influências e das interrelações entre homem X meio é semelhante à posição anterior, de relações homem X meio, segundo Pattison.

Segundo, Sorre desenvolveu uma geografia humana até certo ponto calcada nas ciências e nas disputas entre as ciências da época. É bem verdade que sua inteligência e sua pesquisa permanente fizeram com que parte da ciência geográfica desse um salto qualitativo com a sua produção científica. Este autor buscou permanentemente a explicação da relação homem X meio ambiente através da ecologia e herdou de La Blache a noção e o conteúdo do possibilismo, desenvolvendo por si próprio o aspecto social da geografia.

Ao terminar o seu último livro Sorre escreve que se daria por satisfeito se suas obras conseguissem explicar parte da ação do principal agente sobre a superfície da terra - o homem: pequena parte da lenta e duradoura evolução biológica e cultural; o único ser consciente de sua ação grupal no espaço, de vida efêmera mas fecunda; o único ser que justifica a criação e a evolução cósmica, biológica e cultural. Sorre legou-nos uma verdadeira enciclopédia que explica parte desta ação social sobre o universo, e esta parte explicada por ele é um exemplo insofismável de interdisciplinariedade, de aproximação entre as ciências, no verdadeiro espírito universitário, dentro do qual se formou, lecionou, foi Reitor e teve uma grande produção científica.

Bibliografia

- CLAVAL, Paul - 1972 - O que é a Geografia? "Boletim Geográfico" Ano 31 (228), maio-junho: 100-107.
- FRANÇA, Ary - 1950 - Novas diretrizes em geografia humana. "Boletim Paulista de Geografia" Nº 5, julho: 3-11.
- HAGGETT, Peter - 1972 - Geography: a modern synthesis. 2a.ed. New York, Harper International. Ilustr. 620p.
- PATTISON, William - 1977 - As quatro tradições da geografia. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 7 (13): 101-110.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul - 1940 - Os métodos, os processos e técnicas da pesquisa sociológica: aplicação às relações entre história e sociologia. "Sociologia", vol. II (4), 305-327.
- AZEVEDO, Aroldo de - 1976 - A geografia francesa e a geração dos anos setenta. "Boletim Paulista de Geografia" nº 50, março: 7-28.
- BAULIG, Henri - 1948 - La géographie est-elle une science? "Annales de Géographie", vol. LVII (305), jan-mar: 1-11.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline - 1963 - Entre Nous - Maximilien Sorre 1880-1962. "L'Information Géographique" ano 27 (1). janv-févr: 38-39.
- BOUGHEY, Arthur S. - 1971 - Man and the environment. An introduction to human ecology and evolution. New York. MacMillan Co. 472 p.
- BOYÉ, Marc - 1974 - É a geografia uma ciência? "Boletim Geográfico" ano 33 (242), set-out: 5-17.
- BROC, Numa - 1970 - Histoire de la géographie et nationalisme en France sous la IIIe. République (1871-1914). "L'Information Géographique" (1), 21-26.
- BROC, Numa - 1974 - L'établissement de la géographie en France. Diffusion, institutions, projets (1870-1890). "Annales de Géographie" vol. LXXXIII (459), sept-oct., 545-568.
- BROC, Numa - 1977 - La géographie française face à la science allemande. "Annales de Géographie" 86e. (473), 71-94.
- BRUNHES, Jean - 1947 - La géographie humaine. 2e. éd. Paris, Presses Universitaires de France, 365 p. (ed. abreviada org. p. J.B. Delamarre e P. Deffontaines).
- BURTON, Ian - 1977 - A revolução quantitativa na Geografia. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 7 (13): 63-85.

- BUTTIMER, Anne (Sister Mary Annette, O.P.) - 1969 - Social space in interdisciplinary perspective. "Geographical Review", vol. 59 (3), July: 417-426.
- CASTRO, Claudio de Moura - 1972 - A ortodoxia metodológica nas ciências sociais. "Boletim Geográfico" (31 (231), nov-dez: 99-108.
- CHOLLEY, André - 1946 - Remarques sur quelques points de vue géographique. "L'Information Géographique" ano 12 (30, mai-juin: 85-90 e ano 12 (4), sept-oct: 127-135.
- CHOLLEY, André - 1948 - Géographie et Sociologie. "Cahiers Internationaux de Sociologie" vol. V, 3e. série: 3-21.
- CHOMBART DE LAUWE, P.H. - 1952 - Paris et l'agglomération parisienne.
 1. L'espace social dans une grande cité. 262 p.
 2. Méthodes de recherche par l'étude d'une grande cité (écologie, statistique, expression graphique), 111 p. Paris. Presses Universitaires de France. 1952.
- CLAVAL, Paul - 1967 - Géographie et profondeur sociale. "Annales - Économies. Sociétés, Civilisations" ano 22 (5), sept-oct: 1005-1046.
- CLAVAL, Paul - 1972 - O que é a Geografia? "Boletim Geográfico" Ano 31 (228), maio-junho: 100-107.
- CLAVAL, Paul - 1976 - Essai sur l'évolution de la géographie humaine. 2e. éd. Paris, Les Belles Lettres. 201 p. (Cahiers de Géographie de Besançon n° 25).
- CLOZIER, René - 1942 - Les étapes de la géographie. Paris Presses Universitaires de France (Que sais-je?).
- DARYLL, Forde C. - 1966 - Habitat, economía y sociedad. Introducción geográfica a la etnología. (trad. de Maria Carmen Huera Cabeza). Barcelona, Ed. Oikos-Tau, ilustr. 521 p. (1a. edição na Inglaterra em 1934; tradução da 15a. ed. inglesa de 1963).

- DECHESNE, Laurent - 1918 - Economie coloniale. Liège, Joseph Wykers. 237 p.
- DELMARLE, Jean - 1973 - Classes et lutte des classes. L'avenir de l'homme, de la société. Paris, Ed. Ouvrières. 325 p. (Collection "Points d'Appui").
- DEMANGEON, Albert - 1947 - Problèmes de géographie humaine. 3e. ed. Paris. Armand Colin. 407 p.
- DERRUAUX, Max. - 1973 - Tratado de Geografia Humana (trad.). 6a. ed. Barcelona. Vicens-Vives. 688 p.
- DURKHEIM, Emile - 1928 - La división del trabajo social. (Trad., Carlos G. Posada). Madrid. Daniel Jorro, 491 p. (Bibliot. Científico-Filosofica).
- DURKHEIM, Emile - 1963 - As regras do método sociológico. (trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz). 3a. ed. S.Paulo, Nacional, 140 p. (Iniciação científica v. 15).
- EICHENBAUM, Jach e GALE, Stephen - 1971 - Form, function and process: a methodological inquiry. "Economic Geography" vol. 47 (4), october: 525-545.
- FAISSOL, Speridião - 1972 - Teorização e quantificação na Geografia. "Rev. Bras. de Geografia" 34 (1), jan-mar: 145-164.
- FEBVRE, Lucien - 1938 - La terre et l'évolution humaine, Introduction géographique à l'histoire. Paris, Ed. Albin Michel 471 p. (L'Évolution de l'humanité).
- FRANÇA, Ary - 1950 - Novas diretrizes em geografia humana. "Boletim Paulista de Geografia" nº 5. julho: 3-11.
- FREEMAN, W. - 1965 - A hundred years of geography. 2d. ed. London, University Press Papers. 335 p.
- GALLOIS, Lucien - 1900 - Le Congrès de Berlin. "Annales de Géographie" Ano 9 (43), 1900: 75-71.
- GEORGE, Pierre - 1962 - La vie et l'oeuvre de Max. Sorre. "Annales de Géographie" ano LXXI (387), sept-oct: 449-459. (Há tradução portuguesa desta memória em "Boletim Geográfico" ano 26 (201). nov-dez: 1967, 15-22).

- GEORGE, Pierre - s/d - A ação do homem (trad. Octavio Mendes Caja do). S.Paulo, Dif. Européia do Livro. 214 p. (Coleção Terras e Povos/6).
- GETTYS, Warner E. - 1940 - Human ecology and social theory. "Social Forces" vol. 19 (4), may: 469-476.
- GOTTMANN, Jean - 1947 - De la méthode d'analyse en géographie humaine. "Annales de Géographie" LVI (301), janv-mars: 1-12.
- GUSDORF, Georges - 1977 - A interdisciplinaridade. "Ciências Humanas" vol. 1 (2), julho-setembro: 13-22.
- HAGGETT, Peter - 1972 - Geography: a modern synthesis. 2a. ed. New York, Harper International, Ilustr.
- HALBWACHS, Maurice - 1947 - Morfologia social (trad. de Francisco Pina), Mexico, Ed. America. 111 p. (Ciencias y hechos sociales, II).
- JOLIVET, Régis - 1961 - Curso de filosofia (trad. de Eduardo Prado de Mendonça). 5a. ed. Rio de Janeiro, Ed. Agir. 474 p.
- LA BLACHE, Paul Vidad de - 1913 - Des caractères distinctifs de la géographie. "Annales de Géographie" vol. 22 (124), 289-299.
- LA LANNOU, Maurice - 1949 - La géographie humaine. Paris. Flammarion. 252 p. (Bibliothèque de Philosophie Scientifique).
- LIBAULT, André - 1971 - Os quatro níveis da pesquisa geográfica. USP/FFLCH - Depto de Geografia. Instituto de Geografia. Série Métodos em questão nº 1. 14 p.
- LLEWELLYN, Emma e HAWTHORN, Audrey - 1945 - Human ecology in George Gurvitch e W.E. Moore - Twentieth Century Sociology, New York, The Philosophical Lib., 754 p. (466-499).
- LUTGENS, Rudolf - 1954 - Los fundamentos geográficos y los problemas de la vida económica (trad do original alemão de 1949). Barcelona, Ed. Omega. 312 p.
- MCKENZIE, R.D. - 1925 - The scope of human ecology. In E.W. Burgess (ed.). The urban community. Chicago, University of Chicago Presses. 167-182.

- MEGALE, Januário Francisco - 1975 - A bananicultura no litoral paulista. Um estudo de geografia econômica. Dissertação de mestrado - USP/FFLCH - Depto de Geografia. Mimeo. Ilustr. 98 p. Edição do autor.
- MEGALE, Januário Francisco - 1975a - Educação, mobilidade social e distribuição de renda no Brasil: 1960-1970. "Digesto Econômico" Ano XXXII (246), nov-dez: 141-149.
- MORAN, Pierre - 1967 - L'analyse spatiale en science économique. Paris, Ed.Cujas. 294 p.
- OLIVEIRA, Livia de - 1973 - A renovação na geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros. XXV Reunião Anual da SBPC, Rio. Simpósio Renovação da Geografia: 9-23.
- PARK, Robert Ezra - 1936 - Human Ecology. "American Journal of Sociology" XLII (1), july: 1-16.
- PARK, Robert Ezra - 1952 - Human Communities. The city and human ecology. Glencoe, Free Press. 278 p. (The Collected papers of Robert Ezra Park, v. 2).
- PATTISON, William D. - 1977 - As quatro tradições da geografia. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 7 (13): 101-110.
- QUINN, James A. - 1939 - The nature of human ecology. Reexamination and redefinition. "Social Forces" vol. 18 (2), december: 161-168.
- QUINN, James A. - 1950 - Human ecology. New York, Prentice Hall. 561 p.
- REYNAUD, Alain - 1975 - A noção de espaço em geografia. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 5 (9 e 10): 17-32.
- RIBEIRO, Darcy - 1968 - Estudos de Antropologia da civilização. I O processo civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 265 p. (Perspectivas do homem. vol. 55 - Série Antropologia).
- ROCHER, Guy - 1971 - Sociologia geral (trad. de Ana Ravara). Lisboa, Ed. Presença. 223 p. Cap. II - A sociedade tecnológica: 42-79.

- SCHAEFFER, Fred. K. - 1977 - O excepcionalismo na geografia, um estudo metodológico. "Boletim de Geografia Teorética" vol. 7, nº 13, 1977: 5-37.
- SOROKIN, Pitirim A. - 1965 - Social and cultural mobility. New York, Free Press, 645 p. Cap. 1. Social space, social distance and social position. pp. 3-10. Há tradução portuguesa: Espaço social, distância social e posição social in Fernando H. Cardoso e Octavio Ianni - Homem e Sociedade. Leituras de sociologia geral 2a. ed. São Paulo. Edit. Nacional 317 p. (223-230).
- SORRE, Max. - 1933 - Étude de l'habitat rural d'après les cartes. Questions de définition et de méthode. Espagne. In Troisième rapport de la Commission d'habitat rural. Union Géographique Internationale. Paris, 1931, en vue du Congrès International de Géographie de Paris, 1933.
- SORRE, Max. (org.) - 1938 - L'enseignement de la géographie. Paris. Cahiers de Pédagogie moderne. Introdução de Max. Sorre.
- SORRE, Max. - 1947 - Les fondements de la géographie humaine. Tome premier. Les fondements biologiques. Essai d'une écologie de l'homme. 2e. ed. revue et augmentée. Paris. A.Colin. 447 p.
- SORRE, Max. - 1948 - Les fondements de la géographie humaine. Tome II - Les fondements techniques. Paris, A.Colin. 608 p.
- SORRE, Max. - 1949 - Initiation aux recherches sur la géographie humaine. Centre d'Études Sociologiques, Paris, Centre de Documentation Universitaire. 57 p.
- SORRE, Max. - 1952 - Les fondements de la géographie humaine. Tome III - L'Habitat - Conclusion générale. Paris, A.Colin. 499 p.
- SORRE, Max. - 1953 - Morphologie sociale. Démographie. "Année Sociologique" 3e. série (1951). 3e. section: 195-202.
- SORRE, Max. - 1955 - Les Migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique. Paris, Flammarion. 265 p. (Bibliothèque de Philosophie Scientifique).
- SORRE, Max. - 1954 - Géographie psychologique, in Henri Piéron - Traité de psychologie appliquée. Livre VI - Chap. III - L'adaptation au milieu climatique et bio-social. Paris: P.U.F. 52p.

- SORRE, Max. - 1957 - Rencontres de la géographie et de la sociologie. Paris, Marcel Rivière. 213 p. (Petite Bibliothèque Sociologique Internationale).
- SORRE, Max. - 1961 - Traité de géographie humaine. L'Homme sur la terre. Paris, Hachette. 366 p.
- 1967 - Tradução espanhola: El hombre en la tierra. (trad. Francisco Payrols), Barcelona, Ed. Labor. 317 p.
- TATHAM, George - 1959 - A geografia no século dezenove. "Boletim Geográfico" XVII (150), maio-jun: 186-226.
- THEODORSON, George A. - 1958 - Human ecology and human geography. In Joseph S. Roucek (ed.), Contemporary Sociology. New York Philosophical Library: 339-357.
- TULIPPE, Omer - 1954 - Méthodologie de la géographie. L'enseignement de la géographie. 2a. éd. Liège, Sciences et Lettres (Université de Liège - Cours de la Faculté des Sciences). 153 p.
- UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) - 1965 - Source book for geography teaching. London, Longmans. 254 p.
- VALKENBURG, Samuel van - 1960 - Escola germânica de geografia. "Boletim Geográfico" XVIII (159), nov-dez: 973-990.
- WAIBEL, Leo - 1961 - Determinismo geográfico e geopolítico. "Boletim Geográfico" XIX (164), set-out: 612-617.
- WHITE, C. Landon e RENNER, George T. - 1936 - Geography. An introduction to human ecology. New York, Appleton-Century. 790 p.
- WIRTH, Louis - 1945 - Human ecology. "American Journal of Sociology" L(6), may: 483-489.

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

